

Mestrado em História e Património  
Estudos Locais e Regionais – Construção de Memórias

# Representações Musicais em Lisboa nos séculos XVIII e XIX na *Gazeta de Lisboa* Ana Catarina Teixeira Machado

**M**

2017



**Ana Catarina Teixeira Machado**

**Representações Musicais em Lisboa nos séculos XVIII e XIX na  
*Gazeta de Lisboa***

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património – Ramo Construção de  
Memórias, orientada pela Professora Doutora Amélia Polónia  
e coorientada pelo Professor Doutor José Abreu

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2017

# Representações Musicais em Lisboa nos séculos XVIII e XIX na *Gazeta de Lisboa*

Ana Catarina Teixeira Machado

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património – Ramo Construção de Memórias, orientada pela Professora Doutora Amélia Polónia e coorientada pelo Professor Doutor José Abreu

## Membros do Júri

Professora Doutora Helena Osswald  
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Conceição Meireles  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Amélia Polónia  
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Novembro de 2017

Classificação obtida: 18 valores

*à minha avó*

# Índice

Agradecimentos .....	1
Resumo .....	3
Abstract .....	4
Introdução .....	5
Capítulo 1 – A Gazeta de Lisboa: Contextos de produção, metodologia de tratamento e construção de uma base de dados .....	13
1.1. Historial da Gazeta de Lisboa.....	13
1.1.1. Impressão e Venda da Gazeta de Lisboa .....	16
1.1.2. Notícias .....	20
1.2. Metodologia de Construção de uma Base de Dados .....	23
Capítulo 2. – Géneros Musicais, Agentes de Promoção e Agentes Musicais .....	27
2.1. Eventos e Promotores.....	27
2.1.1. Tipologia de Promotores .....	28
2.1.2. Tipologia de Espaços utilizados .....	29
2.2. Géneros Musicais .....	33
2.3. Agentes Musicais: Cantores, Compositores e Músicos .....	50
Capítulo 3. – Espaços de realização de eventos musicais – o caso de Lisboa.....	57
3.1. Lisboa do Século XVIII.....	57
3.1.1. Distribuição Topográfica dos Eventos .....	59
Capítulo 4. – Públicos e suas Sociabilidades .....	65
4.1. A Sociedade Lisbonense do Século XVIII e inícios do XIX .....	65
4.2. Eventos e Públicos .....	78
4.2.1. Tipologia de Público.....	78
4.2.2. Tipologia de Espaços frequentados pelos Públicos.....	83
Considerações finais.....	88
Fontes.....	92
Referências Bibliográficas .....	93
Anexos .....	98
Anexo 1 – Base de Dados de FileMaker .....	99
Anexo 2 – Taxonomia dos Promotores dos Eventos Musicais .....	100
Anexo 3 – Agentes Musicais: Músicos, Cantores e Compositores.....	110
Anexo 4 – Tipologia dos Espaços onde se realizavam eventos musicais .....	115

Anexo 5 – Mapa dos Locais de celebração de eventos musicais, em Lisboa, entre 1715 e 1820 .....	119
Anexo 6 – Taxonomia dos Públicos dos Eventos Musicais .....	120

## **Agradecimentos**

A realização e finalização desta obra é um empreendimento pessoal. No entanto, esta conquista não é unicamente minha e, por isso, cabe-me deixar aqui uma nota de apreço a todos os que, voluntária ou involuntariamente, me ajudaram.

Tenho que agradecer em primeiro lugar aos meus orientadores, a Prof. Doutora Amélia Polónia e o Prof. Doutor José Abreu, que, sabendo das minhas dificuldades pessoais, sempre me apoiaram, dando-me todo o espaço e apoio que precisei para colocar as ideias em ordem. Por essa razão, serei eternamente grata por tudo o que fizeram.

Quero também deixar aqui uma palavra à Prof. Doutora Cristina Cunha que, enquanto Coordenadora Científica do CITCEM, me deu todo o apoio para seguir em frente com os meus projetos. Sem ela, o Seminário de História da Música nunca teria visto a luz do dia. Agradeço também ao Prof. Doutor António Barros Cardoso por ser incansável, por estar sempre disposto a ajudar e por nunca ter duvidado de mim. Também, por isso, ser-lhe-ei eternamente agradecida!

De seguida, tenho que agradecer ao meu companheiro de aventura, o Dr. Miguel Nogueira, que com a sua paciência infinda conseguiu trabalhar comigo durante meses, sem nunca desistir ou perder as estribeiras... acredito que não tenha sido fácil! Também deixo aqui patente a minha gratidão ao Prof. Doutor João Carlos Garcia, que sempre esteve disponível para me tirar as dúvidas sobre cartografia.

Agradeço também aos funcionários da Biblioteca Central da FLUP, nomeadamente à Carolina, Clara, Cláudia, Laura, Marlene e Jorge, que se mostraram não só competentes, mas acima de tudo, amigos. À Carolina e à Laura serei sempre grata porque se não fossem elas eu não teria o meu Tintim, mas também à Cláudia e à Marlene, que levarei sempre no meu coração pela grande amizade que lhes tenho.

À minha família, tenho que expressar o amor pelas mulheres da minha vida. À minha avó que me criou e que está sempre no meu pensamento, à heroína que é a minha mãe, Nanda, à minha irmã Joana, à minha madrinha, Fátima (que amo como a uma mãe) e, não menos importante, ao homem da casa, o meu padrinho Luís, que me incutiu o grande amor pela história e pela música e foi o maior impulsionador da minha vida académica e sei que sem ele não teria chegado aqui.

À minha pequena afilhada, Matilde que, vivendo em Lisboa, sempre se mostrou compreensiva nas suas vindas ao Porto, mesmo quando teve que ver filmes sozinha porque eu estava muito focada no meu trabalho e não lhe dei a devida atenção.

Aos meus primos (que são como irmãos) Tó, Natália, Pedro e Inês, agradeço por me darem sempre guarida nas minhas idas a Lisboa e por estarem sempre prontos a ajudar. Estarei eternamente agradecida por tudo.

Quero também agradecer aos meus colegas de curso, do Clube de História e da *Omni Tempore*, por estarem sempre prontos a ajudar e a apoiar-me nas minhas aventuras.

Deixo aqui uma palavra de homenagem ao Joaquim e ao Zé Carlos, duas pessoas que deixam muita saudade e que estarão sempre no pensamento e no meu coração.

Por fim, e o mais importante, ao Fernando, o meu companheiro de todas as aventuras académicas e pessoais, a única pessoa que nunca duvidou de mim, sempre acreditou nas minhas capacidades e me faz acreditar, todos os dias, que melhores dias virão. Por seres quem és, mas especialmente por seres a razão do meu sorriso, te trago sempre comigo.



## Resumo

Tomando como base de análise a *Gazeta de Lisboa*, nomeadamente os cerca de 11 800 números publicados entre 1715 a 1762 e 1778 a 1820, esta dissertação procura responder a algumas questões-chave, a saber: quem são os promotores dos eventos noticiados? Que tipo de públicos se encontravam presentes? Que músicos/ cantores/ compositores são mencionados? Quais os locais identificados? Que locais se mantêm após o Terramoto de 1755? Que géneros musicais aparecem mais vezes referidos? Podem-se estudar tendências musicais a partir deste periódico?

A pertinência deste tema advém do entendimento de que as manifestações artísticas, nomeadamente musicais, são importantes indicadores para o estudo da centralidade de determinados espaços políticos e sociais, bem como para elucidar acerca de formas de representação social e de sociabilidades das elites. Desta análise podem também extrair-se indicadores acerca da relação de determinado espaço político-cultural com outros centros de produção artística.

Procurando ir além do estado da arte, a presente dissertação divide-se em quatro capítulos, que tratam, respetivamente: 1. da apresentação da *Gazeta de Lisboa*; 2. dos géneros musicais e dos agentes de promoção e dos agentes musicais; 3. dos locais de realização desses eventos antes e depois do Terramoto e, por último, 4. dos públicos e as suas sociabilidades.

**Palavras-chave:** Portugal, *Gazeta de Lisboa*, Espaços Musicais, Manifestações Musicais, Sociabilidades.

## **Abstract**

Based on the analysis of the *Gazeta de Lisboa*, namely the about 11 800 issues published between 1715-1762 and 1778-1820, this dissertation aims to answer some key questions, of which some stand out: who are the promoters of the events? What audiences were present at the events? Which music/singers/composers are mentioned? Which places are mentioned? Which of those places survived the earthquake of 1755? Which musical genres are reported more often? Can we study musical tendencies from this periodical publication?

Artistic manifestations, namely music, are important indicators for the study of the centrality of certain political and social places, as well as to enlighten ways of social representation, like the sociability of the elites or the relation of a specific political and cultural place with others centers of artistic and cultural production.

Trying to go beyond the state of the art, this dissertation is divided in four chapters, based on: 1. a presentation and analysis of the *Gazeta de Lisboa*; 2. the musical genres, the musical agents and the promoters; 3. the places of representation before and after the 1755 earthquake; 4. the audiences and their sociabilities.

**Keywords:** Portugal, *Gazeta de Lisboa*, Musical Spaces, Musical Manifestations, Sociabilities.

## Introdução

Existem enfoques múltiplos sobre a música em Portugal no século XVIII, a maior parte dos quais enfatizando a presença de músicos estrangeiros em Portugal e as correntes musicais que, no contexto do Barroco português, se multiplicaram. Neste conspecto, destacam-se autores como João Freitas Branco,<sup>1</sup> Manuel de Carlos Brito e Luísa Cymbron,<sup>2</sup> Rui Vieira Nery, Paulo Ferreira Castro<sup>3</sup> e Joseph Scherepeel.<sup>4</sup> À luz do que se sabe sobre o Barroco e as suas variadas representações artísticas, é possível afirmar que as elites utilizavam a arte como forma de sociabilidade e de socialização. No caso da música, podemos apresentar como exemplo os saraus, as serenatas, os bailes ou mesmo as cerimónias religiosas, nas quais a música detinha um papel de relevo.

Este estudo procura ocupar espaços ainda por preencher na produção historiográfica nacional, ao centrar-se no estudo dos espetáculos musicais como forma de representação social, durante o século XVIII português, para tal utilizando, como universo de análise, as notícias publicadas na *Gazeta de Lisboa* e seus *Suplementos*, de 1715 a 1820. A escolha da fonte que elegemos como suporte empírico deste estudo apresenta-se em simultâneo como natural e inevitável, tendo em conta os objetivos desta dissertação. A história da música em Portugal cita e usa com frequência este periódico e, à medida que as diversas leituras foram feitas, percebeu-se que não haveria melhor forma de estudar este tema do que observando o que acontecia através dos olhos dos homens (e das mulheres) da época, isto é, através do que era considerado merecedor de notícia numa revista vocacionada, ela própria, a uma elite urbana e se constituía como meio de comunicação social da época, à imagem do que ocorria em outros espaços europeus.

Esta dissertação cruza os contributos do estado arte sobre a história social e cultural e a história da música, em Portugal, nos séculos XVIII e inícios do XIX, cruzando essas perspetivas com as leituras e notícias dos diversos redatores da *Gazeta de Lisboa*, o

---

<sup>1</sup> João de Freitas Branco, *História da Música Portuguesa*. (Lisboa: Publicações Europa-América, 4ªed, 2005).

<sup>2</sup> Manuel Carlos de Brito, *Estudos de História da Música em Portugal*. (Lisboa: Editorial Estampa, 1989).  
Manuel Carlos de Brito, *Opera in Portugal in the Eighteenth Century*. [Tese de Doutoramento], (Cambridge University Press, 1989).

Manuel Carlos de Brito e Luísa Cymbron, *História da Música Portuguesa*. (Lisboa: Universidade Aberta, 1992).

<sup>3</sup> Rui Vieira Nery e Paulo Ferreira de Castro, *History of music*. (Lisboa: Comissariado para a Europália 91 – Portugal, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1991).

<sup>4</sup> Joseph, Scherpereel. *A Orquestra e os instrumentistas da Real Câmara de Lisboa de 1764 a 1834*. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Música, 1985).

maior periódico setecentista português; à luz de algumas questões-chave: Qual o perfil político-social dos promotores e públicos? Que locais eram utilizados para as representações musicais? Que músicos/ cantores/ compositores são mencionados? Que géneros musicais são referidos? É dada maior relevância a manifestações musicais profanas ou religiosas?

Algumas destas questões mereceram já a atenção de um número considerável de estudiosos, maioritariamente musicólogos, que traçam um panorama geral e avançam algumas ideias que se institucionalizaram sobre a história da música em Portugal durante o período de tempo em análise: o século XVIII e o início do século XIX.

João de Freitas Branco,<sup>5</sup> Rui Vieira Nery,<sup>6</sup> Luísa Cymbron,<sup>7</sup> Manuel Carlos de Brito,<sup>8</sup> Paulo Ferreira de Castro,<sup>9</sup> Mário Vieira de Carvalho<sup>10</sup> e Cristina Fernandes<sup>11</sup> são os principais autores sobre a história da música em Portugal para o período em causa. Da sua autoria podemos encontrar obras gerais sobre o tema, das quais destacamos a *História da Música Portuguesa*<sup>12</sup> de Freitas Branco, a *History of Music*<sup>13</sup> de Nery e Ferreira de Castro, a *História da Música Portuguesa*<sup>14</sup> de Cymbron e Manuel Carlos de Brito, os *Estudos da História da Música Portuguesa* de Brito<sup>15</sup> ou *Olhares sobre a Música Portuguesa do Século XVIII*, obra coordenada por Jorge Alexandre.<sup>16</sup> Para estudos mais

---

<sup>5</sup> Branco, *História da Música*.

<sup>6</sup> Nery e Castro, *History of Music*.

Rui Vieira Nery. “A Música Portuguesa na Era da Contra-Reforma: O Longo Século XVII”, Jorge Alexandre Costa (coord.), *Olhares sobre a História da Música em Portugal*. (Vila do Conde: Verso da História, 2015), 85-122.

<sup>7</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*.

<sup>8</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*.

Bruto, *Estudos da História da Música*.

Manuel Carlos de Brito. “A Música Portuguesa no Século XVIII”, Jorge Alexandre Costa (coord.), *Olhares sobre a História da Música em Portugal*. (Vila do Conde: Verso da História, 2015), 125-160.

Bruto, *Opera in Portugal*.

<sup>9</sup> Nery e Castro, *History of Music*.

<sup>10</sup> Mário Vieira de Carvalho, *Pensar é morrer ou o Teatro de São Carlos*. (Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993).

Mário Vieira de Carvalho, *Razão e Sentimento na Comunicação Musical*. (Lisboa: Relógio d’Água, 1999).

<sup>11</sup> Cristina Fernandes, *Boa voz de tiple, sciencia de música e prendas de acompanhamento*. (Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal: INET-MD – Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos de Música e Dança da Universidade Nova de Lisboa, 2013).

Cristina Fernandes, *O Sistema Produtivo da Música Sacra em Portugal no final do Antigo Regime*. [Tese de Doutoramento], (Universidade de Évora, 2010).

<sup>12</sup> Branco, *História da Música*.

<sup>13</sup> Nery e Castro, *History of Music*.

<sup>14</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*.

<sup>15</sup> Brito, *Estudos da História da Música*.

<sup>16</sup> Jorge Alexandre Costa (coord.), *Olhares sobre a História da Música em Portugal*. (Vila do Conde: Verso da História, 2015).

específicos, destacamos a obra sobre o Seminário da Patriarcal de Cristina Fernandes,<sup>17</sup> a tese de doutoramento de Manuel Carlos de Brito,<sup>18</sup> o livro de Maria Alexandra e Vanda Anastácio,<sup>19</sup> as obras sobre Marcos Portugal de António Jorge Marques.<sup>20</sup> A *Ópera do Tejo*, de Aline Gallash Hall de Beuvink<sup>21</sup> merece também menção.

Todas estas obras têm linhas em comum e transmitem a ideia de que o século XVIII português foi um período de proliferação da arte e das manifestações musicais. Aí se sublinha que, a partir de D. João IV, que governou de 1640 a 1656,<sup>22</sup> há uma preocupação com o cerimonial de corte que resulta num regimento, de 1652,<sup>23</sup> para restaurar a grandeza da Capela Real. No entanto, apenas com D. João V, 1715-1750,<sup>24</sup> é que a Capela Real chega ao seu auge com a passagem a Patriarcal, em 1716.<sup>25</sup> É com a Capela Real que aparece o Seminário da Patriarcal,<sup>26</sup> em 1713, com o objetivo de instruir jovens na arte do canto e composição, para fins religiosos. A maioria destes alunos faziam intercâmbios com Roma, financiados pelo rei – eram os chamados pensionistas,<sup>27</sup> com o objetivo de aprofundarem os seus estudos e ganharem experiência profissional. São exemplos António Teixeira, João Rodrigues Esteves, Francisco António de Almeida.<sup>28</sup>

Com este intercâmbio, músicos e compositores estrangeiros também vêm para Portugal. O caso mais famoso é de Domenico Scarlatti, mestre da *Cappella Giulia* do Vaticano, que trocou Roma por Lisboa, para aqui ser mestre da Capela Real e Patriarcal, assim como professor da infanta D. Maria Bárbara.<sup>29</sup> Scarlatti permaneceu em Portugal

---

<sup>17</sup> Fernandes, *Boa voz de tiple, sciencia de música e prendas de acompanhamento*.

<sup>18</sup> Brito, *Opera in Portugal*.

<sup>19</sup> Maria Alexandre Trindade Gago da Câmara e Vanda Anastácio, *O Teatro em Lisboa no tempo do Marquês de Pombal*. (Lisboa: IPM, Museu Nacional do Teatro, 2005).

<sup>20</sup> António Jorge Marques, *Marcos Portugal*. (Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical e Fundação da Casa de Bragança, 2012).

António Jorge Marques, *A Obra Religiosa de Marcos António Portugal*. (Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, 2012).

<sup>21</sup> Aline Gallasch-Hall de Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*. (Lisboa: Caleidoscópio, 2016).

<sup>22</sup> Leonor Freire Costa e Mafalda Soares da Cunha. *D. João IV*. (Lisboa: Círculo de Leitores, 2006), 83 e 268.

<sup>23</sup> Diogo Ramada Curto, “A Capela Real” *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas, Anexo V – Espiritualidade e Corte em Portugal, séculos XVI a XVIII*, (1993): 149.

<sup>24</sup> Maria Beatriz Nizza da Silva. *D. João V*. (Lisboa: Círculo de Leitores, 2011) 23 e 144.

<sup>25</sup> Curto, “A Capela Real”, 149 e 150.

<sup>26</sup> Fernandes, *Boa voz de tiple, sciencia de música e prendas de acompanhamento*, 11.

Curto, “A Capela Real”, 149 e 150.

<sup>27</sup> Nery e Castro, *History of Music*, 89.

<sup>28</sup> Nery e Castro, *History of Music*, 89.

<sup>29</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*, 106.

Branco, *História da Música*, 196 e 197.

entre 1720 e 1729,<sup>30</sup> quando a infanta parte para Espanha para contrair matrimónio com o príncipe das Astúrias, futuro Fernando VI, rei de Espanha.<sup>31</sup> Concomitantemente à chegada de Scarlatti, também chega a Lisboa Giovanni Giorgi, que terá sido mestre do Seminário Patriarcal.<sup>32</sup>

Todavia, durante este período, não é apenas a música sacra que prolifera. Segundo vários autores, como Nery,<sup>33</sup> Brito<sup>34</sup> e Freitas Branco,<sup>35</sup> os primeiros anos do reinado de D. João V são marcados por várias execuções musicais na corte.<sup>36</sup> É com este rei que a ópera se vai introduzindo no país e a serenata ganha relevo, sendo um género musical muito apreciado pela rainha D. Maria Ana. No entanto, após 1742, com o deteriorar da saúde de D. João, as manifestações profanas são proibidas, tais como as serenatas, óperas ou mesmo bailes.<sup>37</sup> A ideia dominante nas publicações, de grande mérito, que consultamos, é a de que se assiste, desde aqui, a uma nítida substituição das manifestações profanas pelas sacras. Mas será que isso se verificou com esta linearidade? A *Gazeta* confirma essas ilações?

Com D. José, 1750-1777,<sup>38</sup> as representações profanas são vistas como tendo adquirido maior importância. É durante esta governação que se assiste à proliferação de teatros públicos, como a Ópera do Tejo, o Teatro da Ajuda e os de Salvaterra e Queluz (régios),<sup>39</sup> bem como o Teatro do Bairro Alto, o Teatro da Rua dos Condes, do Salitre e da Graça.<sup>40</sup> No entanto, com o Terramoto de 1755, observa-se um interregno nas representações musicais, acontecendo que algumas dessas casas de espetáculo, como a Ópera do Tejo, não voltam a ser construídas.<sup>41</sup>

Muito está escrito sobre as implicações do Terramoto de 1755 e a consequente reconstrução de Lisboa, com destaque para nomes como os de José Augusto França,<sup>42</sup>

---

<sup>30</sup> Este é um tema muito polémico entre os historiadores musicais. Para compreender melhor leia-se João Pedro D'Alvarenga, "Domenico Scarlatti" *Revista Portuguesa de Musicologia*, 7-8, (1997/98), 95-132.

<sup>31</sup> Silva, *D. João V*, 38.

<sup>32</sup> Fernandes, *Boa voz de tiple, sciencia de música e prendas de acompanhamento*, 39.

<sup>33</sup> Nery e Castro, *History of Music*.

<sup>34</sup> Brito, *Opera in Portugal*.

<sup>35</sup> Branco, *História da Música*.

<sup>36</sup> Brito, *Opera in Portugal*, 1 a 23.

<sup>37</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*, 110.

<sup>38</sup> Nuno Gonçalo Monteiro. *D. José*. (Lisboa: Círculo de Leitores, 2006), 271 e 277.

<sup>39</sup> Câmara e Anastácio, *O Teatro em Lisboa*, 87. Sobre a Ópera do Tejo ver também Beuvink, *Ressuscitar*.

<sup>40</sup> Câmara e Anastácio, *O Teatro em Lisboa*, 96 a 108.

<sup>41</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 51 a 76.

<sup>42</sup> José Augusto França. *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. (Lisboa: Livraria Bertrand, S. A. R. L., 1987).

Walter Rossa,<sup>43</sup> Helena Murteira,<sup>44</sup> Leonor Ferrão,<sup>45</sup> Raquel Henriques da Silva,<sup>46</sup> Ana Rita Reis, Maria José Simões e Susana Rodrigues,<sup>47</sup> Eduardo Duarte,<sup>48</sup> Maria Helena Barreiros,<sup>49</sup> Joana Cunha Leal,<sup>50</sup> Paulo Varela Gomes,<sup>51</sup> Manuel Aguiar Ferreira,<sup>52</sup> Stephen Tobriner,<sup>53</sup> Arnaldo Pinto Cardoso.<sup>54</sup> As valiosas informações que daí extraímos, não são, porém, suficientes para nos elucidar acerca dos impactos deste cataclismo na vida quotidiana e na sociabilidade da cidade, nomeadamente no específico domínio artístico.

Em termos musicais, mais do que sobre os quotidianos, as atenções estão voltadas para as sensibilidades das figuras centrais da vida política portuguesa e, sendo as tendências musicais e as suas expressões vistas quase como resultados dos perfis e apetências desses personagens, lendo-se os resultados históricos mais como fruto de orientações pessoais do que como resultantes de desenvolvimentos contextuais, políticos, ideológicos e culturais que na verdade extravasam em muito Lisboa, ou Portugal.

Tanto D. José como D. Mariana Victória são apresentados como grandes apreciadores de música. Por isso, este é visto como o período de proliferação dos teatros,

---

José Augusto França. *A Reconstrução de Lisboa e a arquitectura pombalina*. (Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Divisão de Publicações, 1989).

José Augusto França. *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*. (Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Divisão de Publicações, 1989).

José Augusto França, “Uma experiência Pombalina” *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 18-21.

José Augusto França. *Estudo das zonas ou unidades urbanas de carácter histórico-artístico em Lisboa*. (Lisboa: INCM – Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012).

<sup>43</sup> Walter Rossa, “Do plano de 1755-1758 para a Baixa-Chiado” *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 22-43.

<sup>44</sup> Helena Murteira, “Lisboa antes de Pombal: crescimento e ordenamento urbanos no contexto da Europa moderna (1640-1755)” *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 50-57.

<sup>45</sup> Leonor Ferrão, “Um oficial do Génio e a Nova Lisboa” *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 66-75.

<sup>46</sup> Raquel Henriques da Silva, “Arquitectura religiosa pombalina”. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 108-115.

<sup>47</sup> Ana Rita Reis, Maria José Simões e Susana Rodrigues, “A Décima da Cidade: contributo para a datação do edificado da Baixa” *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 58-65.

<sup>48</sup> Eduardo Duarte, “De França à Baixa, com passagem por Mafra” *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 76-87.

<sup>49</sup> Maria Helena Barreiros, “Casas em cima de casas. Apontamentos sobre o espaço doméstico da Baixa Pombalina” *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 88-97.

<sup>50</sup> Joana Cunha Leal, “Legitimação artística e patrimonial da Baixa Pombalina” *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 6-17.

<sup>51</sup> Paulo Varela Gomes, “Jornada pelo Tejo: Costa e Silva, Carvalho Negreiros e a cidade pós-pombalina” *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 132-141.

<sup>52</sup> Manuel Aguiar Ferreira, “Intervenções na Praça do Comércio” *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 182-183.

<sup>53</sup> Stephen Tobriner, “A gaiola pombalina: o sistema de construção anti-sísmico mais avançado do século XVIII” *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 160-167.

<sup>54</sup> Arnaldo Pinto Cardoso. *O Terrível Terramoto da Cidade que foi Lisboa*. (Lisboa: Alêtheia Editores, 2005).

de que é bom exemplo a Ópera do Tejo, que chegou a ser considerado como o teatro mais “bonito e deslumbrante” da Europa.<sup>55</sup>

Todavia, e como poderemos provar, não parece haver uma alteração profunda ou estrutural em relação a reinados anteriores. No período de governação de D. Maria,<sup>56</sup> regência do príncipe D. João e posterior reinado,<sup>57</sup> observa-se que algumas das instituições existentes nos anteriores reinados continuam a sua atividade. São exemplo disso a Capela Real, o Seminário da Patriarcal, a Orquestra da Real Câmara, os diversos teatros – Teatro de Salvaterra, Teatro da Rua dos Condes, Teatro da Ajuda, Teatro do Bairro Alto, entre outros – ou as atividades da Irmandade de Santa Cecília.<sup>58</sup>

No entanto, com eminência da Invasão Francesa, em 1807,<sup>59</sup> a corte vê-se obrigada a partir para o Brasil e com ela partem alguns músicos da Real Orquestra.<sup>60</sup> Devido a esta conjuntura, compreende-se que este seja visto como um período de decadência nas representações musicais e na permanência de músicos estrangeiros em Portugal.<sup>61</sup>

Contudo, os músicos não partem apenas com a corte. Alguns escolhem estudar em grandes capitais europeias como Londres e Paris,<sup>62</sup> ao contrário do que acontecia no reinado de D. João V, em que os alunos partiam para Roma,<sup>63</sup> e no de D. José I, em que o local escolhido era predominantemente Nápoles.<sup>64</sup> Um bom exemplo é João Domingos Bomtempo, que, segundo Joseph Scherpereel,<sup>65</sup> “é um jovem músico português *Nouveau Régime* que, após ter conquistado Paris e Londres, regressa a Lisboa em 1820 com a

---

<sup>55</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 21 a 25. A autora apresenta vários testemunhos da época de forma a fundamentar que esse seria o mito mais aproximado da verdade.

<sup>56</sup> Ramos, Luís de Oliveira. *D. Maria I.* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2007).

<sup>57</sup> Pedreira, Jorge e Costa, Fernando Dore. *D. João VI.* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2006).

<sup>58</sup> A Confraria de Santa Cecília tinha como finalidade a elaboração de um tombo em que todos os músicos, cantores e compositores estivessem inscritos. Sobre esta confraria ver Scherpereel, *A Orquestra e os Instrumentistas*, 42 e 43.

<sup>59</sup> Sobre este período ver Araújo, Ana Cristina Bartolomeu. “As invasões Francesas e a afirmação das ideias liberais”, José Mattoso (dir.), *História de Portugal*. (Lisboa: Editorial Estampa, 1998), V, 17-43.

Ramos, Rui. “Invasões Francesas, Tutela Inglesa e Monarquia Brasileira (1807-1820)”, Rui Ramos (coord.), *História de Portugal*. (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009), 439-456.

<sup>60</sup> Scherpereel, *A Orquestra e os Instrumentistas*, 18 a 33 e 37. O autor apresenta uma lista de todos os instrumentistas com os seus vencimentos e os seus percursos.

<sup>61</sup> Scherpereel, *A Orquestra e os Instrumentistas*, 18 a 33.

<sup>62</sup> Scherpereel, *A Orquestra e os Instrumentistas*, 154 e 155.

<sup>63</sup> Brito, “A Música Portuguesa no Século XVIII”, 128.

<sup>64</sup> Brito, “A Música Portuguesa no Século XVIII”, 143.

<sup>65</sup> Scherpereel, *A Orquestra e os Instrumentistas*.



intenção de experimentar reformar a vida musical portuguesa aproveitando a implantação de um novo governo liberal”.<sup>66</sup>

Tendo em conta estes contextos, que aqui se apresentam de forma apenas enunciativa, mas que serão desenvolvidos em cada capítulo, a presente dissertação propõe-se fazer um estudo sistemático dos conteúdos da *Gazeta de Lisboa*, numa estrutura que se dividirá em quatro capítulos.

O objetivo do primeiro capítulo visa apresentar e criticar a fonte – *Gazeta de Lisboa* – fazendo uma exposição da sua história e evolução ao longo do tempo (1715-1820), cartografar os pontos de venda de forma a dar uma ideia dos potenciais públicos alvo e, por fim, cartografar a representatividade das notícias musicais da *Gazeta* em relação a vários espaços culturais do país, em que se demonstrará a relevância da escolha da cidade de Lisboa como objeto central do nosso estudo.

No segundo capítulo, serão identificados e estudados os agentes promotores dos eventos, assim como as tipologias e os géneros musicais referidos e representados e, por último, os agentes musicais mencionados no periódico. Sendo feita uma reflexão sobre a diferença entre espaço eclesiástico e profano, prossegue-se um estudo estatístico e cartográfico dos mesmos ao longo da cronologia estudada (1715-1820). Para tal, a constituição e exploração de uma base de dados apresenta-se como um instrumento operativo essencial. Com ele pretende-se responder a algumas questões: quais os géneros musicais com maior impacto? A música sacra deixou de ter espaço na sociedade, sobrelevada pela proclamada importância da música profana? Qual o interesse da *Gazeta de Lisboa* em noticiar todos os eventos?

O terceiro capítulo apresenta a cartografia dos espaços que envolvem representações musicais em Lisboa, antes e depois do Terramoto de 1755. Este capítulo será sempre acompanhado por estudos estatísticos que fundamentem ou contradigam as ideias consolidadas pela abundante historiografia referida. Será que as representações em espaço religioso continuavam a ter grande impacto junto da sociedade, mesmo após o Terramoto? Como se alterou a geografia das manifestações artísticas e dos espaços de sociabilidade após 1755?

---

<sup>66</sup> Scherpereel, *A Orquestra e os Instrumentistas*, 163.

Por fim, este estudo irá recair sobre os públicos, que serão objeto de análise no último capítulo. Será que a *Gazeta* se interessa em mencionar quem se encontra a assistir às diversas manifestações noticiadas? Quem eram estas pessoas? Quantas notícias os mencionam? Que tipo de público merece menção? Este será um capítulo de grande relevância para este estudo, visto que será aquele que irá fundamentar a resposta à questão central desta dissertação: de que forma a assistência a manifestações musicais criava e exprimia as sociabilidades das elites da capital?

## Capítulo 1 – A *Gazeta de Lisboa*: Contextos de produção, metodologia de tratamento e construção de uma base de dados

São vários os autores que utilizaram, nos seus trabalhos, a *Gazeta de Lisboa*, tais como Rui Vieira Nery,<sup>67</sup> Manuel Carlos de Brito,<sup>68</sup> Freitas Branco,<sup>69</sup> Maria Alexandre da Câmara e Vanda Anastácio<sup>70</sup> ou Aline Gallash-Hall de Beuvink.<sup>71</sup> As suas abordagens são, porém, por norma fracionadas, no tempo e nas questões de análise, de acordo com os objetos de interesse de cada um destes autores e das suas obras, faltando uma análise sistemática e integrada desta fonte, mesmo se apenas voltada para as notícias aí veiculadas em torno das manifestações musicais. Para tanto, importa caracterizar a fonte e situá-la num contexto mais vasto de desenvolvimento do impresso, e em particular das *Gazetas* como instrumento de informação e de catalização de públicos.

### 1.1. Historial da *Gazeta de Lisboa*

No final do século XVI (em 1588), aparece a primeira folha noticiosa manuscrita portuguesa, a *Notícia da Infelicidade da Armada de Sua Magestade que escreve o Mestre do Santa Catarina*.<sup>72</sup> Para Tengarrinha, este foi o princípio das notícias de carácter sensacionalista que gradualmente evoluíram para a transmissão de informação sobre acontecimentos do quotidiano.<sup>73</sup> Também durante este século, aparece um folheto noticioso impresso, vulgarmente chamado de *Gazeta*. Para este autor, a *Gazeta* compreende publicações impressas, limitadas à produção de poucos exemplares, o que lhes permitia uma maior divulgação nos círculos comerciais para além de ser possível formar uma rede de leitores fixos.<sup>74</sup>

---

<sup>67</sup> Nery e Castro, *History of Music*.

<sup>68</sup> Brito, *Estudos da História da Música*.  
Brito, *Opera in Portugal*.

<sup>69</sup> Branco, *História da Música*.

<sup>70</sup> Câmara e Anastácio, *O Teatro em Lisboa*.

<sup>71</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*.

<sup>72</sup> José Tengarrinha, *Nova História da Imprensa Portuguesa das Origens a 1865*. (Lisboa: Temas e Debates-Círculo de Leitores, 2013), 29.

<sup>73</sup> Tengarrinha, *Nova História da Imprensa Portuguesa*, 29.

<sup>74</sup> Tengarrinha, *Nova História da Imprensa Portuguesa*, 31.

No século XVII, aparece a *Gazeta*, no entanto, apenas se encontra a sua publicação para os meses de agosto e outubro de 1704,<sup>75</sup> o que indica que esta não foi bem sucedida, facto que poderá também indicar que, em Portugal, o movimento tipográfico terá sido mais lento do que nos restantes países da Europa.

Por alvará régio de 29 de maio de 1715, o impressor António Correia de Lemos recebe o privilégio de tradução e impressão de todas as notícias estrangeiras, surgindo, a 10 de agosto desse ano, a *Gazeta de Lisboa*. Devido ao cariz do privilégio dado a Correia de Lemos, o primeiro número denominou-se de *Notícias do Estado do Mundo*, contendo a tradução e resumo de notícias dos periódicos alemães, turcos, polacos, ingleses, franceses, espanhóis, suecos, entre outros.<sup>76</sup> Só no fim destas notícias é que o redator começa a dactilografar as notícias referentes à corte portuguesa, podendo, no final, ainda aparecer anúncios a livros e serviços, entre outros.<sup>77</sup>

No seu segundo número, o periódico já recebe o nome pelo qual é conhecido, *Gazeta de Lisboa*, no entanto este só se mantém até 1718, altura em que começa a ser denominado de *Gazeta de Lisboa Occidental*.<sup>78</sup> Esta mudança deve-se à divisão administrativa da diocese da cidade de Lisboa em parte ocidental e parte oriental. Em agosto de 1741, o título deixa de ser utilizado, na sequência do fim desta divisão, voltando à denominação original de *Gazeta de Lisboa*.

Nos anos de 1715 e 1716, este periódico apresenta-se com um formato muito instável. As suas páginas variam entre quatro e oito, facto que poderá estar relacionado com a necessidade de o redator apresentar mais ou menos notícias relacionadas com a guerra contra os turcos. A partir de 1717, o seu formato estabiliza-se com oito páginas.

José Freire Monterroio de Mascarenhas, escritor com formação em filosofia e matemática, foi o primeiro redator da *Gazeta de Lisboa*. Na sequência da morte de António Correia de Lemos, em 1741, a oficina é herdada pelos filhos. Entre 1741 e 1752, a administração fica com a família Correia de Lemos, sendo que até 1748, José Roiz Roles, sobrinho de Correia de Lemos, fica a administrá-la.<sup>79</sup>

---

<sup>75</sup> André Belo, *As Gazetas e os Livros: A Gazeta de Lisboa e a vulgarização do Impresso (1715-1760)* (Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa), 35.

<sup>76</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1715, nº1.

<sup>77</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820.

<sup>78</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1718-1741.

<sup>79</sup> Belo, *As Gazetas e os Livros*, 38 e 39.

Com esta administração, alguns pormenores no formato da *Gazeta* são modificados. É exemplo disso o aparecimento do *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, a 20 de setembro de 1742.<sup>80</sup> Com este *Suplemento*, além das oito páginas da *Gazeta*, surgem mais oito e passa a ser um periódico bi-semanal. O *Suplemento* é, a nível de conteúdo, igual ao da *Gazeta*.

Em 1752, na sequência de litígios entre a família Correia de Lemos e Monterroio de Mascarenhas, o redator recebe o privilégio de impressão da *Gazeta de Lisboa* e passa a ser redator e impressor.<sup>81</sup> Com esta nova direção deixa de existir o *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, mantendo-se assim até ao ano de 1760.<sup>82</sup>

No ano de 1760, o escritor Monterroio Mascarenhas morre e a publicação da *Gazeta de Lisboa* é interrompida de 1 de fevereiro a 21 de junho de 1760.<sup>83</sup> A partir de junho, a *Gazeta* é entregue aos Oficiais da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, passando a ser Pedro António Correia Garção o seu redator.

Com a mudança de proprietário, são várias as alterações visíveis. A designação deixa de ser *Gazeta de Lisboa* para passar a ser unicamente *Lisboa*, volta a aparecer o *Suplemento*, com a designação *Suplemento às notícias de Lisboa*, o formato de livro é abandonado para o texto passar a ser apresentado em duas colunas e, tanto a *Gazeta* como o *Suplemento* assumem a dimensão de quatro páginas.<sup>84</sup>

Este novo formato teve apenas publicação periódica durante dois anos, uma vez que “foi suprimido (...), em julho de 1762, por ordem expressa do Marquês de Pombal, que terá ficado desagradado com o seu conteúdo”.<sup>85</sup> Não se sabe ao certo o porquê deste desagrado de Marquês de Pombal, mas sabe-se que Pedro António Correia Garção, conhecido membro da Arcádia Lusitana, anos mais tarde é preso a mando de Pombal, e acaba por morrer no cárcere, o que poderá estar relacionado com esta proibição da *Gazeta*.<sup>86</sup>

---

<sup>80</sup> Belo, *As Gazetas e os Livros*, 53.

<sup>81</sup> Belo, *As Gazetas e os Livros*, 38.

<sup>82</sup> Belo, *As Gazetas e os Livros*, 38.

<sup>83</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1760, nº5.

<sup>84</sup> Facto observado pela leitura da *Gazeta de Lisboa*.

<sup>85</sup> Belo, *As Gazetas e os Livros*, 36.

<sup>86</sup> Brilhante, Maria João, “Correia Garção” *Camões: Instituto da Cooperação e da Língua*. Acedido em 17 abril 2017. <http://cvc.instituto-camoes.pt/pessoas/correia-garcao.html>

Com D. Maria I, em janeiro de 1778, a *Gazeta de Lisboa* reaparece a funcionar com esta designação, sendo Félix António Castrioto o responsável pela sua redação.

A *Gazeta de Lisboa* e o *Suplemento* aparecem com as mesmas quatro páginas e as duas colunas que tinham aquando da sua supressão, em 1762, aparecendo mais dois *Suplementos*, o *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa* e o *Suplemento Extraordinário à Gazeta de Lisboa*. A partir de 1779, estes *suplementos* passam a ser publicados quando o primeiro não era suficiente para cobrir todas as notícias e quando havia algum acontecimento importante fazendo com que fosse necessário o *Suplemento Extraordinário* que era entregue com o *Segundo Suplemento*.<sup>87</sup> Com estes aparecimentos, apenas a *Gazeta* é impressa em duas colunas, enquanto que os *Suplementos* são impressos em formato de livro.

Nos anos de maior tensão política e social, a *Gazeta* podia chegar aos sete *suplementos*. É caso disso a tensão política entre Portugal e Espanha, no início do século XIX, e as Invasões Francesas.<sup>88</sup>

Em 1809, com o número elevado de *Suplementos Extraordinários*, passa a haver uma publicação quase diária, desaparecendo os *Suplementos* e, em vez de serem, em média 52 os números publicados, passam a ser 310.<sup>89</sup>

Desde 1778 até 1820, a *Gazeta* mantém uma atividade contínua até que, devido à revolução liberal, começa a ser publicada em simultâneo com o *Diário do Governo* até que, no ano seguinte, juntam-se sob a designação do segundo.

#### **1.1.1. Impressão e Venda da *Gazeta de Lisboa***

A impressão da *Gazeta de Lisboa* foi feita em vários locais. Entre 1715 e 1716, o periódico foi impresso por Valentim da Costa Deslandes na Real Oficina Deslandesiana. Mas Deslandes desiste desta função e é na Oficina de Pascoal da Silva, um impressor régio, que a *Gazeta* passa a ser impressa. De 1716 a 1725, passa a ser José António da Silva a fazer a impressão, mas essa função passa para a oficina de Pedro Ferreira, de 1726 a 1734, o qual era, desde 1730, impressor régio.<sup>90</sup>

---

<sup>87</sup> Facto observado pela leitura da *Gazeta de Lisboa*.

<sup>88</sup> Facto observado pela leitura da *Gazeta de Lisboa*.

<sup>89</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1809-1820.

<sup>90</sup> Belo, *As Gazetas e os Livros*, 38 e 39.

Após este período a impressão passa para a oficina de António Correia de Lemos, o detentor do privilégio real, onde fica até 1752 (até 1741 à responsabilidade de António Correia de Lemos e, após esse ano, à responsabilidade do seu herdeiro, Luís José Correia de Lemos, devido ao falecimento de seu pai). No ano de 1752, a impressão retorna à oficina de Pedro Ferreira, nesse período impressor da rainha, onde se mantém até 1760.<sup>91</sup> Com o seu retorno, em 1778, a *Gazeta* e os seus vários *Suplementos*, eram impressos na Régia Officina Typografica, que detinha o privilégio real e a licença da Real Mesa Censória.<sup>92</sup>

Em relação à tiragem deste periódico, o *Mapa da Despesa*<sup>93</sup> diz que, entre 1740 e 1748, a *Gazeta* tinha uma tiragem de 1500 exemplares e o seu *Suplemento* de 1000 (apenas a partir de 1742).<sup>94</sup> Mas segundo o *Folheto de Lisboa*, de 2 de abril de 1742, a tiragem era inferior a esses 1500 exemplares relatados no *Mapa da Despesa*, apresentando para 1740 a impressão de apenas 450 exemplares que, em 1742, teriam aumentado para 650 exemplares.<sup>95</sup>

Tendo em conta estas informações, a existência deste periódico pode ser dividida em três etapas. A primeira situa-se entre o aparecimento, em 1715, e a sua evolução até 1742. A segunda etapa, desde 1742 até 1762, prende-se com o aparecimento do *Suplemento* e a instabilidade do seu formato, com a supressão e subsequente retoma, o que pode indicar um certo crescimento do periódico ao ponto de ser necessário torná-lo bi-semanal e, por fim, do ano de 1778 com o retorno do periódico e sua estabilização até 1820, ano do seu término.

Este periódico foi vendido em vários locais. Normalmente os principais vendedores eram os detentores do privilégio, por assinatura ou a partir do local da impressão, ou seja, a oficina da família Correia de Lemos.<sup>96</sup> Até o ano de 1741 encontra-se notícia de que este periódico era vendido nas livrarias de Matias Pereira da Silva (loja na Rua Nova), Manuel Figueiredo (loja no Arco da Consolação), José Gomes Claro (Rua Nova); José Antunes Pedroso (Rua da Prata) e Manuel Diniz (Cordoaria a Velha).

---

<sup>91</sup> Belo, *As Gazetas e os Livros*, 38 e 39.

<sup>92</sup> Facto observado pela leitura da *Gazeta de Lisboa*.

<sup>93</sup> Citado por Belo, *As Gazetas e os Livros*, 53.

<sup>94</sup> Belo, *As Gazetas e os Livros*, 53.

<sup>95</sup> Belo, *As Gazetas e os Livros*, 53 e 54.

<sup>96</sup> Belo, *As Gazetas e os Livros*, 55.

No entanto, há informação de que, entre 1727 e 1730, a venda da *Gazeta* se concentrou na loja de Manuel Diniz. No ano de 1741, Guilherme Diniz<sup>97</sup> passa a ser o único livreiro que vende o periódico na cidade de Lisboa. Em 1752, há uma multiplicação de locais de venda, passando a ser comerciada pelas oficinas de Monterroio Mascarenhas, Jerónimo Francisco de Araújo, Agostinho Xavier, Bento Soares, Caetano da Silveira, João Rodrigues, Isidoro do Vale e Manuel Pereira. A partir do mesmo ano de 1752, a *Gazeta* também passa a ser vendida na cidade do Porto, na loja de António Pires Henriques, na Rua dos Mercadores.

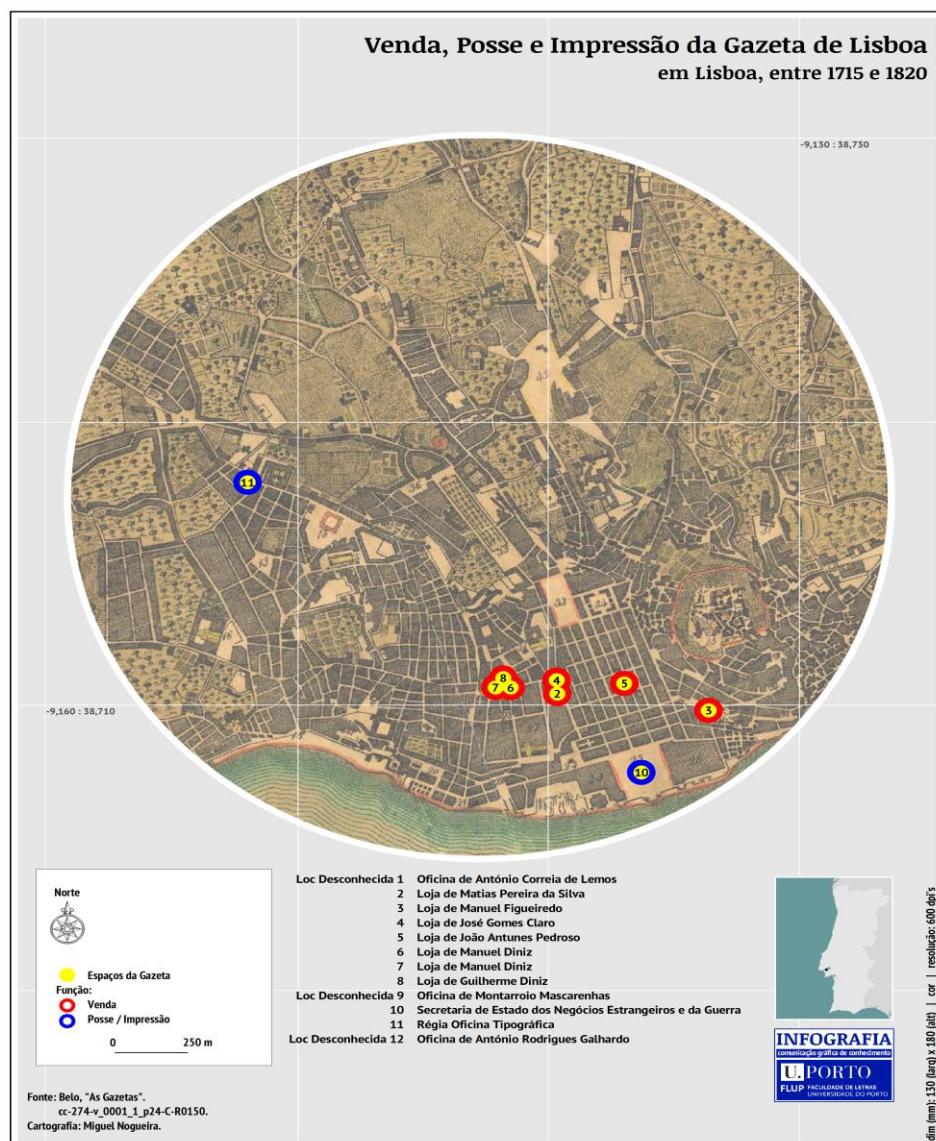
A partir de 1760, ao tornar-se a *Gazeta* posse da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, também começa a ser vendida por esse órgão. De 1778 a 1820 passa a ser comercializada pela Régia Oficina Tipográfica e, no ano de 1810, é impressa e vendida pela Oficina de António Rodrigues Galhardo.

---

<sup>97</sup> Segundo André Belo, Guilherme Diniz seria, muito provavelmente, filho de Manuel Diniz.



Figura 1.1 – Venda, Posse e Impressão da *Gazeta de Lisboa*, em Lisboa, entre 1715 e 1820



Fonte: Belo, *As Gazetas e Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

Na figura nº 1 pode-se observar a georreferenciação dos locais de venda da *Gazeta de Lisboa*, onde se encontram assinaladas as lojas de Matias Pereira da Silva, Manuel Figueiredo, José Gomes Claro, João Antunes Pedroso, as duas de Manuel Diniz, a de Guilherme Diniz, a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, a Régia Oficina Tipográfica e a Oficina de António Rodrigues Galhardo.

Com uma atenta observação do mapa, é possível compreender que a *Gazeta de Lisboa* era maioritariamente vendida na zona ribeirinha, local onde se situavam os principais edifícios de Estado, tais como o Palácio do Governo, o Palácio Real do Terreiro

do Paço e a Capela Real e Patriarcal, facto que tornava esta área um local apetecível ao público alvo deste periódico, as elites.

Para este periódico são apontados os preços de 40 réis para *Gazeta de Lisboa*, 30 réis para o *Suplemento*, 10 réis para o *Segundo Suplemento* e o *Suplemento Extraordinário*, quando era necessário, era distribuído sem custos com o *Segundo Suplemento*.

### 1.1.2. Notícias

Como anteriormente já foi dito, este periódico tinha o privilégio de impressão e de tradução de todas as notícias estrangeiras. Por esta razão, as notícias encontram-se dividida por países, isto é, a leitura das notícias avança de país para país. No primeiro número, *Notícias do Estado do Mundo*, as primeiras notícias a serem apresentadas são as da Alemanha e as da Turquia, seguem-se as da Polónia, Pomerânia, Grã-Bretanha, França, Espanha e só depois Portugal.<sup>98</sup>

A ordem pela qual os países aparecem é flexível, dependendo talvez da quantidade e qualidade das notícias a apresentar, ou, mesmo da proximidade desses países em relação a Portugal. No entanto, as notícias relativas a Portugal aparecem sempre no fim. Estas notícias são sobre os mais variados temas. Para que se possa perceber melhor, deixam-se aqui alguns exemplos.

Entre as notícias encontram-se referências a questões de natureza militar:

Todos os officiaes de guerra que se achavam em grande numero nesta corte receberão ordem para dentro de tres dias se recolherem às suas províncias e quarteis.<sup>99100</sup>

Aí também se dava conta de eventos biográficos de reis e imperadores de outros países, assim como da família real e da aristocracia portuguesa:

Sabbado se vestio a Corte de gala em applauso dos annos do Senhor Emperador, e houve serenata no Paço; El Rey N. S. veyo com este motivo a Lisboa, e voltou para Pedrouços.<sup>101</sup>

Faleceo a semana passada D Thomaz de Napoles de Noronha e Veiga e se fez o seu funeral na Real Igreja de São Vicente de Fora, com muito concurso de Nobreza.<sup>102</sup>

---

<sup>98</sup> Facto observado pela leitura da *Gazeta de Lisboa*.

<sup>99</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1715, nº1.

<sup>100</sup> Esta dissertação segue as regras de transcrição paleográfica da obra de Avelino de Jesus da Costa. *Álbum de paleografia e diplomática portuguesas*. (Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de Paleografia e Diplomática, 1997).

<sup>101</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1718, nº40.

<sup>102</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1724, nº44.

A 11 do corrente deo à luz hum filho com bom sucesso a Senhora Condessa dos Arcos, na sua Quinta de Caparica.<sup>103</sup>

As partidas de embarcações com destinos ao império ultramarino português eram também ocasionalmente referidas:

A nao de viagem partio de Goa em 11 de Janeyro entende-se que arribou a Moçambique. A que chegou de Macao se chama S Anna e o seu capitão Francisco Delgado. Os generos da sua carga se verão na seguinte lista.<sup>104</sup>

A celebração do ano novo, era uma prática muito noticiada pela *Gazeta de Lisboa*: Segunda feira, por ser o ultimo dia do anno passado, se cantou na Igreja de S. Roque, com a solemnidade, e concurso costumado, o hymno *Te Deum laudamos*, em acção de graças por todas as merces e beneficios, que Deos nosso Senhor fez no discurso delle.<sup>105</sup>

Como se pode ler nas notícias aqui transcritas, os redatores escreviam sobre um pouco de tudo. No entanto, pelas várias leituras, depreende-se que há uma grande preocupação em noticiar os principais acontecimentos da família real, da corte e da nobreza do país.

Além das notícias, por vezes é feito um “acrescento”, com publicidade. Neste campo pode-se encontrar publicidade a novos livros, manuais, instrumentos (musicais e das várias artes) e serviços (de medicina, farmácia, entre outros), de que são exemplo, entre outros:

Toda a pessoa que padecer o achaque de dor de pedra e quizer comprar huma neufritica (sic), muyto experimentada que usando della não terá mais accidente de tal achaque. Falle com o Doutor Joseph Homem da Costa, morador defronte da porta travessa da Sé Oriental para a banda do mar e elle dirá o modo como se deve usar da dita pedra.<sup>106</sup>

Sahio novamente impresso hum livro intitulado *A Mocidade enganada desenganada*, primeira parte, seu autor o Padre Manoel Consciencia da Congregação do Oratorio. Vende-se na portaria da mesma Congregação.<sup>107</sup>

Em caza de Lourenço Pi, mercador de livros, na rua da metade de dentro das Portas de Santa Catharina, se vende hum livro de sonatas para cravo compostas com invento novo por Ludovico Giustini de Pistoya, natural de Florença.<sup>108</sup>

---

<sup>103</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1732, nº34.

<sup>104</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1718, nº49.

<sup>105</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1726, nº1.

<sup>106</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1720, nº23.

<sup>107</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1728, nº14.

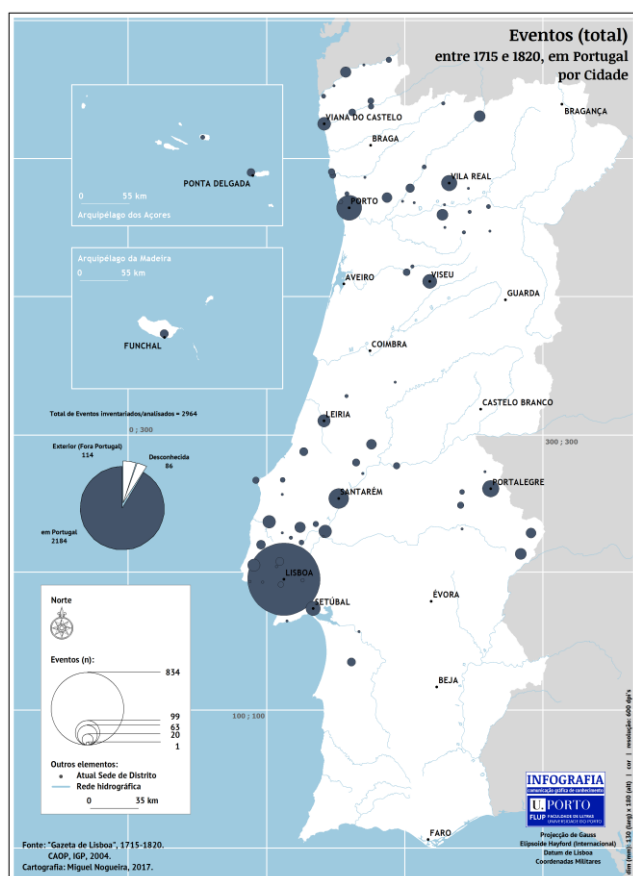
<sup>108</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1735, nº31.

João Baptista Waltman, musico da camara de S. M. F., participa aos professores e curiosos da sua Arte, que ultimamente lhe chegou hum grande surtimento de musica nova para toda a qualidade de instrumentos.<sup>109</sup>

Como se pode verificar, vários são os temas abordados pela *Gazeta* e seus *Suplementos*. No entanto, para o nosso estudo vamo-nos focar apenas nos de cariz musical. Dessa forma, o nosso objeto de estudo são as notícias e os anúncios musicais presentes na *Gazeta de Lisboa*.

Para além de Lisboa, outros locais surgem mencionados, ainda que com uma representatividade muito menor, como se pode verificar pela projeção cartográfica.

**Figura 1.2 – Número total de eventos musicais na *Gazeta de Lisboa*, em Portugal, entre 1715 e 1820, por cidade**



Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

<sup>109</sup> Segundo Suplemento à *Gazeta de Lisboa*, 1794, nº3.

Na figura 1.2. pode-se verificar que a cidade mais representada é Lisboa, com um total de 834 notícias. A segunda com mais notícias é o Porto, com apenas 99, o que demonstra que o redator estava claramente focado em escrever sobre Lisboa, não se descurando o facto de ser por certo menor o número de eventos celebrados no Porto. Lisboa é, sem dúvida, a cidade mais mencionada, não só pelo facto de a *Gazeta* aí se encontrar sediada, mas também por ser a Capital do País e a residência da Corte Portuguesa.

É, em todo o caso, importante referir que a *Gazeta de Lisboa* se preocupa em mencionar vários pontos do país, apesar de não o fazer com muita frequência ou regularidade. Outra questão que é importante sublinhar, para além do predomínio de Lisboa, é a disposição gráfica das notícias, no que toca a Portugal. Há uma clara predominância do Norte e Sul de Portugal. Isto é, as notícias são mais predominantes para a zona de Lisboa, Santarém e Leiria para o Sul e, para o Norte, Viana do Castelo, Vila Real, Viana do Castelo e Viseu.

## **1.2. Metodologia de Construção de uma Base de Dados**

A *Gazeta de Lisboa* é uma fonte com uma extensa atividade. Grande parte dos seus números encontra-se disponível na *Hemeroteca Digital*<sup>110</sup>. No entanto, os anos de 1727, 1753, 1755 e 1760 não estão disponíveis nesse website. Por essa razão, esses números foram acedidos presencialmente, em microfilme, na Biblioteca Nacional de Portugal. Para a segunda fase da atividade (1779 a 1820), o nosso estudo da fonte foi realizado na Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, uma vez que, por doação, a Faculdade detém uma coleção da *Gazeta de Lisboa* para o período mencionado.

Após algumas leituras do periódico, tornou-se claro que era muita a informação a tratar, o que se depreende da anterior exposição. Por essa razão, houve a estrita necessidade de sistematizar esses dados numa grelha de recolha de informação. Para isto, foi escolhido o software FileMaker para a construção de uma base de dados.

---

<sup>110</sup> Hemeroteca Digital, <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/GazetadeLisboa/GazetadeLisboa.htm>. \_Acedido entre 2015 e 2017.

À medida que as notícias com referência a eventos musicais surgiam, ficou claro que a tipologia da representação musical –religiosa ou profana, o seu género musical, bem como os promotores e os públicos eram indicadores que tinham que ser estudados. Dessa forma, à base de dados que foi construída, que inicialmente tinha apenas os campos “Representação Musical”, “Promotores” e “Públicos”, adicionaram-se os campos “Data Número”, “Data Notícia”, “Referência Bibliográfica” e “Palavras-Chave”, para que fosse possível associar eventos a um específico número da *Gazeta* ou dos seus *Suplementos*, bem como integrar a possibilidade de facultar uma pesquisa ativa por palavra-chave.

Dessa forma, a base de dados foi-se construindo com estes seis campos, “Representação Musical”, “Promotores”, “Públicos”, “Data Número”, “Data Notícia”, “Referência Bibliográfica” e “Palavras-Chave”. Percebeu-se, porém, que eram necessários mais campos, aparecendo, desta forma, “Data Evento”, “País”, “Local” e “Transcrição”. Os dois primeiros com funções de referência, o terceiro para que fosse possível localizar onde eram realizadas estas representações e, por fim, a transcrição, para que nenhuma informação se perdesse.

Quando a base de dados já estava bem adiantada (contendo cerca de 800 entradas), verificou-se serem necessários mais campos, como “Tipo”, “Ano” e “Compositor”. O “Tipo” refere-se ao tipo de suporte do periódico, isto é, se a notícia se encontra na *Gazeta de Lisboa*, nos vários *Suplemento à Gazeta de Lisboa* ou no *Suplemento Extraordinário à Gazeta de Lisboa*. O “Ano” tem como objetivo permitir pesquisar as notícias pelo ano de publicação, o que facilita o tratamento estatístico dos dados. O campo “Compositor” surgiu apenas nesta fase porque eram poucas as referências a estes agentes.

Já em fase muito adiantada do levantamento dos dados surgiram mais dois campos, “Músicos” e “Observações”. O primeiro apareceu numa fase já tardia porque, tal como acontece com os compositores, não há muitas referências a estes agentes, mas não as quisemos perder, sempre que eram disponibilizadas. No entanto, neste mesmo campo inserem-se não só os músicos, mas também cantores. As observações faziam imensa falta, principalmente para auxiliar na pesquisa, desta forma, pode-se procurar por

acontecimento, como “ano novo”, “aniversário” ou mesmo nomes de peças musicais como *Asis e Cybelle*<sup>111</sup> ou *Triunfos de Ulysses e Glórias de Portugal*.<sup>112</sup>

Desnecessário será dizer que a introdução dos novos campos exigiu atualizações retrospectivas de todos os registos, dando a ideia da complexidade e morosidade do trabalho empreendido.

Da forma como a base de dados ficou,<sup>113</sup> existem nove campos de carácter referencial e sete campos com função informativa. Para que se perceba melhor, estes campos respondem às várias questões que se pretende ver respondidas pelo periódico.

- Que tipo de representação musical é noticiada: religiosa ou profana?
- Que tipo de género musical? (Ópera, Serenata, Hino, *Te Deum*?)
- Quais os locais em que há representações? Que tipo de locais se mantêm após o Terramoto de 1755?
- Quais os públicos presentes a essas representações musicais?
- Qual o perfil dos promotores?

Como o objetivo primordial era o levantamento sistemático de todas as menções musicais, na *Gazeta de Lisboa*, para o espaço de Portugal Continental e Ilhas, só após essa tarefa é que se pensou no tratamento dos dados. Este foi um ponto crucial porque se percebeu que seria pertinente fazer a transposição dos dados em FileMaker para um ficheiro Excel. Este é um ficheiro que continuará em construção, ou em desenvolvimento, porque contém alguns indicadores que não serão trabalhados nesta dissertação.

Na primeira folha, encontra-se a análise referente à *Gazeta de Lisboa*. Por essa razão recebeu o nome de Data-Notícia. A segunda folha Data-Evento, refere-se às representações musicais. Para a análise da publicidade, foi criada nova folha Excel, tal como para o grupo dos promotores, uma para os agentes musicais, que apresenta os compositores, os músicos e, por fim, a “transcrição evento”.

Na folha relativa aos públicos, houve necessidade de criar várias categorias devido à enorme quantidade de nomes mencionados. Dessa forma, numa primeira fase encontram-se “Entidades” e “Indivíduos”. Dentro de “Entidades” encontram-se

---

<sup>111</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1717, nº35.

<sup>112</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1719, nº43.

<sup>113</sup> Ver anexo nº1.

“academia”, “clero”, “coroa e família real”, “corporação”, “corte”, “ofício” e “universidade”, enquanto que em Indivíduos encontram-se inseridos as categorias “aristocracia / nobreza”, “corpo diplomático”, “militares”, “oficiais administrativos” e “povo e burguesia urbana”.

No entanto, a subcategoria “clero” continuava muito genérica e foi preciso especificar. Dessa forma, criaram-se as subsubcategorias “clero secular” e “clero regular”, depois as subsubsubcategorias “bispo”, “cabido” e “clérigos” e, por fim, as subsubsubsubcategorias “feminino” e “masculino”.

A folha dos *promotores* é muito semelhante à dos *públicos*.

À imagem do que acontece com os públicos, foi necessário criar categorias para os promotores. À semelhança do primeiro, continuamos a ter “Entidades” e “Indivíduos”. Dentro do primeiro grupo encontram-se “academia”, “clero”, “coroa e família real”, “corporação”, “misericórdia”, “ofício”, “senado da câmara” e “universidade”. Nos “Indivíduos” estão presentes os grupos “aristocracia/nobreza”, “corpo diplomático”, “militares”, “oficiais administrativos” e “povo e burguesia urbana”.

Outras folhas de cálculo Excel foram criadas, uma para a análise e outra para a elaboração dos gráficos, de forma a que se conseguisse organizar melhor os dados e facilitar a sua compreensão.

Após esta demorada e gradual construção e sistematização dos dados, procedeu-se à sua análise. Nesta fase optou-se por fazer dois tipos de tratamentos, o estatístico e o cartográfico. Ambos os tratamentos foram realizados com o apoio da Infografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, através da colaboração do Dr. Miguel Nogueira.



## **Capítulo 2. – Géneros Musicais, Agentes de Promoção e Agentes Musicais**

Neste segundo capítulo pretende-se estudar os eventos musicais mencionados na *Gazeta de Lisboa*, propondo um quadro de sistematização para facilitar o seu estudo, bem como o estudo dos agentes de promoção das várias manifestações musicais noticiadas. É, também, objetivo deste estudo tentar perceber que tipo de eventos estes promotores patrocinavam ou organizavam, de forma a compreender se há alguma relação entre as entidades ou pessoas e os diversos géneros musicais organizados pela cidade.

Como a história não se faz sem as pessoas, este será o primeiro tópico abordado neste capítulo.

### **2.1. Eventos e Promotores**

Foram muitos os nomes mencionados pelo redator da *Gazeta de Lisboa* ao longo dos anos. Por essa razão, foi imperativo proceder à criação de categorias para sistematizar e facilitar o tratamento desses dados. Como já foi referido no ponto 1.2, referente à “Metodologia e Construção de uma Base de Dados”, temos dois grandes grupos “Entidades” e “Indivíduos”. No primeiro temos academias, clero, coroa e família real, corporações, Casa da Misericórdia, Senado da Câmara e Universidade. No grupo dos “Indivíduos”, encontram-se a aristocracia/nobreza, corpo diplomático, militares, oficiais administrativos e, por último, povo e burguesia urbana.

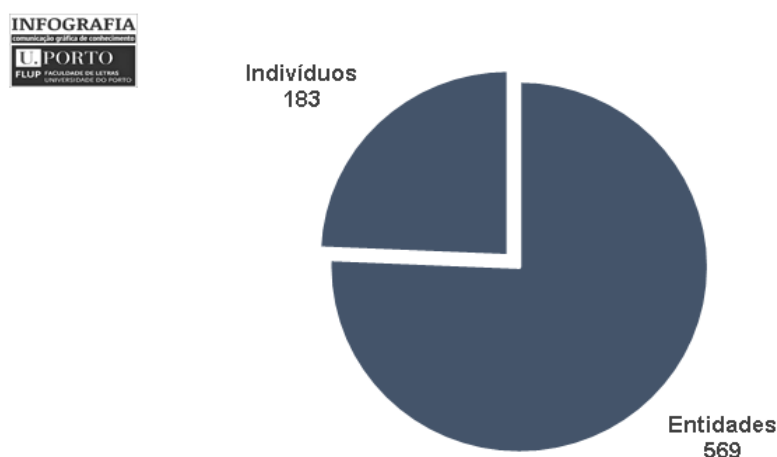
A principal diferença entre estes dois grandes grupos (“Entidades” e “Indivíduos”) é o facto de os intervenientes pertencentes ao segundo grupo não se encontrarem juridicamente organizados, por via de estatutos ou outros. Para que melhor se compreenda de quem se está a falar, observe-se a tabela nº 2.1, relativa à taxonomia dos promotores dos eventos, presente no anexo nº 2.

Mas eram muitos os eventos promovidos por estas pessoas? Quem eram estes promotores: nobres, religiosos ou pessoas normais do quotidiano da cidade? Interessavam-se por que tipo de espetáculos? Estas são algumas das questões a que se espera ter respondido no final deste capítulo.

### 2.1.1. Tipologia de Promotores

A primeira questão que se deve compreender é a discrepância na promoção de eventos por parte do grupo “Entidades” e o dos “Indivíduos”. Como se pode ler pelo gráfico apresentado, as “Entidades” promoveram um total de 569 eventos, enquanto que os “Indivíduos” apenas apresentam 183 referências.

Figura 2.1. – Número de referências a Indivíduos e Entidades



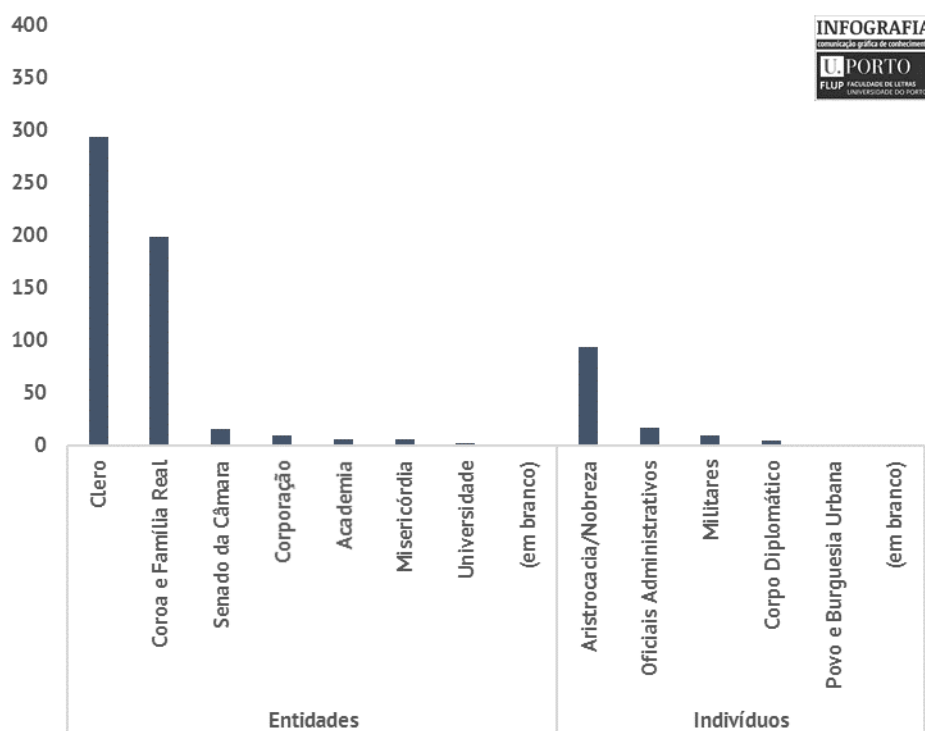
Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

A análise do gráfico apresentado abaixo, permite perceber, em concreto, de quem se trata.

Através deste segundo gráfico, percebe-se que, no grupo das entidades os grupos que mais eventos promovem são o clero e a coroa e família real, sendo possível apresentar a Companhia de Jesus (para a primeira metade do século) e o rei D. João V, com a rainha D. Maria Ana, como os principais promotores.

Quanto ao segundo grupo, o dos indivíduos, apenas a aristocracia/nobreza tem alguma relevância, sendo homens como o Marquês de Capichelatro e Diogo Inácio de Pina Manique os que mais promovem esses eventos.

Figura 2.2 – Entidades vs. Indivíduos



Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

### 2.1.2. Tipologia de Espaços utilizados

Nunca é demais recordar que são muito numerosos os locais mencionados pela *Gazeta de Lisboa* e seus *Suplementos*. Neste ponto será feita uma reflexão sobre que tipo de locais eram utilizados pelos promotores dos eventos, sendo utilizado um mapa para facilitar a compreensão. É importante chamar à atenção para o facto de que, para a elaboração destes mapas, foi considerada a área administrativa atual de Lisboa bem como a atual designação das suas freguesias.<sup>114</sup>

Devido à pouca ou nenhuma atividade de certos grupos, como o Senado da Câmara, as corporações, as academias, a Misericórdia, os oficiais administrativos, os militares, o corpo diplomático e o povo e burguesia urbana, considerou-se apenas a coroa e família real, o clero e a aristocracia/nobreza para a projeção cartográfica.

Posto isto, é possível observar-se que estes agentes escolhiam áreas como a baixa

<sup>114</sup> Anterior à união de freguesias.

Lisboeta, a freguesia da Ajuda, a zona da Lapa e a zona de Xabregas para promover os seus eventos.

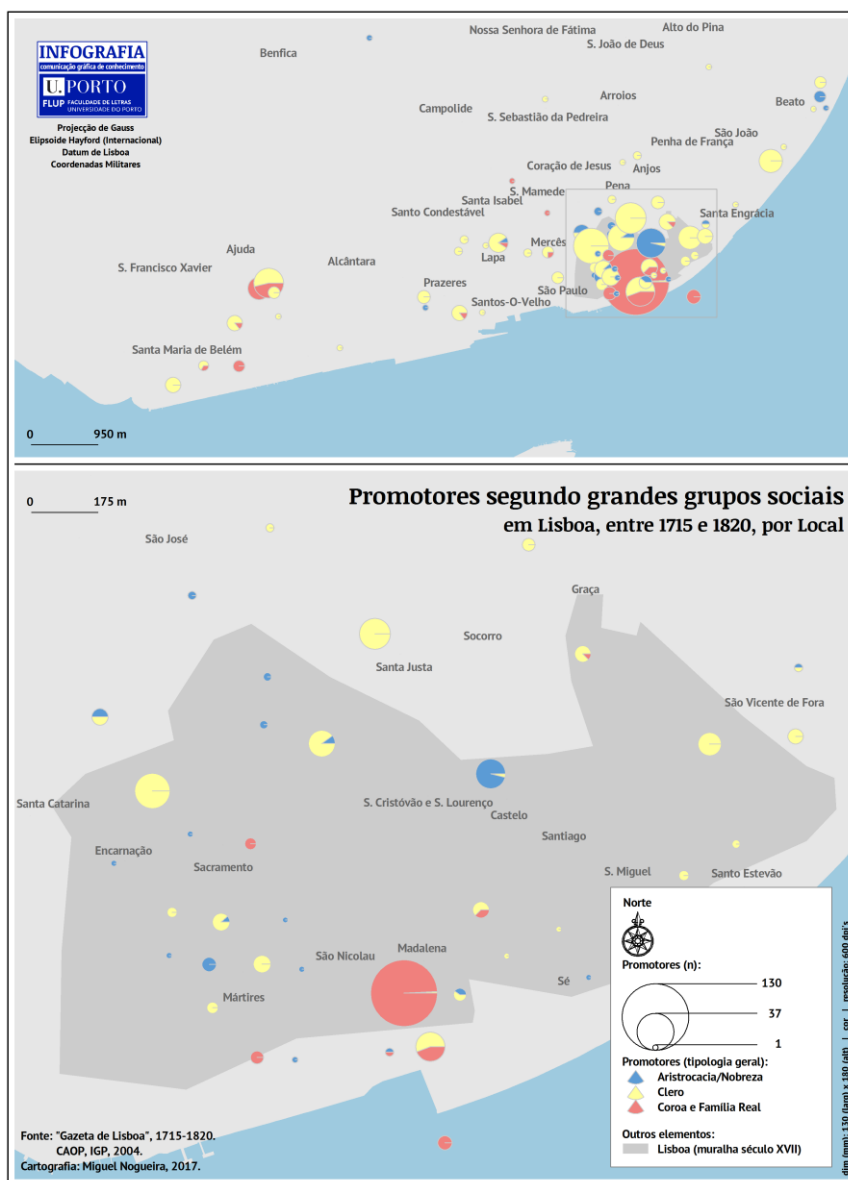
No entanto, se focarmos a zona delimitada pela muralha do século XVII, consegue-se perceber que a zona de Santa Justa, Santa Catarina, São Cristóvão e São Lourenço e, por fim, a Madalena são as áreas mais representadas.

Nas áreas fora da muralha, destacam-se o Mosteiro de Madre Deus de Xabregas e o Convento de São Francisco de Xabregas, para a zona de Xabregas. Para a zona da Ajuda é o Convento de Nossa Senhora da Piedade da Esperança e o Mosteiro do Santíssimo Coração de Jesus/Mosteiro de Nossa Senhora da Estrela os locais mais procurados. Para a freguesia da Ajuda destacam-se o Palácio Nacional da Ajuda, com a sua sala de música e Capela real, bem como a Igreja do Real Seminário de Música da Ajuda e o Convento de Nossa Senhora da Boa Hora. Para a área delimitada pela muralha destacam-se o Palácio da Ribeira, o Terreiro do Paço e a Capela Real, na área da Madalena. Para a área de São Cristóvão e de São Lourenço destaca-se o Castelo de São Jorge e Casa Pia, para Santa Catarina a Igreja de São Roque, e, por último, o Colégio de Santo Antão da Companhia de Jesus.

É importante referir que apenas os locais localizados na área da freguesia da Ajuda e o Castelo de São Jorge são mencionados a partir do reinado de D. Maria I e regência do príncipe D. João, sendo os seus principais promotores a rainha e o intendente da Polícia, Diogo Inácio de Pina Manique.

Os restantes locais são muito procurados no reinado de D. João V e início de reinado de D. José (até ao Terramoto de 1755). Os seus principais promotores eram D. João V e D. Maria Ana, e incidiam na zona do Terreiro do Paço e a Igreja de São Roque, enquanto que nos restantes locais era o clero que se destacava.

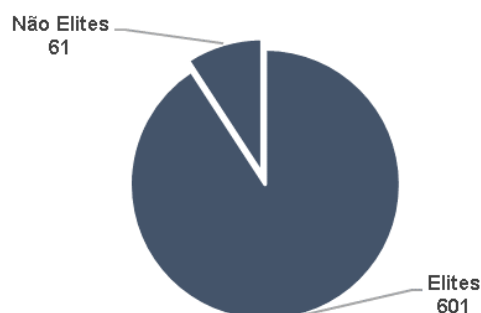
**Figura 2.3 – Promotores segundo grandes grupos sociais, em Lisboa, entre 1715 e 1820, por local**



Ainda que assumindo, como verificamos atrás, uma predominância das elites, procurou-se também aferir a presença de outros grupos. Para isto, criou-se dois grandes grupos, as elites e as não elites. No primeiro grupo inseriu-se o clero (embora com a noção de que existe alto e baixo clero), a família real e coroa, aristocracia/nobreza, universidade, academias e corpo diplomático, enquanto que no grupo das não elites encontram-se oficiais administrativos, Senado da Câmara, corporações, militares, Misericórdia e povo

e burguesia urbana. Podendo esta análise ser redundante, este é um pequeno exercício feito para dar lugar à análise da presença das “não elites”.

**Figura 2.4 – Elites vs. Não Elites**

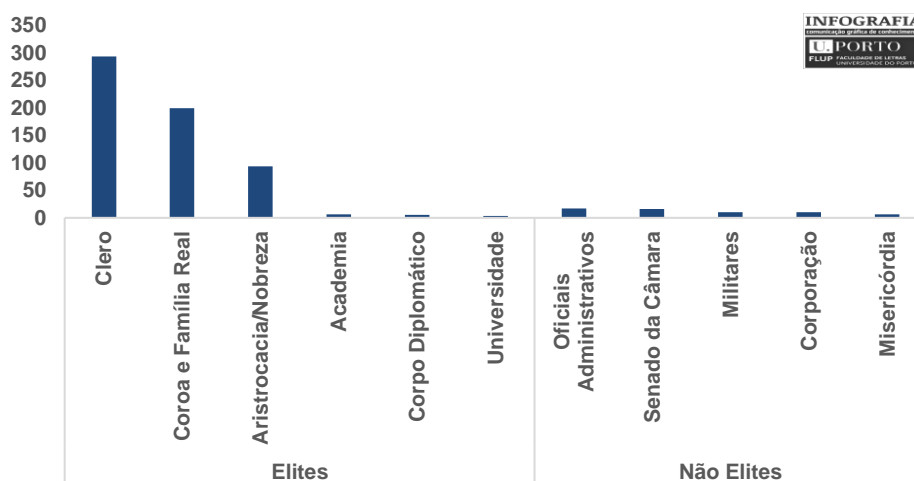


Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

Logo, pelo gráfico 2.4, foi possível verificar que as elites dominam em matéria de promoção de eventos com um total de 601 referências, enquanto que as não elites apenas têm 61 referências.

Se observarmos um gráfico mais pormenorizado, consegue-se perceber que apenas clero, coroa e família real e aristocracia/nobreza são promotores relevantes, pertencendo todos ao grupo das “elites”.

**Figura 2.5 – Elites vs. Não Elites por classes**



Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

Por último, vamos apenas deixar um exemplo de evento promovido pela Corporação dos Ourives da Prata, de Lisboa, para que se perceba que tipo de eventos estas não elites promoviam. Esta notícia refere-se à fragilidade da saúde do príncipe D. José, pouco antes da sua morte.

Em acção de graças pelas melhoras de S. A. R., o Príncipe N. S., fez a corporação dos ourives da prata desta cidade celebrar a 16 do corrente na sua Ermida de N. Senhora d'Assumpção, huma solemne missa com o Senhor exposto, pronunciando o R. P. M. Fr. José Leonardo e Silva, da Ordem dos Pregadores, huma oração bem adequada a este acto o qual finalizou com o *Te Deum*.<sup>115</sup>

Em conclusão, os principais grupos referenciados são a coroa e família real, a aristocracia/nobreza e o clero, sendo que as principais áreas utilizadas para a promoção dos seus eventos são os palácios régios do Terreiro do Paço, com D. João V e D. José (até 1755), e o da Ajuda com D. Maria e D. João, a Igreja de São Roque, a zona do mosteiro e convento de Xabregas, e o Colégio de Santo Antão. E estes espaços religiosos tanto eram muito procurados pela família real na primeira metade do século XVIII, como eram utilizados pelo clero para as suas celebrações religiosas.

## 2.2. Géneros Musicais

A identificação dos géneros musicais é matéria muito complexa, em grande parte porque o redator das notícias não é explícito em relação aos eventos que noticia. Isto é, algumas notícias onde são mencionados duetos, cantatas, ou mesmo os bailes não são explicados, ficando o leitor sem saber quais os efetivos instrumentos e cantores utilizados. Seguramente porque não haveria essa preocupação, numa publicação desta natureza de explicitar detalhes. Por essa razão, adotaram-se categorias geralmente aceites pelos especialistas em estudos musicais, tais como Michael Kennedy no seu *Dicionário Oxford de Música*<sup>116</sup> e Maria Alexandre Trindade da Câmara e Vanda Anastácio,<sup>117</sup> em obra conjunta, de forma a facilitar este estudo.

Encontramos, para as manifestações profanas, três grandes grupos: representação músico-teatral, instrumental e outros. No primeiro grupo encontram-se a serenata, a farsa, os entremezes, a zarzuela e a ópera/teatro/drama/comédia. Concomitantemente, no

---

<sup>115</sup> *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1789, nº33.

<sup>116</sup> Michael Kennedy. *Dicionário Oxford de Música*. (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004).

<sup>117</sup> Câmara e Anastácio, *O Teatro em Lisboa*.

segundo grupo, o instrumental, estão presentes as tocatas, minuetos, concerto e a sinfonia. Enquanto que, em último lugar, no maior grupo e por não haver consenso em relação a estes géneros, encontra-se o baile, a canção, a modinha, a cantata, o sorongo, o bolero, o fandango, o soneto, as árias, os duetos e os tercetos, como se pode observar na tabela 2.2.

Tabela nº2.2 – Géneros Musicais - Profanos

Géneros Musicais – Profanos		
Representação Músico-Teatral	Instrumental	Outros
Serenata	Tocatas	Baile
Farsa	Minuetos	Canção
Entremezes	Concerto	Modinha
Zarzuela	Sinfonia	Cantata
Ópera/Teatro/Drama/Comédia <sup>118</sup>	-	Sorongo
-	-	Bolero
-	-	Fandango
-	-	Soneto
-	-	Árias
-	-	Duetos
-	-	Tercetos

Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

Importa, porém, perceber em que consistem estes géneros. Dessa foram, e começando pelo primeiro grupo, a serenata é um género composto para ser apresentado ao fim da tarde ou à noite. No século XVIII, este termo era utilizado para obras dramáticas de dimensões mais reduzidas que a ópera, “cantatas dramáticas, também chamadas «semióperas»”.<sup>119</sup> São vários os exemplos de serenatas, publicitados na *Gazeta de Lisboa*, especialmente para o reinado de D. João V, uma vez que a rainha D. Maria Ana patrocinava muitas serenatas nos seus aposentos. São 66 as serenatas que esta rainha patrocinou nos seus aposentos.<sup>120</sup>

Domingo, 24 do corrente, houve em Palacio no quarto del Rey nosso Senhor huma **Serenata**, cantada pelos novos e excellentes musicos, que S. Mag, que Deos guarde, mandou vir de Roma, na presença de Suas Magestades e Altezas.<sup>121</sup>

Domingo com a ocasião de ser dia da gloriosa S. Isabel Rainha da Hungria, se festejou no Paço, no

<sup>118</sup> Estes termos estão interligados remetendo todos para teatro musical

<sup>119</sup> Kennedy, *Dicionário Oxford de Música*, 655.

<sup>120</sup> Sobre esta questão ver *Gazeta de Lisboa*, 1716, nº37. *Gazeta de Lisboa*, 1717, nº26. *Gazeta de Lisboa*, 1718, nº40. *Gazeta de Lisboa*, 1721, nº37. *Gazeta de Lisboa*, 1722, nº1. *Gazeta de Lisboa*, 1724, nº52, entre outros.

<sup>121</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1719, nº 39.



quarto da Rainha N. S. hũa adoravel **serenata**, em obsequio do nome da Serenissima Senhora Emperatriz Reynante.<sup>122</sup>

Sabbado, 31 do mez passado, se festejou no Paço o cumprimento de annos da Senhora Princeza do Brasil, que entrou nos quatorze de sua idade. Toda a nobreza vestida de gala beijou a mão as Suas Magestades e Altezas e de noite houve **serenata** no quarto da Rainha nossa Senhora. O Senhor Infante D Carlos veyo ao Paço em esta occasião e de tarde foy a Rainha nossa Senhora com os Senhores Infantes D Carlos e D Pedro e a Senhora Infante D Francisca à sua costumada devoção de N Senhora das Necessidades e o Senhor Infante D Carlos se recolheo depois a S João dos Bemcazados.<sup>123</sup>

A 17 se festejou tambem com gala e beijamam o anniversario do nascimento da Serenissima Senhora Princeza do Brazil, que entrou nos 21 annos da sua idade. Toda a principal Nobreza, Tribunaes e Ministros Estrangeiros concorreram a comprimentar a SS. MM. e AA. e de noite houve **serenata** no quarto do Rey nosso Senhor.<sup>124</sup>

Muitos mais exemplos poderiam ter sido dados, visto que este é um dos géneros mais noticiados, com um total de 201 notícias. A farsa é outro dos géneros predominantes nos registos. Este é um género dramático que começou a ser noticiado no final do século XVIII, inícios do XIX, aparecendo mencionado 36 vezes.

Nos dias 20, 21 e 22 se franqueou gratuitamente a toda a classe de pessoas o Theatro do Corpo da Guarda, onde se representarão **Farças** exquisitas com danças alusivas à festividade.<sup>125</sup>

Hoje quinta feira, no theatro nacional do Salitre, se ha de representar a interessante comedia intitulada O Parricidio Frustrado ou o Filho Natural, no fim da qual se dançarão os boleros, seguindo-se a apparatusa dança Eucharis ou a Filha da Magia, e terminando o espectáculo com a engraçada **farça** a Cautella inutil ou os Espertos tambem se logrão.<sup>126</sup>

Um entremez é algo muito similar à farsa, consiste numa peça de curta duração e, por norma, intercala os atos da peça principal. No entanto, este género não aparece noticiado para a cidade de Lisboa, e, como tal, não será aqui estudado.

Segundo Michael Kennedy,<sup>127</sup> zarzuela é “um género de ópera espanhola idiomática na qual a música se combina com o diálogo falado. O nome provém dos espetáculos de corte apresentados no séc. XVII no palácio real de La Zarzuela, perto de Madrid, perante o rei Filipe IV”.<sup>128</sup>

---

<sup>122</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1719, nº 47.

<sup>123</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1731, nº 14.

<sup>124</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1754, nº 52.

<sup>125</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1785, nº 28.

<sup>126</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1815, nº 283.

<sup>127</sup> Kennedy, *Dicionário Oxford de Música*.

<sup>128</sup> Kennedy, *Dicionário Oxford de Música*, 805.

Sobre este género uma única notícia foi encontrada, tendo sido representada no Palácio do Marquês de Capichelatro, à altura embaixador espanhol em Lisboa.

O Senhor Marquez de Capicholatro, Embayxador de Hespanha, celebrou no seu Palacio o ajuste do casamento dos Principes das Asturias, e o comprimento de annos de S. Magestade Catholica com tres noytes de luminarias, fogos artificiaes, e harmoniosos ajustes de varios instrumentos, sendo a ultima a de quinta feyra passada, em que se representou hũa **Zarzuela** em musica intitulada *Las nuevas, armas de amor*, adornada de sanctes novos e hua discreta (?), accommodada aos dous assumptos, assistindo a esta solemne festividade e à ceia todos os Ministros estrangeyros e grande numero de Nobreza e distribuindose generosamente por todas as pessoas, que alli concorrerão, doces, frutas geladas e bebidas de varios generos e em muyta abundancia.<sup>129</sup>

Por sua vez, a ópera, o teatro, o drama e a comédia estão todos conectados, na medida que remetem todos para teatro musical. Segundo as autoras anteriormente mencionadas,<sup>130</sup> este tipo de teatro musicado ou lírico, assim como “os textos destinados a ser dramatizados ou encenados com acompanhamento musical, gozaram de grande voga”.<sup>131</sup> No entanto, estas investigadoras continuam esta linha de pensamento, ao afirmar que, na segunda metade do século XVIII, as representações teatrais se cruzam, inevitavelmente, com a ópera, a música ou mesmo a dança.<sup>132</sup>

Logo no primeiro exemplo que aparece sobre ópera, na *Gazeta de Lisboa*, o redator fala em “ópera ou comédia”,<sup>133</sup> sugerindo que estes dois termos se podiam confundir ou sobrepor, dependendo, porventura, da natureza da peça operática.

Na terça em que cumpria annos o Senhor Infante D. Manoel se vestio a Corte de gala, e o Secretario de Estado em seu obsequio fez representar em sua casa huma **Opera**, ou Comedia em musica, intitulada *Asis e Cybelle*, para qual compoz huma discreta Joao Conde de Ericeyra, assistindo a sua representação a mayor parte da Nobreza, e quem durante ella se oferecerão com profusão os mais polidos refrescos.<sup>134</sup>

O Marquez de los Balbazes Embayxador Extraordinario de S. Mag. Catholica nesta Corte, com motivo de haver feyto a sua entrada publica, e obzequiar o feliz tratado matrimonial do Serenissimo Senhor Principe das Asturias, fez representar no seu Palacio hum Melodrama, ou Comedia Harmonica, pelo estylo italiano intitulado *As Amazonas de Hespanha*, e a 18. com a plausivel occasião de se haverem effeytuado os desposorios do mesmo Serenissimo Principe com a Serenissima Senhora Infanta de Portugal D. Maria, fez representar outra que tinha por titulo *Amor*

---

<sup>129</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1721, nº 52.

<sup>130</sup> Câmara e Anastácio, *O Teatro em Lisboa*.

<sup>131</sup> Câmara e Anastácio, *O Teatro em Lisboa*, 59.

<sup>132</sup> Câmara e Anastácio, *O Teatro em Lisboa*, 59.

<sup>133</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1717, nº 31.

<sup>134</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1717, nº 31.

*aumenta el Valor*, cuja musica foy composta por D. Jayme Facco, e alternados os actos de ambas estas **Operas** com saynetes, e bailes que se executarão primorosamente na presença da principal Nobreza desta Corte, convidada por S. Excellencia, que com a sua costumada grandeza fez distribuir por todos os assistentes huma abundantissima quantidade de doces, bebidas geladas, e de diversos generos, e como esta he a ultima festa que determina fazer, por se andar despedindo ja da Nobreza para se recolher a Madrid, mandou desfazer o theatro em que se representaram estas, e as mais comedias e serenatas em que se divertio as principaes pessoas desta Corte.<sup>135</sup>

Este é outro exemplo em que o redator enumera várias manifestações musicais, como comédias, bailes, óperas e teatros. No entanto, esta é uma notícia muito rica em informação, uma vez, que informa o leitor quem promove, onde acontece, qual o motivo, quem esteve presente, mas também o tipo de géneros musicais aí executados. Um outro ponto interessante desta notícia, são as informações relativas à festa, nomeadamente o banquete. No entanto, estas questões não terão espaço neste estudo.

No Paço se continuam os divertimentos de Carnaval, com a **Opera** intitulada *La Rifa di Democrito*, representada pelos Musicos Italianos da Casa Real.<sup>136</sup>

Esta notícia é relevante devido ao facto de mencionar a presença de músicos italianos em Portugal. Apesar de toda a bibliografia sobre o tema já apresentar esta questão – sobre isto ler Branco,<sup>137</sup> Nery e Castro,<sup>138</sup> Brito e Cymbron,<sup>139</sup> Joseph Scherpereel<sup>140</sup> e Cristina Fernandes<sup>141</sup> - o redator parece referir-se a estes músicos como se a sua nacionalidade lhes apresentasse algum tipo de estatuto. Esta questão não parece de todo descabida se consultarmos o estudo de Joseph Scherpereel<sup>142</sup> e observarmos a listagem de músicos que se encontravam ao serviço da Real Orquestra. Na sua maioria eram de nacionalidade italiana ou seus descendentes, o que demonstra que, em Portugal, há uma preferência por músicos oriundos deste país. No próximo ponto esta questão voltará a ser abordada.

Nesse dia a noite houve no Real Theatro d'Ajuda hum **drama jocoso**, intitulado *A Verdadeira Constanca* a cuja execução assistio toda a Nobreza e o Corpo Diplomático.<sup>143</sup>

A notícia acima transcrita refere-se ao dia de aniversário de D. João VI, ou seja, o

---

<sup>135</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1728, nº 5.

<sup>136</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1736, nº 6.

<sup>137</sup> Branco, *História da Música*.

<sup>138</sup> Nery e Castro, *History*.

<sup>139</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*, 106.

<sup>140</sup> Scherpereel, *A Orquestra e os Instrumentistas*.

<sup>141</sup> Fernandes, *Boa voz de tiple, sciencia de música e prendas de acompanhamento*.

<sup>142</sup> Scherpereel, *A Orquestra e os Instrumentistas*, 18 a 33.

<sup>143</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1790, nº 20.

dia 13 de Maio, celebrado com um drama jocoso, e, como já foi dito anteriormente, este é um termo que está intimamente relacionado com o teatro musical, ficando ao lado de outros como a ópera ou a comédia.

Em relação à comédia, vários são os exemplos que se podem fornecer. Como acima já se disse, o redator das notícias muitas vezes menciona comédia e ópera como sendo a mesma coisa, no entanto, também se encontram situações em que o redator fala unicamente em comédia, sendo caso disso a próxima notícia.

Terça Feyra 25 em que cumpria annos o Marquez de Valença, houve no seu Palacio hum grande concurso da principal Nobreza, convidada para a representação da **Comedia** *El impossible mayor en amor, le vence amor*, e regalada com doces, e refrescos.<sup>144</sup>

Hoje segunda feira no theatro do Salitre, se representa a interessante **Comedia** Eufemia e Polidoro, depois se dançara o sorongo, seguindo-se-lhe a pompoza dança Genevra de Escocia, dando fim o divertimento com a farça o Cirurgião na Aldea, com hum lindo terceto.<sup>145</sup>

Mais podia ser dito sobre estes géneros musicais, uma vez que, apenas sobre ópera, comédia, teatro e drama são 322 as notícias levantadas, sendo mais as notícias sobre estes géneros do que sobre o segundo grupo, sobre o qual nos debruçaremos agora.

No segundo grupo, “instrumental”, são 228 as notícias que se levantaram. Para o caso da tocata, um género de peça para teclado, que se caracteriza pelo andamento curto a ser tocado com rapidez,<sup>146</sup> as notícias prendem-se com a apresentação de músicos nos teatros ou em sessões culturais pela cidade. Observe-se a próxima notícia.

Segunda feira, 31 do corrente, nas casas da Assembleia das Nações Estrangeiras, darão Mr. e Madama Marechal, o seu ultimo concerto de cravo e harpa em beneficio dos mesmos. Tocarão duetos, modas com variações e varias **tocatas** de sua composição e além disso tocarão os cantores da camara de S. M. Principiará às horas costumadas.<sup>147</sup>

Para o caso dos minuets, a notícia que se levantou extraiu-se da secção de “publicidade”.

Na Real Fabrica de Musica, defronte da Moeda, aonde se abre e imprime toda a qualidade de estampas, sahirão ultimamente à luz 6 **minuetes** para duas guitarras, cuja musica se pode tambem tocar no cravo.<sup>148</sup>

Neste segundo grupo, o género mais noticiado foi o concerto.

---

<sup>144</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1718, nº 4.

<sup>145</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1816, nº 13.

<sup>146</sup> Kennedy, *Dicionário Oxford de Música*, 734.

<sup>147</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1789, nº 21.

<sup>148</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1796, nº 32.

Segunda feira, 6 do corrente mez, ha de haver no theatro da Rua dos Condes hum **concerto vocal e instrumental** em beneficio de Mr. Marchal e sua mulher Madame Marchal, no qual se cantarão varias arias e os ditos professores executão diversos solos e duos nos seus instrumentos de piano-forte e harpa.<sup>149</sup>

Amanha quarta feira 2 do corrente, se exporá no Theatro do Salitre, a beneficio da Orquestra, a Comedia Clotilda, nos intervallos haverá hum **sollo de dois clarinetes e outro de violonchello**, e o intervallo do Margado Ensacado (...).<sup>150</sup>

Por último, encontra-se o género sinfonia. Para o período em estudo podia ser “o que atualmente se designa por abertura (por ex. duma ópera), i.e., uma pequena peça instrumental (...)”.<sup>151</sup>

Hoje 3 de Dezembro, em beneficio, haverá no theatro do Salitre o seguinte espectaculo. Depois de huma agradável **symfonia** que servirá de abertura, se representará huma agradável comedia intitulada O Preto Sensivel. No fim della se dançará o bem acceito e applaudido Londum dos pretos, depois do qual se bailarão os boleros. Seguindo-se a isto hum bem concertado terceto em musica, por nome o *Musico e o Poeta*. Haverá tambem os bailes do sorongo e das manchegas, entrando neste esta noite Thomazia e Luiza Lopes. Immediato a isto se representará huma graciosa farça que se intitula o *Criado e o Enfermo*. Tal he o divertimento que o beneficiado offerece ao respeitavel publico, de quem espera todo o acolhimento, que costuma prestar aos que se disvellão por lhe serem reconhecidos.<sup>152</sup>

Sabbado 18 de Julho, no Theatro da Rua dos Condes, se exporá hum interessante espectaculo, a grande orquestra ha de tocar huma bella **sinfonia** e depois se representará huma nova comedia, que se intitula O que fazem os Herdeiros, e ha de executar-se a grande dança denominada os Satiros, terminando o espectaculo a farça que tem por titulo o Velho Presumido. O producto do presente espectaculo reverte a favor de António José Pedro, actor do mesmo teatro.<sup>153</sup>

Para o terceiro e último grupo dos géneros profanos, “outros”, levantaram-se 185 notícias, fazendo deste grupo o menos noticiado. Dentro deste grupo, o baile é o mais noticiado, com 108 menções.

Na terça feira antecedente, 8 do mesmo mez se applicarão os Santos Oleos ao filho primogenito do Excellentissimo Conde Fernan Nunes, Embaixador da Corte de Madrid nesta de Lisboa. Foi Padrinho S. M. Catholica, a quem representou o Excellentissimo Principe de Raffadali, Ministro da Corte de Napoles. Assistio a esta função toda a Nobreza, tanto nacional como estrangeira, que se acha nesta corte, a qual foi entretida com huma esplendida cea de 120 pessoas, musica e **baile** que

---

<sup>149</sup> *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1789, nº 22.

<sup>150</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1818, nº 284.

<sup>151</sup> Kennedy, *Dicionário*, 667 e 668.

<sup>152</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1810, nº 289.

<sup>153</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1818, nº 167.

durou até às 5 horas da manha.<sup>154</sup>

Sexta feira 6 de Julho de 1810, pela Sociedade do Real Theatro de S. Carlos, em beneficio de Giulieta, bailarina do mesmo theatro, se ha de representar o seguinte espectaculo, terá principio com hum novo **baile** que tem por titulo *Tudo cede ao Amor* de composição de Lourenço Lacomba. A este **baile** se seguirá a representação do bem acceite drama em hum só acto intitulado *La Testa Riscaldada*. Terminará todo o espectáculo com a pomposa e bem recebida dança que se intitula os *Patriotas d'Aragão* ou o *Primeiro triunfo do General Palafox*.<sup>155</sup>

Modinha, segundo Gabriela Gomes da Cruz,<sup>156</sup> é “um género vocal com acompanhamento instrumental muito em voga em Portugal e no Brasil em finais do século XVIII”.<sup>157</sup> No entanto, sobre este género em específico não se levantaram notícias de alguma representação, mas sim publicidade ao *Jornal de Modinhas* ou à venda de modinhas dos vários compositores da época. Outro aspeto de destacar é o facto de que este género só começa a ser noticiado na década de 90 do século XVIII, só havendo duas notícias (num espectro de 19) para o século XIX.

Na real fabrica de Impressão de Musica, no largo de Jesus, sahio, nº1 deste mez, á luz a **Moda** nova intitulada *Almira*, composta por José Palomino. Em todo o tempo pode alli subscrever para o Jornal de Modinhas.<sup>158</sup>

Sahe à luz hum collecção de **modinhas** novas, com acompanhamento de piano forte intitulada A Lira Portuguesa, musica composta e dedicada às Senhoras pelo Professor Hespanhol D. José Acunha. No principio de cada mez se dará hum numero, quem quizer subscrever por seis mezes o poderá fazer na Rua Aurea nº 176, na do Loureto nº76 e em Belém na Casa de José Tiburcio, pelo preço de 1200 reis metal. A **modinha** primeira está prompta para se entregar aos senhores subscriptores. Tambem se vende avulsa nas ditas lojas a 240 reis.<sup>159</sup>

Segundo Kennedy,<sup>160</sup> uma ária é uma melodia, mas este autor também acrescenta que com Alessandro Scarlatti, no século XVIII, “o termo passou a significar uma peça vocal a solo mais ou menos extensa e desenvolvida”.<sup>161</sup> Este género aparece 22 vezes mencionado pelo redator, sendo o segundo mais mencionado deste grupo.

Amanha o 1º de Outubro, no theatro nacional do Salitre, em beneficio, se ha de representar a interessante Comedia *Lição para Maridos*, hum **aria** cantada por Getrudes Angelica e hum dança

---

<sup>154</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1779, nº 24.

<sup>155</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1810, nº 160.

<sup>156</sup> Gabriela Gomes da Cruz. “A Modinha, o Quotidiano e a Tradição Musical Portuguesa em finais do Século XVIII”. *Revista Portuguesa de Musicologia*, nº1 (1991).

<sup>157</sup> Cruz. “A Modinha, o Quotidiano e a Tradição Musical Portuguesa”, 67

<sup>158</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1793, nº 10.

<sup>159</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1817, nº 155.

<sup>160</sup> Kennedy, *Dicionário Oxford de Música*.

<sup>161</sup> Kennedy, *Dicionário Oxford de Música*, 38.

que tem por titulo *A Morte de Egisto Rei de Babilonia* em que entra pela segunda vez Maria Schira e Luiz Schira, dando fim ao divertimento a farça do *Morgado dos Fornos*.<sup>162</sup>

Segunda feira 22 do corrente, no Real Theatro de S. Carlos, em beneficio de Carolina Neri, primeira dama, representar-se-ha o 1º acto da Italiana em Argel, aonde a beneficiada cantará três **árias** em tres differentes linguas, a saber portugueza, italiana e franceza, acompanhando-as ella com a guitarra franceza, pois o curto espaço de tempo não lhe permite mais (...).<sup>163</sup>

A partir de 1779, com o retorno da *Gazeta de Lisboa*, tornou-se usual o redator escrever e descrever os espetáculos que aconteceriam nos teatros, como o Nacional de São Carlos, o da Rua dos Condes e o do Salitre. Dessa forma, as notícias levantadas sobre este género, as árias, têm sempre este modelo descritivo.

De seguida aparece a cantata, que basicamente é uma peça cantada. À imagem do que acontece com as árias, este género também é noticiado com o mesmo modelo descritivo, como se pode observar nos exemplos abaixo.

Quarta feira, 3 do corrente mez de Julho, se representará no Real Theatro de S. Carlos, pelos professores de musica, a nova **Cantata** séria intitulada *A Ilha Desabitada* e sexta feira a Ópera séria *Semiramis*. E nesse dia, no fim do primeiro acto, tocará a celebre professora Luiza Gerbini, hum concerto de rabeca.<sup>164</sup>

No Theatro de S. Carlos, celebrou a Sociedade o festejo nos dias 15, 16 e 17 de Dezembro, huma **cantata** composta para este soberano assumpto e executada a sua musica primorosamente e com geral applauso, principiando por ella a representar neste Real Theatro a primeira dama chegada recentemente da Italia (...).<sup>165</sup>

Esta segunda notícia diz respeito aos festejos em honra da chegada de D. Carolina Josefa Leopoldina de Itália, noiva do futuro D. Pedro IV de Portugal, I do Brasil.

Um dueto, entendido como uma combinação entre dois executantes, com ou sem acompanhamento,<sup>166</sup> aparece noticiado apenas 8 vezes, aparecendo apenas na década de 90 do século XVIII, tal como acontece com a modinha, e seguindo o modelo descritivo, como as árias e a cantata.

Quarta feira, 8 de Janeiro, no theatro do Salitre, em beneficio de Thomazia Lopes e Vicente Porta, bailarino grutesco, se ha de representar a nova Comedia, huma nova aria, boleros, sorongo, hum **dueto** novo cantado por Maria Fornier e sua Filha. Thomazia Lopes e Luzia Lopes dançaram o fandango, seguir-se-lhe-ha huma nova operação grutesca composta por Vicente Porta, em a dita ha

---

<sup>162</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1813, nº 229.

<sup>163</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1818, nº 144.

<sup>164</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1799, nº 27.

<sup>165</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1818, nº 13.

<sup>166</sup> Kennedy, *Dicionário Oxford de Música*, 220.

algumas transformações e huma engraçada valsa variada com differentes figuras.<sup>167</sup>

Hoje, no Theatro do Salitre, a beneficio de Jozefina Monati, se representará a tragi-comedia Heraclio Reconhecido, Faustina Veluti dançará hum a solo e Maria Luiza Smarten e Carolina Augusta hum padicú, terminará o divertimento a linda farça, Quem tem capa sempre escapa ornada de musica, hum **dueto** do celebre Fioravanti e huma cavatina e hum terceto novos de Lucas Argolini.<sup>168</sup>

O terceto é o resultado de uma combinação entre três executantes, e, na fonte estudada, aparece mencionado seis vezes. As notícias em que aparece este género seguem dois modelos, o da publicidade e o descritivo.

Na Real Fabrica e Impressão de Musica, sita ao largo de Jesus, sahirão à luz o n. 8 Duetto italiano de Marcos Antonio, o nº9 Moda nova de José Caetano Cabral de Mendonça, o nº10 Duetto (sic) de Francisco Xavier Baptista, o n.11 **tercetto** nocturno de José Palomino e o n. 12 moda a solo de Marcos Antonio. Achar-se-hão tambem no Porto em casa de Trauseke e Companhia na Rua das Flores. Na sobredita fabrica se abre e estampa toda a qualidade de obras.<sup>169</sup>

Hoje segunda feira no theatro do Salitre, se representa a interessante Comedia Eufemia e Polidoro, depois se dançara o sorongo, seguindo-se-lhe a pompoza dança Genevra de Escocia, dando fim o divertimento com a farça o Cirurgião na Aldea, com hum lindo **terceto**.<sup>170</sup>

Sendo um soneto uma pequena canção, aparece unicamente duas vezes mencionado, sendo que a primeira menção diz respeito a Arrifana de Sousa e a outra à Universidade de Évora.

Ambas as notícias dizem respeito ao júbilo que as povoações sentiram ao saber que D. José I estava de boa saúde, depois de ter sofrido o atentado do dia 3 de setembro de 1758.<sup>171</sup> Esta foi uma altura muito dramática, tanto a nível político como social, e os anos de 1759 e 1760 (para a fase 1715-1762) são os que se apresentam com mais notícias. Estas chegam de todos os pontos do país e são de graças pela vida do rei.

Com apenas duas notícias encontra-se o fandango, que se trata de um tipo de dança espanhola,<sup>172</sup> e segue o mesmo modelo descritivo dos anteriores géneros musicais.

Hoje 25 do corrente mez de Outubro, no theatro Nacional do Salitre, em beneficio ha de expôr-se o seguinte espectáculo. Servirá de abertura huma das mais bellas symfonias, seguindo-se-lhe a maravilhosa comedia, que se intitula *Roberto: Chefe de Salteadores*. Esta famosa peça he aquella que tantos applausos mereceo na abertura deste theatro. No fim do seu primeiro acto haverá boleros

---

<sup>167</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1812, nº 6.

<sup>168</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1818, nº 263.

<sup>169</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1793, nº 52.

<sup>170</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1816, nº 13.

<sup>171</sup> Monteiro, *D. José*, 104 a 107.

<sup>172</sup> Kennedy, *Dicionário Oxford de Música*, 245.



a quatro pessoas. No fim do segundo o **Fandango**, dançando por duas Hespanholas, dançarinas do mesmo theatro e logo que finalize a sua representação, continuará o divertimento com a bella dança, que tem por titulo a *Morte dos Salteadores*, com toda a decencia e pompa. Dará fim ao espectáculo a bella farça, ornada de bellas peças de musica, que se denomina *O Estudante Industrioso*.<sup>173</sup>

Hoje se ha de representar no theatro do Salitre, em beneficio, a interessante Comedia *As Minas de Polonia ou a Filha das Montanhas*, seu author he o mesmo da do Bom Amigo, seguindo-se huma bella dança e a jocosa farça *A Arte dos Toureiros Tollos* e haverá tambem hum **fandango** hespanhol.<sup>174</sup>

Dos outros três géneros, canção, bolero e sorongo, todos aparecem com apenas uma menção na *Gazeta de Lisboa e Suplementos*. Uma vez que o leitor sabe o que é uma canção, e bolero e sorongo são dois tipos de dança, os exemplos serão dados sem mais demoras.

Na mesma loja tambem se acha, pelo preço de 40 reis, huma **canção** feita à sagração da Real Igreja do Mosteiro do Santissimo Coração de Jesus por João Xavier Taborda Pinhatelli.<sup>175</sup>

Quarta feira, 8 de Janeiro, no theatro do Salitre, em beneficio de Thomazia Lopes e Vicente Porta, bailarino grutesco, se ha de representar a nova Comedia, huma nova aria, **boleros**, **sorongo**, hum dueto novo cantado por Maria Fornier e sua Filha. Thomazia Lopes e Luzia Lopes dançaram o fandango, seguir-se-lhe-ha huma nova operação grutesca composta por Vicente Porta, em a dita ha algumas transformações e huma engraçada valsa variada com differentes figuras.<sup>176</sup>

Aqui se colocam dois exemplos, sendo que um é uma publicidade à venda de uma canção e o segundo uma descrição de espectáculo a realizar no Teatro do Salitre. É de notar que o segundo exemplo applica-se ao bolero e ao sorongo na medida em que é a única notícia 63que menciona estes dois géneros.

No que toca aos géneros musicais religiosos observam-se duas categorias principais, “liturgia das horas ou officios” e “liturgia da missa”. A primeira categoria, liturgia das horas ou officios, apresentou-se como a mais complexa, na medida em que integra várias sub-categorias. Dessa forma, num primeiro patamar considerámos a referência à designação genérica de “Officios” e à designação discriminada das diversas horas litúrgicas, em particular as horas maiores – Matinas ou Nocturnos, Laudes, Vésperas e Completas – sem menção explícita aos géneros musicais associados a estes officios. Enquanto que numa segunda fase, consideramos as horas menores – Prima, Terça,

---

<sup>173</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1811, nº 254.

<sup>174</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1813, nº 166.

<sup>175</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1789, nº 50.

<sup>176</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1812, nº 6.

Sexta e Nona, que, por não serem contemplados pelo redator não serão aqui abordados.

Tabela nº2.3 – Horas Litúrgicas ou Ofícios

HORAS LITÚRGICAS OU OFÍCIOS	
Horas maiores	Matinas ou nocturnos, Laudes, Vésperas e Completas
Horas menores	Prima, Terça, Sexta e Nona

Esta é seguramente a categoria mais noticiada com um total de 1093 notícias, isto é, quase metade das notícias levantadas.

Para a designação genérica de “ofício” são 42 as notícias levantadas.

No mesmo dia 11 fez a Irmandade de Santa Cecilia, que se compoem de todos os Cantores, e Musicos desta Corte, exequias solennes na igreja prioral de Santa Justa, o Secretario de Estado defunto Diogo de Mendonça Corte-Real, Provedor perpetuo que foy da mesma Irmandade, cantando se a seis coros o **Officio**, pregando e fazendo o Panegyrico das suas virtudes e merecimentos com a sua natural elegancia e vastissima erudiçam o P. M. Fr. Manoel de Figueiredo, Religioso eremita da ordem de Santo Agostinho e Chronista da sua religiam, assistindo a esta solemnidade todos os parentes da sua casa, muitos ministros e religiosos de todas as religiões.<sup>177</sup>

Muitas notícias dão conta de um ou mais ofícios concretos – matinas, laudes, vésperas e completas.

Por exemplo encontramos na *Gazeta de Lisboa* 28 menções sobre matinas, na sua maioria referentes a Lisboa.

Suas Magestades que Deos guarde assistirão terça feyra passada às **Matinas** do Nascimento, que se cantarão na Capella Real com o mais apurado primor de arte, na noyte da vespera de Natal e no dia de festa, e suas oitavas presenciarão as festividades proprias daquelles dias, celebradas com toda a solemnidade.<sup>178</sup>

Na sexta feira, 21 do mez passado, visitou El Rey N. Senhor a Basilica de Santa Maria, por ser vespera da festa do glorioso S. Vicente Martyr, Padroeiro da Cidade de Lisboa, cujo corpo se venera naquelle templo e depois se recolheu ao Paço, onde na sua Real Tribuna assistiu as **matinas** que com toda a solemnidade costumada se cantaram na Basilica Patriarcal em obsequio do mesmo Santo.<sup>179</sup>

Das oito notícias mencionando laudes, apenas duas são relativas à cidade de Lisboa. Abaixo segue a transcrição mais completa, a qual diz respeito à morte do arcediogo D. José Dionísio Carneiro de Sousa, da Igreja Patriarcal de Lisboa.

<sup>177</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1736, nº 51.

<sup>178</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1715, nº 21.

<sup>179</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1746, nº 5.

Domingo pellas 5 horas depois do meyo dia faleceo de idade de 47 annos, 5 meses e 22 dias o Illustrissimo Arcediago da Santa Igreja Patriarcal D Joseph Dionisio Carneiro de Sousa e na segunda feyra a noite foy o seu cadaver vestido de murça e manteleca, roquete e chapeo, transportado a Igreja dos Religiosos de S Paulo, primeiro ermitão, em huma carroça, a que se seguirão outras duas com os seus Gentis Homens, precedendo a familia inferior com tochas. O dia seguinte, sendo vestido em habitos pontificaes, foy exposto sobre hum (?) no meyo da igreja (que estava ornada interior e exteriormente com aparatos funebres, cercado de quatro tochas e cem cirios e tendo se dito pela sua alma, na manhã do mesmo dia, grande numero de missas, de tarde se lhe fizerão solemnes exequias cantando as **vesperas** e **nocturnos** e **Laudes** repartidamente cinco comunidades de religiosos, assistindo os Illustrissimos conegos a toda esta função, depois da qual já de noite foy cidade, onde hy enterrado no jazigo da sua excellentissima casa.<sup>180</sup>

As vésperas são dos géneros mais noticiados, com um total de 86 notícias. Atente-se em alguns exemplos.

No sabado dia 21 visitaram a Igreja de Nossa Senhora de Boahora, em que se cantavam as **vesperas** da festa da gloriosa Santa Rita.<sup>181</sup>

Na tarde de quarta feira, 19 do corrente, foy a rainha nossa Senhora com a Princeza e o Senhor Infante D. Pedro, visitar a Igreja de S. Pedro de Alcantara dos Padres Arrabidos, por ser dia de festa do mesmo santo. A 20 foram as mesmas Senhoras ao Convento das Religiosas de Santo Alberto ouvir cantar as **Vesperas** solemnes da festa das onze mil virgens.<sup>182</sup>

El rey nosso senhor acompanhado do Principe e dos Senhores Infantes, visitou sabado de tarde a Igreja de N. Senhora da Boahora de Agostinhos Descalços e depois passou à Igreja de Nossa Senhora da Graça, onde se deu fim à Novena da Gloriosa Santa Rita de Cassia e se cantavam as **vesperas** da sua festa e visitou tambem a de S. Roque dos Padres da Companhia de Jesus onde celebravam as **Vesperas** da gloriosa S. Quiteria Infanta Portuguesa.<sup>183</sup>

As completas só são referidas duas vezes, sendo que nenhuma é para o caso de Lisboa, ficando dessa forma fora deste estudo.

Num segundo patamar, ainda dentro da “liturgia das horas ou ofícios”, encontram-se notícias mencionando muitos géneros litúrgicos associados a estes ofícios, nomeadamente, “hino”, “antífona”, “responsório”, “ladainha”. Alguns destes géneros podem também surgir noutros contextos, nomeadamente em procissões ou em pequenos rituais devocionais ou ainda em diversas celebrações de ação de graças. Tal é o caso do hino *Te Deum Laudamus* que aqui assume enorme preponderância. Para efeitos do

---

<sup>180</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1724, nº 31.

<sup>181</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1735, nº 21.

<sup>182</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1735, nº 43.

<sup>183</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1740, nº 21.

presente estudo estes géneros surgem integrados na categoria da Liturgia das horas.

Como mencionado, de entre os principais géneros noticiados, surge o hino *Te Deum laudamus*. Para além de ser cantado em Matinas, surge frequentemente associado a diversas ocasiões solenes ou de ação de graças assumindo um papel particular no período em estudo. Consequentemente este é noticiado copiosamente como veremos adiante.

Para o primeiro género atrás referido, o hino, são 41 as notícias levantadas. Logo, serão vários os exemplos suscetíveis de transcrição.

No proprio dia 14 receberam à imitação de Sua Alteza o mesmo habito na dita igreja Antonio de Saldanha de Albuquerque seu camarista, D. Rodrigo de Lencastro e Antonio Mascarenhas de Mello, ambos da familia de Sua Alteza e as Religiosas para fazerem mayor a solemnidade deste acto, cantaram o **hymno** *veni creator spiritus* e o *Te Deum Laudamus*.<sup>184</sup>

O faleiro e tudo o mais que he precizo e proprio desta função foi conduzido à Igreja pelas primeiras pessoas do Reino, acompanhadas dos moços fidalgos ou pagens de S. M. Acabadas as cerimoniaes do Bautismo cantarão os musicos o **hymno** *Eucaristico* e SS. MM. e AA. se recolherão ao Paço com o mesmo acompanhamento.<sup>185</sup>

Para o caso das antífonas, são 11 as notícias que se levantaram, sendo que apenas quatro dizem respeito a Lisboa.

Suas Magestades e Real Familia, que quizerão honrar este acto com a sua presença, forão por outro caminho para a Patriarcal, onde precederão S Eminencia que logo que chegou foi conduzido a huma sala interior e sendo ahi revestido dos paramentos pontificaes foi para a Igreja em procissão acompanhado de todos os principaes, prelados, etc, achando se Suas Magestades e Altezas na tribuna. Depois de visitar o Santissimo Sacramento se dirigio S Eminencia para a Capella mor, onde posto de joelhos, se cantarão alguns versículos e recitou o Principal Officiante huma oração, implorando as divinas benções sobre o novo prelado. Depois do que S Eminencia se sentou no seu throno e lhe beijarão a mão todos os Principaes, Monsenhores e todas as pessoas que compõem os corpos da Capella e da Basilica. Isto acabado, S Eminencia precedeo para o Altar e recitou duas orações depois de duas **antifonas** que se cantarão, huma propria da função e outra dos Santos titulares da igreja e depois de ler hum principal a tavella das indulgencias que ganhavão os assistentes, sendo perguntado S Eminencia declarou que concedia cinco annos e cinco quarentenas e tendo lancado a benção pontifical, S Eminencia voltou para o mesmo lugar a depor os paramentos e de lá para o seu palacio na mesma forma em que tinha vindo e igualmente acompanhado da nobreza. A esta função assistirão já todos os novos principaes.<sup>186</sup>

---

<sup>184</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1743, nº 52.

<sup>185</sup> *Lisboa*, 1761, nº35.

<sup>186</sup> *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1779, nº 22.

No caso do responsório são 19 as notícias encontradas, sendo que apenas cinco são para Lisboa. O mais composto exemplo é uma notícia referente à Real Capela da Bemposta.

Na real capella da Bemposta se celebrarão solemnes exequias pelo Senhor Rei D. Pedro III, nos dias 4 e 5 deste mez. Assistindo em ambos os serenissimos senhores Principe do Brazil e infante D. João. A mais sumptuosa e lugubre decoração ornava toda a capella e seu frontespicio indicando engenhosos emblemas o interessante objecto daquelle acto. Hum soberbo cenotasio, artificiosamente construido, sustentava o retrato de S. M. defunta debaixo d'huma excellente peça d'arquitectura elevada até ao tecto da capella, apoiando sobre quatro columnas tudo adornado de varias figuras douradas e immensas luzes. Na tarde do primeiro dia cantou as *Vesporas*, *Matinas* a *Musica* de S. M., officiendo o Excellentissimo Principal Mendonça, que celebrou no dia seguinte missa pontifical, cantada pela mesma musica. Acabada esta recitou o Reverendissimo Fr. Joaquim Forjaz, Religioso Eremita de Santo Agostinho, huma eloquente, pathetica e verdadeira oração, internecendo o numeroso e luzido auditorio pela fiel pintura das exemplares virtudes que farão sempre saudosa a memoria de hum tão bom rei. Outros quatro excellentissimos principaes com o celebrante officiarão depois nos *Responsorios* que cantou a Musica e com que se concluiu este funebre acto.<sup>187</sup>

A ladainha é referida em 55 notícias, sendo o segundo género mais noticiado.

Domingo foy a Rainha nossa Senhora, com a Serenissima Princeza, e o Senhor Infante D. Pedro à Igreja do Real Mosteiro das Religiosas Capuchas de Madre de Deos de Xabregas, onde com o Principe nosso Senhor, que tambem alli concorreu, as ouviram cantar a **ladainha**.<sup>188</sup>

Na segunda feira, 16 do corrente, em que se celebra a festa do glorioso S. Joam Nepomuceno foy a Rainha nossa Senhora visitar a sua Igreja no Hospício dos Religiosos Carmelitas Descalços Alemaens. E a 19 foy ao sitio de Bellem e depois de se divertir no passeio en huma das cazas reaes de campo, foy à Igreja de N. Senhora do Bom sucesso, onde ouviu a **Ladainha** cantada pelas religiosas do mesmo convento.<sup>189</sup>

Por último, aparece ainda menção à novena com apenas duas notícias. Estas não serão aqui objeto de estudo, pelo facto de ser apresentada em Campo Maior e a segunda em Portimão.

Para terminar, vale a pena destacar novamente o caso singular do Te Deum. Este género, pertencente ao grupo dos hinos, é o género mais noticiado, com um total de 808 notícias. É necessário compreender que, além de ser presença obrigatória nas festas religiosas, tanto nas principais, como o Natal ou a Páscoa, como também nas dos santos,

---

<sup>187</sup> *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1786, nº 27.

<sup>188</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1734, nº 31.

<sup>189</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1740, nº 21.

também o era nas festas onomásticas, nos aniversários da família real, na celebração de nascimentos, casamentos ou falecimentos, assim como em vitórias militares. Por essa razão, é aquele que mais aparece referenciado.

Pela noticia chegada da Alemanha por hum Expresso, com a confirmação da grande victoria, alcançada pelas armas Imperiaes contra os infieis, fez S. Mag. que Deos guarde, cantar solenemente na sua Real Capella o *Te Deum Laudemos* a que assistio a todas as pessoas Reaes, e grande concurso de Nobreza, sendo officiado pelo Emin. Senhor Cardeal da Cunha, Capellão mór de S. Mag. O mesmo se mandou fazer em todos os Conventos, e Igrejas desta Cidade, que festejãrão tres dias com repetidos repiques e felecidade deste sucesso, em todos houve luminarias no Paço, e em toda a Cidade, com salvas de artilharia em todas as Fortalezas.<sup>190</sup>

A Rainha nossa Senhora continuando a sua Novena das Imagens milagrosas desta cidade, visitou no Domingo de tarde a de N. Senhora da Lembrança na Igreja do Convento de N. Senhora de Jesus dos Cardaes, onde tambem se celebrava a festa da Rainha D. Isabel de Portugal e na noyte do mesmo dia começou a sentir dores de parto. Logo mandou aviso a S. Mag. que veyo de Pedrouços pelas três horas da madrugada, e teve o gosto de a ver dar a luz felizmente hum infante pelo meyo dia da segunda feyra 5 do corrente. Toda a Corte lhe beijou a mão, e de tarde assistio na sua Real Capella ao *Te Deum* que nella se cantou com toda a solemnidade, e se festejou este nascimento com tres dias de luminarias, e salvas de artilharia.<sup>191</sup>

Segunda feyra pella manhã chegou hum Postilhão de Roma com a noticia de estar eleyto Summo Pontifice o Emin. Cardeal Conti, Nuncio Apostolico que foy neste Reyno, e seu Protector na Curia Romana. Esta nova se celebrou com repiques, e luminarias nas duas Cidades, e se cantou por ella o *Te Deum* na Santa Igreja Patriarcal.<sup>192</sup>

No ultimo dia do mez, e anno passado, foy el Rey nosso Senhor, que Deos guarde, incognito com o Senhor Infante D. Antonio ao coro da Igreja de S. Roque da casa professa da Companhia de Jesus, e a Rainha nossa Senhora com as Altezas em publico acompanhada de todos os Grandes, e dos Officiaes da Casa, e assistirão ao *Te Deum laudamos*, que se cantou solenemente na forma costumada em acção de graças pelos beneficios recebidos da Divina Clemencia de Deos Senhor no discurso do mesmo anno.<sup>193</sup>

Como se pode observar pelos exemplos acima transcritos, a primeira notícia refere-se ao festejo dos portugueses pela vitória das forças alemãs sobre as turcas, enquanto que a segunda é referente ao nascimento do infante D. Pedro, a terceira é sobre a nomeação do Cardeal Conti para novo Papa e, por último, a última é sobre os festejos de ano novo, na Igreja de São Roque, em 1724.

---

<sup>190</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1716, nº 38.

<sup>191</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1717, nº 27.

<sup>192</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1721, nº 23.

<sup>193</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1724, nº 1.

Terminada esta pequena abordagem à categoria das Horas litúrgicas passaremos agora à segunda categoria dos géneros musicais sacros, constituída pela liturgia da missa. Esta aparece amplamente referida tendo sido identificadas em 375 notícias.

Segunda feyra se celebrarão os annos do Senhor D. Miguel no seu Palacio, onde houve huma cea muyto magnifica, e huma grande festa, em que assistirão os Musicos de S. Magestade, que no dia antecedente tinham cantado huma **Missa com muytos Instrumentos**, e grande solemnidade na Igreja de Loreto da Nação Italiana.<sup>194</sup>

No domingo 12 do corrente assistiram Suas Magestades, na Igreja dos Religiosos Trinitarios do Sitio de Alcantara, à festa da milagrosa imagem de N. Senhora do Livramento, de que sam juizes perpetuos. A Igreja se achava custosa e magnificamente armada. Oficiou a **missa** o M. R. P. M. Fr. Francisco de Santa Anna, Provincial da mesma Ordem, **com a excelente muzica da Capela Real** e pregou o M. R. P. M. Doutor Fr. Jozé dos Santos com a elegancia, agudeza e formalidade com que sempre deixa nam só satisfeitos mas admirados aos seus ouvintes. No dia antecedente havia a Rainha nossa Senhora visitado por sua devoçam (como todos os sabados costuma) a mesma igreja.<sup>195</sup>

O Excellentissimo Visconde de Fonte Arcada, como Provedor da Irmandade dos Passos do Real Convento de S. Domingos de Lisboa e mais mezarios, em acção de graças pelo feliz nascimento da Serenissima Princeza da Beira, fizeram celebrar a 3 do corrente, naquella Igreja, com o Senhor Exposto, huma solemne **missa, cuja musica foi executada por uma orquestra** composta dos melhores professores, sendo orador o M. R. P. M. Fr. José Leonardo, Religioso do mesmo Convento. A esta gratulatoria acção assistio toda a Irmandade e varios religiosos de diferentes conventos desta cidade.<sup>196</sup>

A Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguezia de S. Christovão desta Corte, de que he Juiz perpétuo o Principe Regente N. S. e Protectora a Princeza N. Senhora, fez celebrar a 28 de Julho, em acção de graças pelo feliz parto de S. A. R., **missa cantada** e sermão, que pronunciou o R. Fr. Manoel d'Ave Maria Leal, Religioso Trino, Pregador Regio e no fim se cantou o Te Deum, assistindo a este acto toda a Irmandade com muita satisfação.<sup>197</sup>

Como se pode ver pelos exemplos, a *Gazeta de Lisboa* e os seus *Suplementos*, tinham uma grande preocupação em noticiar o mais descritivamente possível os eventos musicais (facto que se vai tornando mais notório à medida que o século XVIII vai avançando). Outra questão é o facto de as notícias serem quase todas sobre a família real e corte, sendo recorrentes as notícias sobre dias onomásticos, aniversários, casamentos, falecimentos e nascimentos de elementos da família real (visível para os quatro reinados

---

<sup>194</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1719, nº 42.

<sup>195</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1752, nº 42.

<sup>196</sup> *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1793, nº 21.

<sup>197</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1805, nº 31.

em estudo) bem como para elementos da corte.

De seguida discutiremos brevemente aspetos ligados aos agentes musicais e a sua presença na fonte estudada.

### 2.3. Agentes Musicais: Cantores, Compositores e Músicos

O início do século XVIII inaugura um ciclo na história da música portuguesa que durará até às últimas décadas do século XIX, e que podemos designar por período italiano.<sup>198</sup>

Esta citação explicita claramente a conjuntura musical que se vive no período aqui em estudo.

D. João V toma muitas iniciativas de cariz cultural e um dos grandes investimentos deste reinado são “obras e instituições artísticas relacionadas com a representação religiosa do Poder absoluto, com a «ópera ao divino» e não com a teatralização laica desse Poder (...)”.<sup>199</sup> Com isto se quer dizer que este rei investe muito nas instituições religiosas e artísticas, mas nem sempre tendo em vista o divino. É, por essa razão que as medidas régias para a renovação musical do país estão intimamente relacionadas com a reforma da Capela Real, que é elevada a Sé Patriarcal em 1716.<sup>200</sup> Adjacente a esta capela, em 1713, aparece uma escola de música, que se passa a designar Seminário da Patriarcal.<sup>201</sup>

Com isto, D. João tinha a vontade de elevar a Capela Real ao nível da Cappella Giulia do Vaticano,<sup>202</sup> e, para isso, iniciou uma política de contratação de músicos, cantores, compositores e obras musicais, de forma a engrandecer a sua capela.

Um dos nomes mais conhecidos da historiografia é Domenico Scarlatti quem, em 1719,<sup>203</sup> abandona a Cappella Giulia e parte em direção a Lisboa para cumprir a função de mestre da Capela Real.<sup>204</sup>

Sobre a estadia deste músico, encontram-se quatro notícias na *Gazeta de Lisboa*, que serão aqui apresentadas para que melhor ilustrar as questões abordadas.

Sexta feyra passada dia de S. João Evangelista se festejou no Paço o nome de Sua Magestade que

---

<sup>198</sup> Brito, “A Música Portuguesa no século XVIII”, 125.

<sup>199</sup> Brito, “A Música Portuguesa no século XVIII”, 127.

<sup>200</sup> Brito, “A Música Portuguesa no século XVIII”, 127.

<sup>201</sup> Brito, “A Música Portuguesa no século XVIII”, 127.

<sup>202</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*, 106.

<sup>203</sup> A data em que Scarlatti abandona Roma e chega a Portugal é muito discutida. Sobre este tema ver Brito, “A Música Portuguesa no século XVIII”; Brito e Cymbron, *História da Música*; Nery e Castro, *History of Music*; Branco, *História da Música* e, por último, D’Alvarenga, “Domenico Scarlatti”. Este último artigo, faz uma longa reflexão sobre a chegada e presença de Domenico Scarlatti em Portugal.

<sup>204</sup> Branco, *História da Música*, 196.



Deos guarde, com huma Serenata Italiana intitulada, *Cantata Pastorale*, discreta e harmoniosa obra do compositor Scarlatti, representada no quarto da Rainha nossa Senhora.<sup>205</sup>

Hontem ultimo dia do anno de 1721. se cantou na Igreja de S. Roque desta Cidade em acção de graças por todos os beneficios, que no discurso delle Deos nosso Senhor foy servido fazer a este Reyno, e aos seus moradores, o Hymno do *Te Deum Laudamos*, elegantemente composto em solta, e repartido por varios coros de musica, pelo famoso compositor Domingos Escarlati (sic), fazendo a função do Ilustrissimo D. Joseph Dionisio Carneiro de Sousa, Arcediago da Santa Igreja Patriarcal, assistido de todos os Ministros, e Mestres de Cerimonia. Toda a Igreja estava magnificamente armada, e chea de hum quasi infinito numero de luzes, e os musicos repartidos em tribunas triangulares, expressamente fabricadas, e adornadas de ricas armaçoens, tudo por ordem, e despeza do Senhor Patriarca, cuja generosidade se remonta mais nas funçoens do Culto Divino; fazendo se tudo com grande magnificencia, e solemnidade, que se tem praticado nos annos precedentes. Assistio toda a Nobreza da Corte, e o concurso do povo foy inumerável.<sup>206</sup>

Em 7 do corrente fizerão os mesmos Academicos a sua Assembleia por ordem de Suas Magestades na antecamara da Rainha nossa Senhora, por ser dia dedicado a festividade do seu nascimento. O P. Manoel Caetano de Sousa, que era o director desta Conferencia, fez hum panegyrico à mesma senhora e também entretecerão outros com as contas que dêrão dos seus estudos Diogo Barbosa Machado, o Visconde de (?) o P. Fr. Fernando de Abreu, o Marquez de Fronteira, o Marquez de Alegrete e se leu o papel do Conde de Monsanto, que sem embargo de se achar nas Caldas, não quiz faltar ao obsequio tão justo, de noyte houve no Palacio huma excellente Serenata composta em Musica pelo Abbade Scarlati.<sup>207</sup>

O dia de 27 deste mez, em que a Igreja festeja ao glorioso Apostolo S. João Evangelista, foy tambem festival em Palacio, em razão do nome de S. Magest. que Deos guarde, em cujo obsequio se fez huma excelentissima Serenata composta pello Abbade Scarlatti e executada felizmente pellos musicos na presença de Suas Magestades e Altezas.<sup>208</sup>

Em primeiro lugar, é importante referir que apenas em 1721 Domenico Scarlatti é mencionado nas notícias da *Gazeta de Lisboa*, ficando a questão de ser apenas neste ano que Scarlatti começou a cumprir funções. Sobre esta situação, D'Alvarenga<sup>209</sup> explica que é muito provável que Scarlatti tenha abandonado Roma entre os dias 3 e 7 de Setembro de 1719, chegando a Portugal três meses depois, no dia 29 de Novembro de 1719.<sup>210</sup> Além disso, também informa que, “em 1720, já em casa própria e carruagem estipendiadas pela coroa, Scarlatti parece perfeitamente integrado na atividade

---

<sup>205</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1721, nº1.

<sup>206</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1722, nº1.

<sup>207</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1722, nº37.

<sup>208</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1722, nº53.

<sup>209</sup> D'Alvarenga, “Domenico Scarlatti”.

<sup>210</sup> D'Alvarenga, “Domenico Scarlatti”, 100.

corporativa da sua classe profissional (...)",<sup>211</sup> o que leva a concluir que simplesmente não interessava à *Gazeta de Lisboa* noticiar a chegada deste músico, talvez por desconhecer ainda a importância do mesmo.

Uma outra questão que surge é a de saber se é mesmo Domenico Scarlatti que é mencionado nas notícias do ano de 1722?<sup>212</sup> Esta interrogação surge na medida em que o citado aparece como "abbade Scarlatti"<sup>213</sup> e, tanto ele como seu pai, Alessandro Scarlatti, não eram clérigos. Terá sido erro do gazeteiro, ou simplesmente referência a outro Scarlatti? Estas são questões que ainda não se encontram esclarecidas pela historiografia.

Contudo, não é só Domenico Scarlatti que chega a Portugal para trabalhar para a coroa. A seu serviço tinha nomes como Alessandro Paghetti<sup>214</sup> e Annibale Pio Fabri.<sup>215</sup> É também neste reinado que chega a Portugal o compositor veneziano Giovanni Giorgi,<sup>216</sup> o genovês Pietro Giorgio Avondano,<sup>217</sup> Gaetano Maria Schiassi,<sup>218</sup> o catalão D. Jayme de La Té y Sagáu,<sup>219</sup> ou o siciliano Barão d'Astorga.<sup>220</sup>

Mas D. João não tinha só a política de contratar estrangeiros, criou também uma bolsa para enviar músicos, cantores e compositores portugueses para estudar em Roma.<sup>221</sup> São exemplo disso António Teixeira, João Rodrigues Esteves e Francisco António de Almeida.<sup>222</sup>

D. José continua a política de seu pai, no que diz respeito às contratações de estrangeiros e à atribuição de bolsas.<sup>223</sup> Manda vir de Itália nomes como Gizziello, Anton Raaf e David Perez.<sup>224</sup> Em relação aos portugueses, atribui bolsas para estudarem no Conservatório de S. Onofrio a Capuana em Nápoles, nomes como João de Sousa Carvalho assim como os irmãos Braz e Jerónimo Francisco de Lima.<sup>225</sup>

Para o reinado de D. Maria, regência e reinado de D. João, a historiografia fala

---

<sup>211</sup> D'Alvarenga, "Domenico Scarlatti", 103.

<sup>212</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1722, nº37; *Gazeta de Lisboa*, 1722, nº53.

<sup>213</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1722, nº37; *Gazeta de Lisboa*, 1722, nº53.

<sup>214</sup> Nery e Castro, *History of Music*, 91 e 92.

<sup>215</sup> Brito, *Estudos da História da Música*, 102.

<sup>216</sup> Brito, "A Música Portuguesa no século XVIII", 127.

<sup>217</sup> Brito, "A Música Portuguesa no século XVIII", 129.

<sup>218</sup> Brito, "A Música Portuguesa no século XVIII", 135.

<sup>219</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*, 107.

<sup>220</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*, 108.

<sup>221</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*, 106.

<sup>222</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*, 106.

<sup>223</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*, 112.

<sup>224</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*, 112 e 113.

<sup>225</sup> Brito, "A Música Portuguesa no século XVIII", 143.

numa “decadência dos teatros e de todo o estabelecimento musical da corte”,<sup>226</sup> que “ir-se-á acentuando ao longo do reinado de D. Maria I”.<sup>227</sup> No entanto, como já foi dito anteriormente, é neste reinado que mais notícias se levantaram, com 1836 de um total de 2964 notícias.

É durante este período que ganham notoriedade as irmãs Cecília Rosa, Isabel Ifigénia e Luísa Todi,<sup>228</sup> Marcos António Portugal,<sup>229</sup> Girolamo Crescentini, Catalani, Domenico Mombelli e Giuseppe Naldi.<sup>230</sup>

Muitos são os nomes que a *Gazeta de Lisboa* e seus *Suplementos* fornecem. Por essa razão, decidiu-se fazer o levantamento de todos os nomes e distribuí-los em três categorias: músicos, cantores e compositores. Esta não foi uma divisão fácil, porque alguns nomes aparecem como músicos e compositores ou cantores e compositores, mas tentou-se ser o mais fiel possível à fonte e àquilo que atualmente se sabe sobre estas individualidades. Devido à extensão da lista, esta foi colocada como anexo, sendo encontrada no anexo nº3, e serão aqui deixados aqui alguns exemplos.

Por norma, os agentes musicais começam a aparecer de forma mais recorrente nas notícias, a partir da década de 90 do século XVIII, sendo que estas, normalmente, dizem respeito a publicidade de obras ou manuais musicais, bem como à descrição de espetáculos que iriam acontecer nos principais teatros públicos da cidade, isto é, Teatro da Rua dos Condes, Teatro Nacional de São Carlos e Teatro do Salitre.

No entanto, é possível encontrar algumas referências para o reinado de D. João V, bem como as notícias acima apresentadas sobre Domenico Scarlatti. Veja-se os exemplos abaixo transcritos.

Na terça em que cumpria annos o Senhor Infante D. Manoel se vestio a Corte de gala, e o Secretario de Estado em seu obsequio fez representar em sua casa huma Opera, ou Comedia em musica, intitulada *Asis e Cybelle*, para qual compoz huma discreta Joao Conde de Ericeyra, assistindo a sua representação a mayor parte da Nobreza, e quem durante ella se oferecerão com profusão os mais polidos refrescos.<sup>231</sup>

Sahio impressa huma Comedia nova, que se intitula *El Triunfo por la Discreta*, autor Francisco de Sousa de Almada, e he a mesma que se representou o anno passado no Patio publico, estando ainda

---

<sup>226</sup> Brito, “A Música Portuguesa no século XVIII”, 143.

<sup>227</sup> Brito, “A Música Portuguesa no século XVIII”, 143.

<sup>228</sup> Brito, “A Música Portuguesa no século XVIII”, 144.

<sup>229</sup> Sobre este compositor ver Marques, *Marcos Portugal* e Marques, *A Obra Religiosa de Marcos António Portugal*.

<sup>230</sup> Nery e Castro, *History of Music*, 119.

<sup>231</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1717, nº31.

manuscrita. Acharse ha nas logeas de Mathias Pereyra da Silva, de Miguel Rodrigues às Portas de S. Carborina, de Manoel de Figueyredo, e de Jeronymo Barbosa no Adro de S. Domingos.<sup>232</sup>

Sabbado da semana passada, por ser dia dedicado ao glorioso S. João Evangelista, se festejou no Paço o nome de S. Mag. que Deos guarde, com huma admiravel Serenata, em que harmonicamente se representou a Fabula de *Acis e Galatea*, discreta e elegantemente composta pelo Barão de Astorga, e executada com muyta destreza.<sup>233</sup>

Sexta feira, por ser o ultimo dia do anno 1745, se cantou na Igreja de S. Roque Caza Professa dos Padres da Companhia de JESUS, com a solemnidade e concurso costumado em aççam de graças por todas as merces e beneficios, que no discurso delle foy Deos nosso Senhor servido fazer a este Reino, o hymno *Te Deum laudamos*, novamente composto em solfa pelo estudo e bom gosto de *Antonio Teixeira*, com aprovaçam e aplauso dos mais peritos da Arte.<sup>234</sup>

Nestes três exemplos encontram-se mencionados João Conde de Ericeira, Francisco de Sousa de Almada e os já referidos Barão de Astorga e António Teixeira. Note-se que, no reinado de D. João só aparecem menções a compositores, nunca a músicos ou cantores.

Para o reinado de D. José não foi encontrada nenhuma referência, talvez pela curta duração da atividade da *Gazeta de Lisboa*. No entanto, para o reinado de D. Maria e de D. João, existem imensas referências a estes músicos, cantores e compositores.

Voltando SS. MM. e AA. ao palacio, receberão os cumprimentos dos ministros estrangeiros a que se seguio beija mão geral e depois SS. MM. e AA. e toda a corte forão assistir a huma opera nova, intitulada *Nettuno ed Egle* e a musica d'hum gosto exquisito e em todo o sentido admiravel. Foi composta por João de Sousa Carvalho, Mestre do Principe n.s. e do senhor infante D. João. As scenas e vestidos são do maior gosto e toda a execução faz honras às pessoas empregadas nella e particularmente ao porteiro da camara encarregado de a dirigir.<sup>235</sup>

Domingo, 28 do corrente, dará, com permissão de S. M., Antonio Lolli, primeiro rabeca da camara da Imperatriz da Russia, hum concerto instrumental e vocal no Theatro do Salitre, que fará luzidamente illuminado. O dito musico tocará carios concertos e solos da sua composição e hum dueto de rabecas com o musico Pedro Rumi. As chaves dos camarotes se distribuirão na sesta feira precedente na casa do Pasto Piamonteza e os bilhetes à entrada do Theatro. O preço dos camarotes do primeiro andar será 9.600, dos do segundo 6.400, as frissuras 4.800, a plateia superior 1.200 e a inferior 800 reis.<sup>236</sup>

No dia 25 do corrente, em celebridade dos felices annos da Serenissima Senhora D. Carlota

---

<sup>232</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1719, nº32.

<sup>233</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1722, nº1.

<sup>234</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1746, nº1.

<sup>235</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1785, nº23.

<sup>236</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1789, nº4.

Joaquina, Princesa do Brazil, houve no Paço beijamão geral, a que acudio hum muito numeroso e luzido concurso. O Corpo Diplomatico comprimentou a Rainha N. S. e as demais pessoas reaes por tão plausivel motivo. Nesse dia á noite se cantou no Real Palácio perante S. M. e AA. hum Drama intitulado *Bauce e Palemone*, cuja letra foi composta por Caetano Matinelli e a musica por João Cordeiro da Silva.<sup>237</sup>

Mr. Weltin, musico de S. M. dará segunda feira, 14 do corrente mez, no theatro da Rua dos Condes, hum concerto vocal e instrumental, no qual elle executará no fagote, boé, flauta differentes tocatas. E Mr. Gervais, cujo talento he já bem conhecido, executará na rebeca hum solo composto por elle.<sup>238</sup> Na noite de terça feira, 13 do corrente mez, ha de haver na Casa d'Assemblea nova, em beneficio das antigas administradoras da Casa d'Assemblea das Nações, hum concerto vocal e instrumental executado pelos melhores professores desta corte, no qual ha de cantar Antonio Bertocci, Mariana Vinci e Luiza Gerbini, e esta ultima ha de tambem tocar hum concerto na Rabeca.<sup>239</sup>

Este dia será celebrado nesta capital com todo o lustre que permittão as circumstancias e em especial o será à noite, no Theatro de S. Carlos, aonde se representa huma nova Ópera Séria intitulada *Il Demofonte* imitação de hum dos mais felizes assumptos de Metastazio, havendo-se liberalizado tudo para dar a este espectáculo a mais brilhante pompa. A musica ainda que nova já mereceo o uniforme applauso de todos aquelles que tiverão occasião de ouvir algumas das suas peças. He composição do Célebre Mestre Marcos Portugal.<sup>240</sup>

Sabbado 25 de Junho, em beneficio de José Bertini, primeiro Buffo do Real Theatro Nacional de S. Carlos, representará a Companhia Italiana no mesmo Real Theatro hum engraçado e jocoso drama em hum acto, que se intitula o *Mestre Biajo Çapateiro*, a musica que o adorna he do inimitavel Mestre marcos Antonio Portugal, ha de seguir-se-lhe huma das melhores danças e porá remate ao expectaculo huma bellissima cantata, que se denomina *Marte e a Fortuna* que se unem no Tejo para dar a paz à Europa. Esta optima peça foi composta com todo o esmero pelo muito acreditado Mestre Victorio Trento, para a tornar mais apparatusa será treçachada de coros, hum grande corpo de guerreiros e hum bailavel analogo, no qual desempenharão hum maravilhoso terceto da composição do habil mestre Lefevre, madama Lefevre, Madama Bruni e Mr. Escoti Petit.<sup>241</sup>

José Avellino Canongia, professor de Clarinete, tendo viajado dez annos, para accrescentar novos conhecimentos aos que já possuia, he chegado proximamente a esta Capital, vindo ultimamente de Paris e Londres. Brevemente presume dar algum concerto em que prove o seu aproveitamento, no conceito de que os portuguezes, sempre honradores das artes e do merecimento, com prazer acolherão os desvelos de hum nacional, que não se tem poupado a fadigas, a fim de voltar a sua patria digno della, neste ramo a que se dedicou.<sup>242</sup>

---

<sup>237</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1789, nº17.

<sup>238</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1791, nº45.

<sup>239</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1801, nº1.

<sup>240</sup> *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1808, nº30.

<sup>241</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1814, nº146.

<sup>242</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1815, nº274.

Como é possível observar pelos exemplos dados, o grau de descrição das notícias e publicidade foi aumentando à medida que o século chegava ao fim. Dessa forma, são muitos os nomes e géneros musicais que se podem recolher e estudar. Alguns desses nomes são já bem conhecidos da historiografia, outros nem tanto, mas espera-se que tenha sido dado uma ideia clara destes aspetos, tendo por base a fonte deste estudo.

## Capítulo 3. – Espaços de realização de eventos musicais – o caso de Lisboa

Lisboa, sendo a cidade em que a *Gazeta de Lisboa* estava sediada, é a cidade mais mencionada nas notícias, com 834 de um total de 2964, seguindo-se o Porto com apenas 99. Como tal, é natural que a maioria dos espaços mencionados estejam localizados em Lisboa. Neste capítulo propõe-se uma leitura mais atenta sobre o tipo de locais que eram utilizados e frequentados para serões musicais, bem como procurar saber se há alguma mudança ao longo do século, tendo sempre em atenção o dia 1 de novembro de 1755.

### 3.1. Lisboa do Século XVIII

O século XVIII português é marcado por uma forte italianização,<sup>243</sup> a todos os níveis. Segundo José António Maravall,

Nosotros creemos (y tal va a ser nuestra tesis) que el Barroco es una cultura que consiste en la respuesta, aproximadamente durante el siglo XVII, dada por los grupos activos en una sociedad que ha entrado en dura y difícil crisis, relacionada con fluctuaciones críticas en la economía del mismo período.<sup>244</sup>

Esta tese, acima indicada, encaixa no caso português, visto que o século XVII, e inícios do XVIII, foi um período de muita instabilidade política e de guerra com a Espanha.<sup>245</sup> A nível político e de negócios estrangeiros, o país não só estabilizou com D. João V, como também cresceu economicamente. Esse crescimento, bem como a, anteriormente mencionada italianização, é visível com a construção do Convento de Mafra, da Igreja dos Clérigos no Porto, com a biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra, ou com as várias alterações realizadas em igrejas como São Roque.

Contudo, em Lisboa, pouca coisa se tinha alterado a nível de distribuição espacial da cidade. Na zona ribeirinha encontrava-se estabelecida a família real, a corte, os principais edifícios do governo, como o palácio do governo, bem como a

---

<sup>243</sup> Paulo Varela Gomes, *A Cultura Arquitectónica e Artística em Portugal no Séc. XVIII*. (Lisboa: Editorial Caminho, 1988), 13.

<sup>244</sup> José António Maravall. *La Cultural del Barroco*. (Barcelona: Editorial Ariel, 2012), 47.

<sup>245</sup> Monteiro, Nuno Gonçalo. “A Restauração (1640-1668)”, Rui Ramos (coord.), *História de Portugal*. (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009), 295-329.

Monteiro, Nuno Gonçalo. “A Monarquia Barroca (1668-1750)”, Rui Ramos (coord.), *História de Portugal*. (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009), 331-356.

Capela Real.<sup>246</sup> Perto do rio, também se encontrava um dos principais mosteiros da cidade, São Vicente de Fora, e a Sé de Lisboa. Esta distribuição manteve-se até 1755, ano do Terramoto de Lisboa.

Após o Terramoto seguiu-se um *tsunami* e um grande incêndio, que arrasou a cidade,<sup>247</sup> com os seus palácios régios, do governo, a Capela real e a Ópera do Tejo.<sup>248</sup> Segundo José Augusto França,<sup>249</sup> “medidas urgentes e indispensáveis (...) foram produzidas pelo único dos ministros capaz de enfrentar a conjuntura: Sebastião José de Carvalho e Melo”,<sup>250</sup> à altura secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. É com estas medidas que o ministro ganha notoriedade no governo, levando a que a baixa de Lisboa ficasse conhecida como Baixa pombalina.<sup>251</sup>

Tendo a reconstrução de Lisboa começado em 1756,<sup>252</sup> as primeiras medidas a serem tomadas foram a limpeza da cidade e as medições para as novas construções, no entanto, estas construções só eram permitidas após o inventário das propriedades ser concluído.<sup>253</sup>

A planta que se começou a desenhar era de autoria de Eugénio dos Santos e Carlos Mardel, mas foi redigida segundo um processo dirigido e anotado por Manuel da Maia.<sup>254</sup> Desse processo, surgiram as *Dissertações*<sup>255</sup> de Manuel da Maia, e os desenhos de Eugénio dos Santos.<sup>256</sup>

Com a reconstrução da cidade, aparece uma baixa rodeada de prédios de quatro andares, muitas das pequenas capelas e ermidas desaparecem e a família real e a corte passam a viver no Palácio da Ajuda, longe do centro da cidade.<sup>257</sup>

---

<sup>246</sup> França, *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*, 31.

<sup>247</sup> França, *A Reconstrução de Lisboa*, 9 e 11.

<sup>248</sup> França, *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*, 32 e 33.

<sup>249</sup> França, *A Reconstrução de Lisboa*.

<sup>250</sup> França, *A Reconstrução de Lisboa*, 9 e 14.

<sup>251</sup> A Baixa fica assim conhecida em sequência do título de Marquês de Pombal atribuído a Sebastião José de Carvalho e Melo, em 1770. França, *A Reconstrução de Lisboa*, 14.

<sup>252</sup> Rossa, “Do Plano de 1755-1758 para a Baixa-Chiado”.

<sup>253</sup> França, *A Reconstrução de Lisboa*, 14 e 15.

<sup>254</sup> Rossa, “Do Plano de 1755-1758 para a Baixa-Chiado”, 24.

<sup>255</sup> Rossa, “Do Plano de 1755-1758 para a Baixa-Chiado”, 24.

<sup>256</sup> Rossa, “Do Plano de 1755-1758 para a Baixa-Chiado”, 30.

<sup>257</sup> Rossa, “Do Plano de 1755-1758 para a Baixa-Chiado”.



Após a queda de Pombal, e subida ao trono de D. Maria I, dois novos edifícios aparecem na cidade, a saber: a Basílica da Estrela e o Teatro Nacional de São Carlos, em 1793.<sup>258</sup> Este tornou-se um dos maiores e mais frequentados teatros do país.

Tendo em conta estas mudanças, qual é a tipologia de local que a *Gazeta de Lisboa* mais nos apresenta? São privados ou públicos? São teatros, igrejas, cafés ou praças? Atentemos agora em casos práticos.

### 3.1.1. Distribuição Topográfica dos Eventos

A *Gazeta de Lisboa* fornece ao leitor vários nomes de locais em que se apresentavam espetáculos musicais. Ao todo, são 118 os locais recolhidos, distribuídos por diferentes tipologias como igrejas, capelas, conventos, mosteiros, ermidas, ruas, praças, hospícios, teatros, casas, quintas, palácios ou castelos.

De forma a que se compreendesse melhor foi organizado um quadro com todos os locais, distribuindo-se em três grandes categorias. Em primeiro lugar, igrejas, conventos e mosteiros, seguindo-se casas, castelos e palácios e, por fim, outros.<sup>259</sup>

O primeiro grupo é o que mais aparece mencionado na fonte, sendo 56 os locais que aparecem, enquanto que para o segundo grupo levantaram-se 42 locais e para os “outros” 20.

Antes de se começar a análise, é importante explicar algumas questões em relação a três locais. Em primeiro lugar, considerou-se o que Joseph Scherpereel<sup>260</sup> diz sobre a sessão ou assembleia das nações estrangeiras ser em casa de Pedro António Avondano.<sup>261</sup> E como tal, considerou-se a Rua da Cruz<sup>262</sup> para a georreferenciação deste local.

Outro local sobre o qual se deve refletir é a Igreja do Real Seminário de Música da Patriarcal. Primeiramente, este encontrava-se instalado no Palácio dos Arcebispos, sendo que, em 1741, se mudou para o Convento de São Francisco. No entanto, em 1755, já se encontrava na Rua da Calcetaria, sendo que pouco tempo lá se encontrou instalado, visto que, a partir de junho de 1756, instalou-se na Rua Nova dos Cardaes e na Rua Nova

---

<sup>258</sup> França, *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*, 55.

<sup>259</sup> Este quadro pode ser consultado no anexo nº4, “Tipologia dos Espaços”.

<sup>260</sup> Scherpereel, *A Orquestra e os Instrumentistas*.

<sup>261</sup> Scherpereel, *A Orquestra e os Instrumentistas*, 113.

<sup>262</sup> Scherpereel, *A Orquestra e os Instrumentistas*, 113.

de São Bento. No ano de 1759, foi instalado no atual edifício do Museu de História Natural, no Príncipe Real, mas, em 1761, passa para o Hospício de São Francisco de Borja, e, em 1772, já se encontra no Mosteiro de São Vicente de Fora, onde se mantém até 1792, altura em que se instala no número 18 do Largo da Ajuda.<sup>263</sup> Por esta razão, foram considerados os locais, tendo em conta a cronologia em que o Seminário aparece mencionado.

Por último, é necessário falar um pouco sobre a Capela Real e Patriarcal. Esta era uma instituição que, por norma, acompanhava o palácio real. Num primeiro momento encontrava-se no Terreiro do Paço, onde se manteve até ao Terramoto de 1755. Devido a esse evento, de 1756 a 1769, transfere-se para o sítio da Cotovia, atual Real, e, em 1769, passa para a Igreja de São Roque e Igreja do Convento de São Bento, até que, em 1772, instala-se no Mosteiro de São Vicente de Fora. No entanto, em 1792, a Capela Real e a Patriarcal voltam a juntar-se no Palácio Nacional da Ajuda.<sup>264</sup> Tal como acontece com o Seminário, também foram considerados os locais para a cronologia em que aparece este local mencionado.

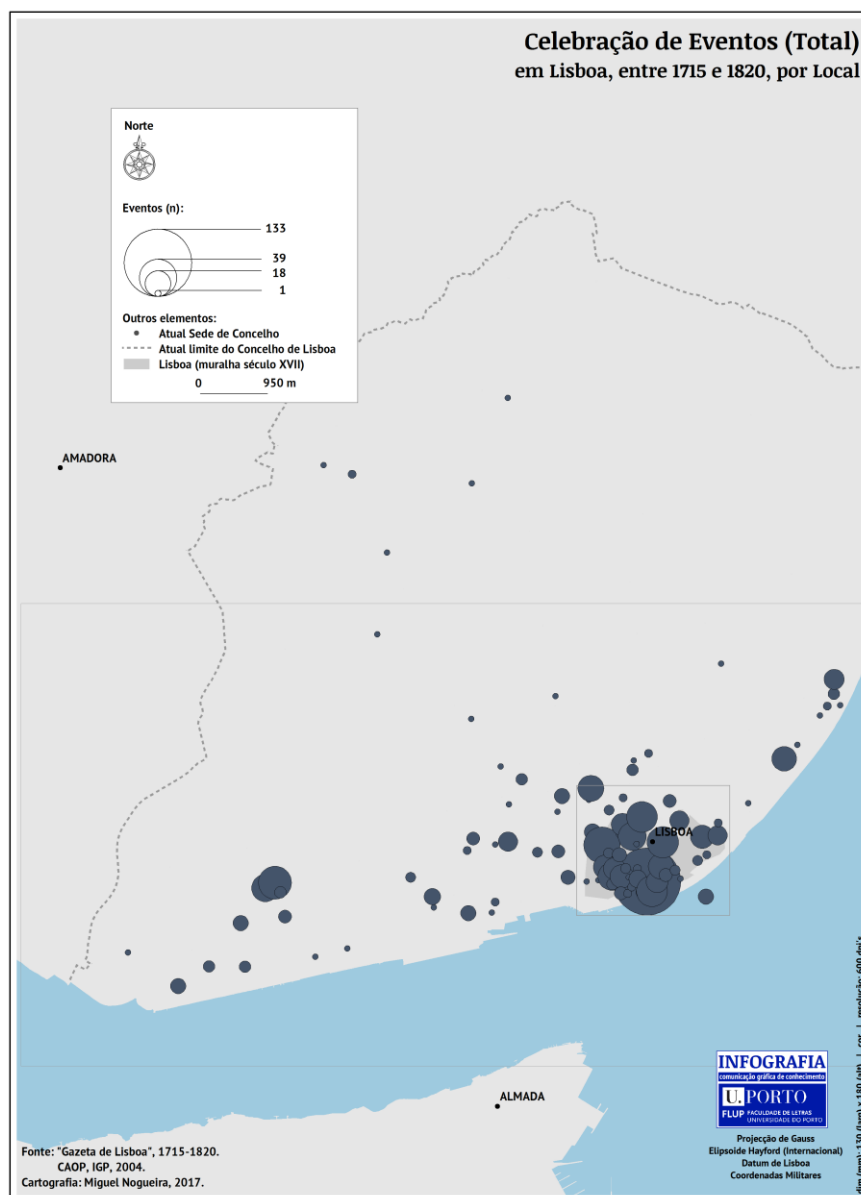
Após esta breve explicação, é hora de passar à análise destes locais. Dessa forma, o primeiro mapa que se elaborou contém todos os locais para a área da Grande Lisboa, tendo sido considerada a área atual da cidade.

---

<sup>263</sup> Fernandes, Cristina, “Houve uma escola de música onde hoje está o museu de história natural” <https://www.publico.pt/culturaipsilon/jornal/houve-uma-escola-de-musica-onde-hoje-esta-o-museu-de-historia-natural-24177964>\_Acedido em agosto 2017.

<sup>264</sup> Fernandes, Cristina, “Houve uma escola de música onde hoje está o museu de história natural” <https://www.publico.pt/culturaipsilon/jornal/houve-uma-escola-de-musica-onde-hoje-esta-o-museu-de-historia-natural-24177964>\_Acedido em agosto 2017.

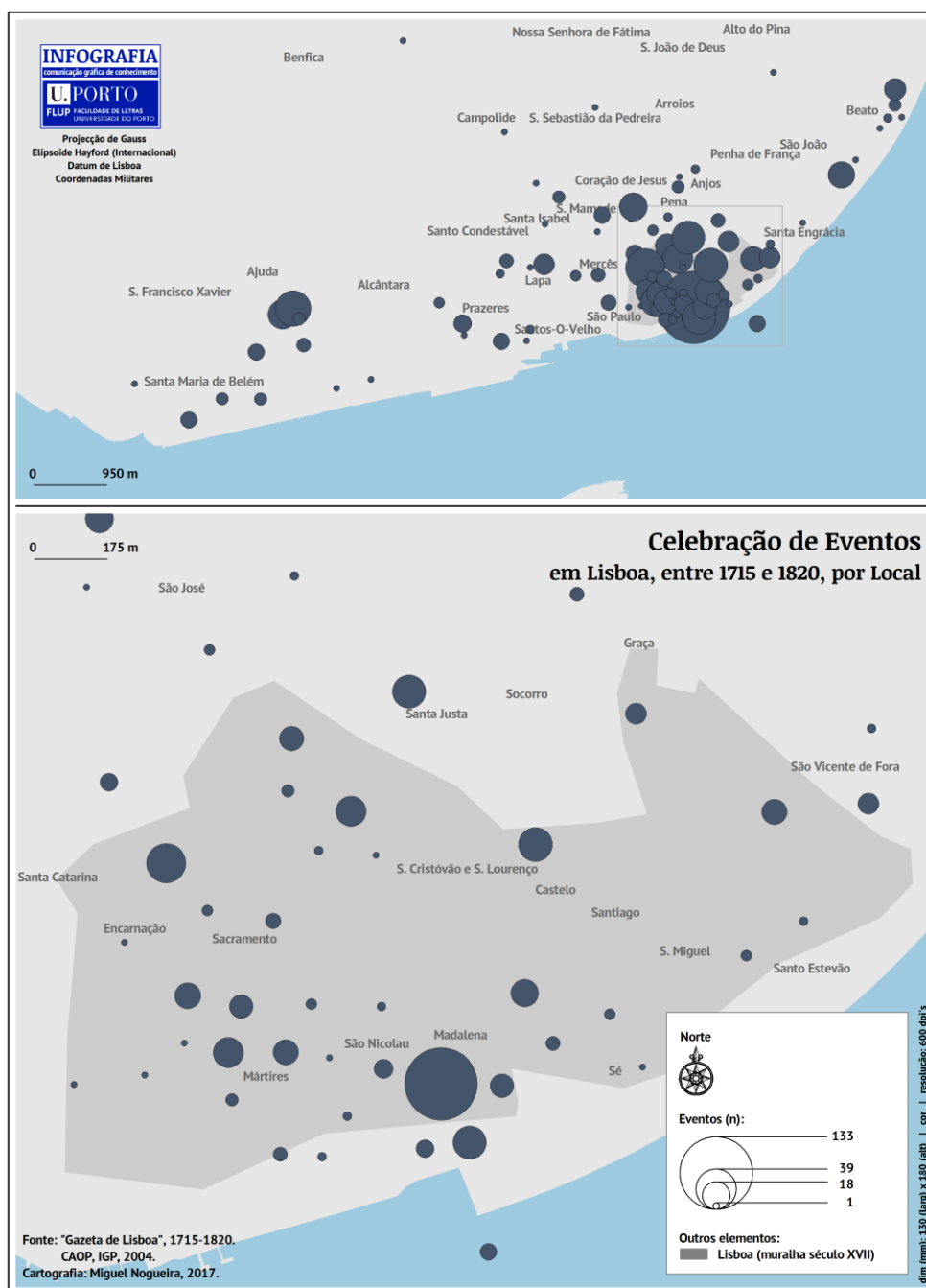
Figura 3.1 – Celebração de Eventos musicais(total), em Lisboa, entre 1715 e 1820, por local



Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

Imediatamente se percebe que este mapa tem um problema. A área considerada é demasiado extensa e perde-se muita da leitura que é necessário fazer. Por essa razão, foi decidido sacrificar os cinco locais marcados por cima da linha presente a meio da imagem, e que correspondiam aos arrabaldes da cidade. Com esta opção, ficou-se com um mapa mais perceptível e de leitura imediata, como é possível observar no seguinte mapa.

Figura 3.2 – Celebração de Eventos musicais, em Lisboa, entre 1715 e 1820, por local



Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

Como se pode ver pela primeira imagem, o mapa continuava a focar-se numa área bastante grande, dessa forma dividiu-se em duas partes, havendo a primeira em que se considerava a área de Lisboa (excluindo os cinco prévios locais) e numa segunda parte apenas a área delimitada pela muralha do século XVII.

Desta forma, consegue-se perceber que zonas como a freguesia da Ajuda, a Baixa Pombalina e o Beato são recorrentes nas notícias. Mas que locais são estes? Aconselha-se o leitor que enquanto procede à leitura deste estudo, observe o mapa do anexo nº 4, com a legenda que o acompanha.

Começando pela freguesia da Ajuda, os locais mais mencionados são o Palácio Nacional da Ajuda, a Capela Real e Patriarcal e a Igreja do Real Seminário de Música da Patriarcal. No caso da zona do Beato, os principais locais são a Capela de São Bartolomeu do Beato, o Mosteiro de Santo Agostinho ao Grilo, isto é, das Agostinhas Descalças, o Mosteiro de São Bento de Xabregas e o Palácio do Duque de Lafões.

Contudo, a zona em que mais locais se concentram e as referências são mais numerosas, é, sem dúvida, a zona da baixa e da ribeira. Em primeiro lugar, e, por estar mais distante, encontra-se o Teatro da Rua dos Condes<sup>265</sup> que, para o final do século começa a ser imensamente publicitado na *Gazeta de Lisboa* e seus *Suplementos*, o que acontece também para o Teatro Nacional de São Carlos e o Teatro do Salitre.

Outros locais muito mencionados são as igrejas de São Roque, dos Mártires, a de Santo António de Lisboa, a de Nossa Senhora da Conceição (com a Santa Casa da Misericórdia), a Igreja de Nossa Senhora do Loreto, a Capela Real (do Terreiro do Paço – ou seja, anterior ao Terramoto), a Sé de Lisboa e o Mosteiro de São Vicente de Fora.

Para a primeira metade do século XVIII, este é o local mais mencionado, no entanto este desaparece com o Terramoto e há uma deslocação da coroa, família real e corte para a tapada da Ajuda.

Dentro da área delimitada pela muralha, outro local muito mencionado é o Castelo de São Jorge (bem como a Casa Pia aí instalada). Este aparece por várias vezes, devido aos eventos promovidos por Diogo Inácio de Pina Manique, na década de 90 do século XVIII.

Do exposto são várias as ilações possíveis, no final deste capítulo. Em primeiro lugar, há uma lógica cronológica que se pode seguir. Na primeira metade do século, a zona da baixa e ribeira continha os principais locais mencionados – igreja de São Roque,

---

<sup>265</sup> Atual edifício do Hard Rock Café.

Mártires, Terreiro do Paço, Palácio Real, Capela Real, Igreja de Santo António de Lisboa, Mosteiro de São Bento de Xabregas e Mosteiro das Agostinhas Descalças, que a rainha visitava por barco.

Com D. José, não são referidos muitos locais, em parte porque a *Gazeta de Lisboa* foi interrompida em 1762. Todavia, os principais locais são o Palácio Real do Terreiro do Paço (até 1755) e o Teatro da Rua dos Condes e a Capela Real.

Com D. Maria, a tapada da Ajuda torna-se um centro da vida cultural da cidade, como se compreende. O Palácio Nacional da Ajuda, com a sua sala da música, aparece várias vezes referenciados pelo redator, assim como a Capela Real e Patriarcal e a Igreja do Real Seminário de Música da Patriarcal. Além destes, dominam os espaços privados, como a casa de Pedro António Avondano, a Casa de Campo do Marquês de Fronteira, o Palácio do Duque do Cadaval, e, por fim, alguns espaços públicos, como o Rossio ou o Regimento de Cavalaria de Alcântara, para os anos das invasões francesas.

## Capítulo 4. – Públicos e suas Sociabilidades

### 4.1. A Sociedade Lisbonense do Século XVIII e inícios do XIX

No Estado Moderno o poder reside nos altos dignatários, na nobreza, no clero e na família real. Segundo Roger Chartier,<sup>266</sup> o Estado Moderno assenta em dois pressupostos, o “primeiro é o monopólio fiscal que centraliza o imposto e dá ao soberano a possibilidade de retribuir em dinheiro, e já não em terras, aos seus fiéis e servidores”<sup>267</sup> enquanto o segundo “é o monopólio estabelecido sobre a violência legítima que atribui ao rei a força militar, tornando-o senhor e garante da pacificação da sociedade”.<sup>268</sup> Apesar de o mesmo autor dizer que estes dois monopólios não chegam para que se defina um Estado Moderno, na Europa Ocidental, admite que são fulcrais para essa afirmação.<sup>269</sup>

Um terceiro ponto que considera importante é a consciência de uma entidade política da necessidade de escrever a sua própria história, ou assegurar e instrumentalizar o necessário para que alguém o faça e a transmita.<sup>270</sup> Daí a importância da crónica, bem como das historiografias “nacionais” como instrumento de representação de espaços e entidades políticas. Perguntamo-nos, num período em que a imprensa periódica passa a ter tanta importância como antes tinha o púlpito: não terá sido isso que D. João V fez também quando deu o privilégio de tradução e impressão de todas as notícias estrangeiras e nacionais a António Correia de Lemos,<sup>271</sup> daí resultando a *Gazeta de Lisboa*?

O facto é que este periódico passou a relatar os principais eventos da família real e da alta nobreza, fazendo com que esse testemunho fornecesse ou construísse, uma visão (sempre necessariamente parcial) do que se passava à época.

Ao ler a obra D. João V, de Maria Beatriz Nizza da Silva,<sup>272</sup> percebem-se várias situações. Em primeiro lugar, a corte tinha poucos espaços de diversão, ou poucos locais onde se podia dirigir para deleite e entretenimento.<sup>273</sup> Este facto decorre de dinâmicas

---

<sup>266</sup> Roger Chartier, *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. (Lisboa: DIFEL: Difusão Editorial, Lda., 1988).

<sup>267</sup> Chartier, *A História Cultural*, 215.

<sup>268</sup> Chartier, *A História Cultural*, 215.

<sup>269</sup> Chartier, *A História Cultural*, 215 e 216.

<sup>270</sup> Chartier, *A História Cultural*, 216.

<sup>271</sup> Belo, *As Gazetas e os Livros*, 38 e 39.

<sup>272</sup> Silva, *D. João V*, 116 a 128.

<sup>273</sup> Silva, *D. João V*, 116.

culturais, mas também de códigos de sociabilidade e de protocolo, em sociedades católicas. Em sociedades em que os lutos eram frequentes, em alguns casos permanentes, e em que as sociabilidades eram, antes de mais, religiosas, compreende-se que as visitas a igrejas e mosteiros e a frequência de celebrações litúrgicas fossem parte integrante e ativa dessas sociabilidades.<sup>274</sup> A despeito desta constatação, o facto é que, pela *Gazeta de Lisboa*<sup>275</sup> verificamos que são muitas as festas que foram acontecendo no Palácio Real, e que envolviam, tanto a família real como a corte.<sup>276</sup> Deixam-se aqui algumas transcrições que o documenta.

A 24 se festejou o nome de Sua Mag. e de noite no quarto da Rainha nossa Senhora se cantou huma Serenata.<sup>277</sup>

Suas Mag. e Altezas que Deos guarde, se tem divertido no seu Real Palácio estes ultimos dias de Carnaval com Operas, e Serenatas.<sup>278</sup>

Mas não era só a família real que se divertia, a Nobreza, por norma emulando a Casa Real, também dinamizava espaços de distração, descontração e entretenimento. Frequentavam teatros, como o pátio das comédias,<sup>279</sup> organizavam bailes, comédias e saraus culturais em casa de privados, como se comprova pelas notícias infra.<sup>280</sup>

O Senhor Marquez de Capicilatro Embayxador de Castella nesta Corte, celebrou o nascimento da Infante D. Mariana Vitoria, com tres dias de luminarias, e huma Comedia de musica, intitulada *Vengas con el fuego el fuego*, a que assistiraõ os Ministros Estrangeyros, e muyta parte da Nobreza desta Corte de ambos os sexos, a quem deu huma magnifica collaçãõ, com muyta variedade de bebidas e refrescos.<sup>281</sup>

No mesmo dia 31 deu o Mylorde Tyrawle, Enviado Extraordinario da Grã Bretanha, em obzequio do cumprimento de annos, e chegada do Principe Frederico a Londres hum magnifico bayle, que durou ate as 6 horas da manhã seguinte com abundante distribuição de refrescos e huma ceya de doces, frutas e fiambres a que convidou toda a primeyra nobreza que se achava em Lisboa.<sup>282</sup>

---

<sup>274</sup> Silva, D. João V, 116.

<sup>275</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1715-1762; 1778-1820.

<sup>276</sup> Sobre este tema ver *Gazeta de Lisboa*, 1716, nº24; *Gazeta de Lisboa*, 1716, nº37; *Gazeta de Lisboa*, 1717, nº10; *Gazeta de Lisboa*, 1717, nº50; *Gazeta de Lisboa*, 1719, nº39; *Gazeta de Lisboa*, 1719, nº43; *Gazeta de Lisboa*, 1720, nº37; *Gazeta de Lisboa*, 1720, nº47; *Gazeta de Lisboa*, 1721, nº1; *Gazeta de Lisboa*, 1721, nº37; *Gazeta de Lisboa*, 1722, nº1; *Gazeta de Lisboa*, 1722, nº31; *Gazeta de Lisboa*, 1722, nº44; *Gazeta de Lisboa*, 1722, nº53; *Gazeta de Lisboa*, 1723, nº26; *Gazeta de Lisboa*, 1723, nº30; *Gazeta de Lisboa*, 1723, nº52; *Gazeta de Lisboa*, 1724, nº26; *Gazeta de Lisboa*, 1724, nº31; *Gazeta de Lisboa*, 1724, nº37; *Gazeta de Lisboa*, 1724, nº52; *Gazeta de Lisboa*, 1725, nº26; *Gazeta de Lisboa*, 1725, nº41; *Gazeta de Lisboa*, 1725, nº45; *Gazeta de Lisboa*, 1726, nº1; *Gazeta de Lisboa*, 1726, nº23; Estes são apenas alguns exemplos, uma vez que são 143 as notícias, só para o Palácio Real.

<sup>277</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1726, nº26.

<sup>278</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1728, nº7.

<sup>279</sup> Silva, D. João V, 122.

<sup>280</sup> Silva, D. João V, 122.

<sup>281</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1718, nº18.

<sup>282</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1729, nº6.



O redator chamava, de facto, mais a atenção para a importância de membros da Nobreza, quando as referências não eram sobre Lisboa, isto é, são mais as notícias que envolvem elementos da nobreza quando se trata de outras cidades do país. O que é compreensível, pois em Lisboa é mais comum encontrar referências à corte ou a dignatários estrangeiros, enquanto em todo o reino se multiplicavam as “cortes de aldeia”, lideradas por específicos membros da nobreza portuguesa.

Para um melhor entendimento das observações que faremos sobre públicos e sociabilidades importa retomar, numa perspetiva diacrónica e comparativa, a distribuição total de eventos, profanos e religiosos, ao longo do período estudado. Acrescenta-se a menção à publicidade a eventos musicais, por ser um dado que claramente vai avultando ao longo do tempo, e se afirma claramente na segunda metade do século XVIII. Se assumirmos que o redator se adapta e tem em conta os públicos, este é um dado que não poderíamos descurar.

A primeira distribuição dos eventos noticiados é feita por reinados, em ordem a facultar dados para discutir eventuais tendências, matéria que retomaremos nas Considerações Finais.

Tabela 4.1 – Número de eventos musicais por reinado e tipologia

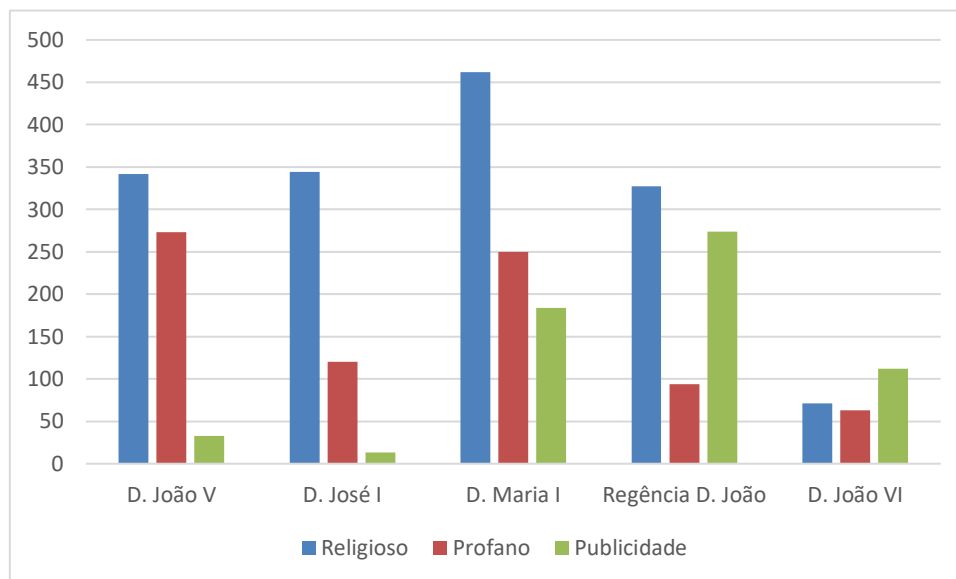
Reinado	Religioso		Profano		Publicidade		Total
D. João V	342	52,8%	273	42,1%	33	5,1%	648
D. José I	344	72,1%	120	25,2%	13	2,7%	477
D. Maria I	462	51,6%	250	27,9%	184	20,5%	896
Regência D. João	327	47,1%	94	13,5%	274	39,4%	695
D. João VI <sup>283</sup>	71	28,9%	63	25,6%	112	45,5%	246

Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

---

<sup>283</sup> Até 1820.

**Figura 4.1 – Número de eventos musicais por reinado e tipologia**



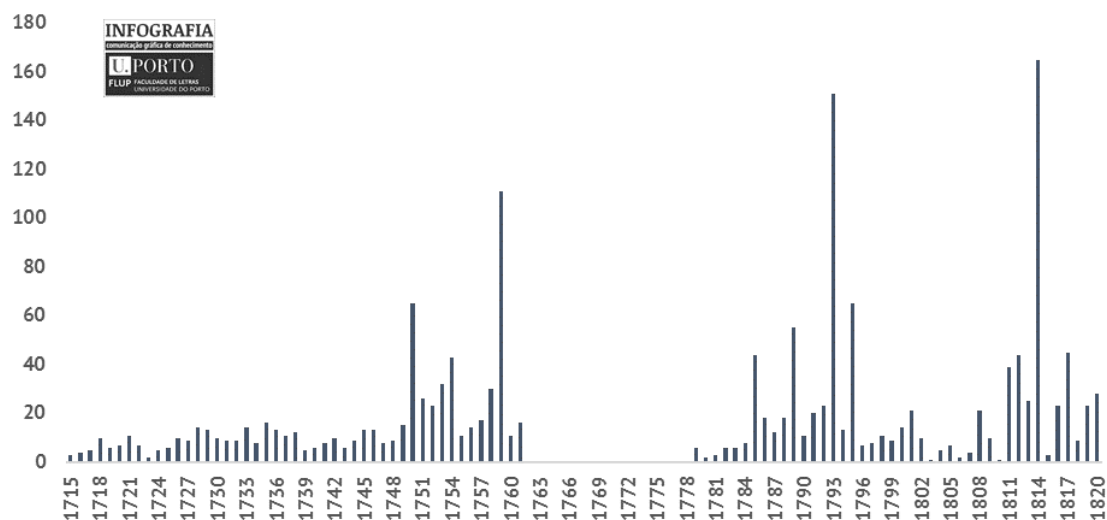
Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

A tabela e o gráfico acima apresentados são importantes para se perceber que o reinado com mais notícias é o de D. João VI, sendo que foram contabilizadas as notícias de 1799 (início oficial do período de regência) a 1820 (fim da *Gazeta de Lisboa*), sendo seguido pelo reinado de D. Maria I, de 1779 a 24 de julho de 1799. Isto não exprime em médias anuais de eventos (tendo em conta a duração de cada reinado), pois essa distribuição é feita abaixo. Outro aspeto importante é o facto de o número das manifestações religiosas ser sempre superior ao das profanas, demonstrando, ou uma efetiva prevalência, ou a importância destes eventos para o redator. Além disso, há um aumento gradual da publicidade, à medida que o século XVIII avança, o que pode ser indicador de uma maior procura deste tipo de informação por parte da sociedade, nomeadamente, por parte de uma burguesia letrada e urbana, que se encontrava em franco crescimento, aspeto já acima referenciado.

Outro aspeto que queremos aqui referir é o número de eventos noticiados por ano. Como se pode ver no gráfico abaixo, o número de eventos noticiados foi muito estável, para o reinado de D. João V, enquanto no reinado de D. José há picos de notícias, como o ano de 1750 (ano de morte de D. João V) e 1759 (ano do atentado contra D. José e famoso caso dos Távoras). Entre 1762 e 1778, a *Gazeta de Lisboa* esteve proibida e, por essa razão, esses anos aparecem em branco. Depois verificam-se anos como 1793 e 1814,

que correspondem à morte de D. Pedro, marido de D. Maria I, e à rendição de Napoleão Bonaparte. É importante referir que, neste gráfico, foram contabilizados todos os eventos, incluindo aqueles que não se passam em Lisboa.

Figura 4.2 – Número de eventos musicais por ano



Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

Contudo, como vimos, muitas eram as aparições de membros da família real e nobres em igrejas e mosteiros. A dimensão religiosa fazia parte da simbólica de Estado. Segundo Chartier,<sup>284</sup> “esta simbólica exprime-se também por meio de cerimónias, gestos e rituais”.<sup>285</sup> No caso de Portugal, tal simbologia é particularmente visível na procissão do *Corpus Christi*, uma vez que “foi D. João V que transformou a procissão do Corpo de Deus num imponente festejo religioso”,<sup>286</sup> assim como com as celebrações de Natal e Ano Novo, que se tornaram obrigatórias com a apresentação do hino *Te Deum laudamus*.

Para uma leitura destas tendências, uma outra situação que é preciso ter em conta é o facto de, após o atentado a D. João V, em 1742, este ter proibido todas as representações teatrais em Lisboa aparecendo só em festas religiosas e onomásticas.<sup>287</sup>

Ao contrário do que se verificava para o anterior reinado, D. José gostava de música, mas de cariz profano. Por esse motivo, parece ter continuado a política de D. João

<sup>284</sup> Chartier, *A História Cultural*.

<sup>285</sup> Chartier, *A História Cultural*, 221.

<sup>286</sup> Silva, *D. João V*, 89.

<sup>287</sup> Dias onomásticos consistem na celebração do dia do Santo com o mesmo nome. Neste caso é o dia 27 de dezembro, dia de São João, que o rei D. João celebra como o seu. Brito e Cymbron, *História da Música*, 110.

em contratar músicos estrangeiros, principalmente de Itália, mas contrariamente ao seu antecessor, estes não parecem ter sido contratados com o objetivo principal de trabalhar na Capela Real, mas para difundir a ópera na capital.<sup>288</sup> São exemplos disso a cantora Anna Zamperini, Gizziello,<sup>289</sup> Anton Raaf e David Perez.<sup>290</sup>

É com este reinado que os teatros públicos com mais destaque e audiência ganham maior projeção, como o Teatro do Bairro Alto, com os seus espetáculos de marionetas, e o Teatro da Rua dos Condes.<sup>291</sup> E é devido ao grande gosto do rei pela ópera que se começa a desenhar o que viria a ser a Ópera do Tejo, levando Monteiro<sup>292</sup> a afirmar que “o verdadeiro centro da actividade dos primeiros tempos do reinado de D. José foi a construção da Casa da Ópera”.<sup>293</sup> No entanto, este autor prossegue dizendo que “erguer a grande ópera da corte constitui-se, desta forma, num objectivo prosseguido de um modo consistente desde o início do novo reinado”,<sup>294</sup> e que, para isso, foram contratados cantores (como os anteriormente referidos Gizziello e Anton Raaf), o compositor napolitano David Perez, os especialistas em arquitetura/cenários teatrais Petronio Mazzoni e Giovanni Carlo Bibiena, assim como o pintor de cenários Giacomo Azzolini.<sup>295</sup>

A Ópera do Tejo, inaugurada a 31 de março de 1755,<sup>296</sup> foi um dos mais importantes teatros do país, pelo investimento régio (como acima já foi referido) assim como pela forma como foi inaugurado.

A 31 de março, inaugurava-se esta sala de espetáculos, data que tinha sido escolhida por nesse dia a rainha D. Mariana Vitória completar 38 anos de idade.<sup>297</sup> Apresentava-se a ópera *Alessandro nell'Indie*, com libreto de Pietro Metastasio e música do maestro David Perez.<sup>298</sup>

Este teatro teve grande importância nas questões de sociabilidade das elites

---

<sup>288</sup> Nery e Castro, *History of Music*, 99.

<sup>289</sup> Nery e Castro, *History of Music*, 98.

<sup>290</sup> Nery e Castro, *History of Music*, 99.

<sup>291</sup> Nery e Castro, *History of Music*, 92.

<sup>292</sup> Monteiro, *D. José*.

<sup>293</sup> Monteiro, *D. José*, 63.

<sup>294</sup> Monteiro, *D. José*, 63.

<sup>295</sup> Monteiro, *D. José*, 63.

<sup>296</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 17.

<sup>297</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 17.

<sup>298</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 17.

lisbonenses. Sobre isto, atentemos no capítulo “Curiosidades” de Beuvink.<sup>299</sup> Como primeira nota, a autora explica a importância da disposição dos lugares e de quem estava autorizado a entrar nos teatros régios.<sup>300</sup> Segundo a autora, quem distribuía os bilhetes era Diogo de Mendonça Corte-Real,<sup>301</sup> o secretário de Estado, e advertia que todos os convidados apresentassem o respetivo bilhete à entrada. Estes bilhetes podiam ser cedidos pelos convidados desde que identificassem as pessoas a quem os passavam, as quais estavam sujeitas a serem ou não aceites pelos porteiros da câmara, que eram quem fazia o controlo das entradas.<sup>302</sup>

Outro aspeto importante era o facto de os bilhetes que descriminavam o local para onde a pessoa se deveria dirigir, isto é, plateia ou camarote,<sup>303</sup> serem em formato de carta de baralho, levando Beuvink<sup>304</sup> a afirmar que “a verdadeira intenção do rei era a de mostrar ser ele “a dar cartas” na hierarquia social, mostrando aos seus vassallos quais os lugares que eles ocupariam – dentro e fora do teatro”.<sup>305</sup>

Este teatro, que tinha uma disposição de lugares igual ao de Salvaterra,<sup>306</sup> era palco de vários “jogos políticos protagonizados pelo Secretário de Estado, os embaixadores de Espanha e o de França, os caprichos do Cardeal Patriarca e as tentativas do Núncio de compreender se o seu papel na corte lisboeta estava a ser visto com a dignidade merecida”.<sup>307</sup>

A questão dos lugares era realmente importante, como o era em todas as sociedades do Antigo Regime, havendo inclusive querelas por isso. Uma delas foi protagonizada pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, à altura D. José Manuel da Câmara, por se sentir minorizado, uma vez o camarote que lhe fora destinado era rodeado pelo Mordomo-Mor e pelo do Estribeiro-Mor do rei.<sup>308</sup> Sentiu-se especialmente insultado pelo facto dos irmãos ilegítimos de D. José, os “Meninos da Palhavã”, ocuparem um camarote

---

<sup>299</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 79 a 90.

<sup>300</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 79 a 88.

<sup>301</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 81.

<sup>302</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 81.

<sup>303</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 82.

<sup>304</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*.

<sup>305</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 83.

<sup>306</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 86.

<sup>307</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 87.

<sup>308</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 84.

de destaque<sup>309</sup> ao lado de Embaixadores e Secretários de Estado.<sup>310</sup> Para a autora, o facto de terem um camarote de destaque era “também uma declaração política sem precedentes e uma confirmação do seu estatuto”,<sup>311</sup> algo a que não se pode ficar indiferente, na medida em que o Cardeal Patriarca decide não comparecer à inauguração por se ter sentido ultrajado.<sup>312</sup>

Outra situação foi o “caso dos Embaixadores”<sup>313</sup> que consistiu numa querela diplomática entre o Conde de Baschi, embaixador de França, e o Conde de Perelada, embaixador de Espanha.<sup>314</sup> O que levou a esta questão foi o facto de um refugiado francês ter fugido da prisão e o Conde de Perelada lhe ter dado asilo político.<sup>315</sup> E para resolver esse problema, o ministro Sebastião José de Carvalho e Melo propôs que os embaixadores alternassem entre o camarote nº11 (do próprio ministro) e o nº12 (o dos embaixadores), o que, mesmo assim, não agradou aos embaixadores.<sup>316</sup>

Estas situações só reforçam uma das teses a que esta dissertação se propõe, a de que os eventos musicais eram, como a globalidade das formas de representação sociocultural, efetivamente utilizados como forma de sociabilização, reforço e reconhecimento de estatuto público por parte das elites.

A 1 de novembro de 1755, Lisboa é atingida pelo Terramoto, e a Ópera do Tejo, o mais recente símbolo desta dinâmica, é um dos vários edifícios que são destruídos, fazendo com que tivesse uma duração de apenas sete meses.<sup>317</sup>

A reconstrução da cidade foi lenta e gradual, como se pode ler no capítulo 3, fazendo com que a corte se deslocasse para a Tapada da Ajuda e os espetáculos de ópera sofressem uma interrupção de oito anos, sendo então retomados “numa escala mais modesta e de novo mais com um carácter de entretenimento privado do que de representação política”.<sup>318</sup>

Com o falecimento de D. José, a 24 de fevereiro de 1777, sucede-lhe a sua filha

---

<sup>309</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 25.

<sup>310</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 84.

<sup>311</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 84.

<sup>312</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 84 e 85.

<sup>313</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 87.

<sup>314</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 87.

<sup>315</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 88.

<sup>316</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 88.

<sup>317</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*, 112.

<sup>318</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*, 112.

D. Maria.<sup>319</sup> Este foi um reinado de alguma inquietação para o país, a começar com as dívidas deixadas por D. José, que, segundo Ramos,<sup>320</sup> “por medo, os súbditos não reclamavam”.<sup>321</sup>

O campo religioso foi imediatamente valorizado por esta rainha, o cerimonial litúrgico voltou a ter importância e os músicos da Capela Real acompanhavam a monarca nas suas deslocações, tanto para Queluz, como para as Caldas e Salvaterra.<sup>322</sup> Como se pode ver pelo gráfico acima apresentado, as manifestações religiosas para o reinado de D. Maria I são o dobro das profanas e da publicidade, o que fundamenta o que aqui se afirma.

No entanto, a música profana e instrumental também tinha algum espaço neste reinado. São 250 os eventos profanos noticiados, sendo que os teatros públicos como o da Rua dos Condes, o do Salitre e o Nacional de São Carlos<sup>323</sup> são os palcos destas manifestações. Atente-se nos próximos exemplos.

Domingo, 28 do corrente, dará, com permissão de S. M., Antonio Lolli, primeiro rabeca da camara da Imperatriz da Russia, hum concerto instrumental e vocal no Theatro do Salitre, que fará luzidamente illuminado. O dito musico tocará carios concertos e solos da sua composição e hum dueto de rabecas com o musico Pedro Rumi. As chaves dos camarotes se distribuirão na sexta feira precedente na casa do Pasto Piamonteza e os bilhetes à entrada do Theatro. O preço dos camarotes do primeiro andar será 9.600, dos do segundo 6.400, as frissuras 4.800, a plateia superior 1.200 e a inferior 800 reis.<sup>324</sup>

Segunda feira, 6 do corrente mez, ha de haver no theatro da Rua dos Condes hum concerto vocal e instrumental em beneficio de Mr. Marchal e sua mulher Madame Marchal, no qual se cantarão varias arias e os ditos professores executão diversos solos e duos nos seus instrumentos de piano-forte e harpa.<sup>325</sup>

Os Emprezaros do Real Theatro de S. Carlos avisão o publico que domingo 3 do corrente por causa da nova opera seria, que se põe em scena no dia 4, se representa a Burleta *L'Imprudente Fortunato*, ficando dahi em diante os Domingos e quartas feiras para operas serias, e as segundas e sextas feiras para Burletas como já se annunciou.<sup>326</sup>

Mais exemplos poderiam ser dados, uma vez que, na década de 90 e inícios do

---

<sup>319</sup> Ramos, *D. Maria I*, 63.

<sup>320</sup> Ramos, *D. Maria I*.

<sup>321</sup> Ramos, *D. Maria I*, 125.

<sup>322</sup> Ramos, *D. Maria I*, 127.

<sup>323</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*, 118 e 119.

<sup>324</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1787, nº4.

<sup>325</sup> *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1789, nº22.

<sup>326</sup> *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1799, nº44.

século XIX, observa-se um crescendo destes eventos profanos nas notícias da *Gazeta de Lisboa* e seus *Suplementos*.

Mas não só referências a eventos públicos se encontram na *Gazeta de Lisboa*. Muitos privados davam festas em que a música e a dança tinham lugar de destaque e assim eram reconhecidos pela *Gazeta*.

Na terça feira antecedente, 8 do mesmo mez se applicarão os Santos Oleos ao filho primogenito do Excellentissimo Conde Fernan Nunes, Embaixador da Corte de Madrid nesta de Lisboa. Foi Padrinho S. M. Catholica, a quem representou o Excellentissimo Principe de Raffadali, Ministro da Corte de Napoles. Assistio a esta função toda a Nobreza, tanto nacional como estrangeira, que se acha nesta corte, a qual foi entretida com huma esplendida cea de 120 pessoas, musica e baile que durou até ás 5 horas da manha.<sup>327</sup>

Na tarde do mesmo dia se cantou na sobredita casa em acção de graças o Te Deum, ao qual assistirão por formal convite o Corpo Diplomático, toda a Corte e muitas outras pessoas distintas assim nacionais como estrangeiras. Seguirão-se a este acto os casamentos de 40 orfans da mesma Casa Pia, cada huma das quaes foi dotada em 60 reis, além do seu enxoval. Depois desta acção se tirarão por sorte 100 dotes de 60 reis cada hum, acabado o que, passarão os convidados a outra sala, onde se cantou huma oratoria, cuja letra e musica forão compostas em Roma, pelo celebre Antonio Cari, mestre do Collegio de Santo Antonio dos Portuguezes naquella Cidade e conhecido por hum dos melhores authores de musica. Entre as vozes, que executarão a oratória, teve o auditorio o incomparavel prazer de ouvir a Madame Todi, que depois de ter ganhado em diversos paizes estrangeiros os creditos da primeira cantora do nosso tempo, veio nesta occasião mostrar aos seus compatriotas que o seu canto excede toda a ideia que delle tinha dado a fama. No intervallo da cantata houve huma sonata de cravo e arpa tocada por Mr. Marchal e sua mulher. No principio da musica se servio à companhia hum delicado refresco e acabada ella, passarão os convidados as duas grandes salas onde estavam preparadas as mezas para huma esplendida cea, durante a qual se executavão diversas peças de excellente musica. Depois da cea se transferirão os convidados à sala do baile de aparato, onde se dançarão minuets e contradanças.<sup>328</sup>

Mas este foi um reinado instável, também devido à saúde da rainha. Na década de 80, D. Maria perdeu pessoas muito próximas, o seu marido D. Pedro, o príncipe herdeiro, o príncipe D. José, o seu confessor, D. Frei Inácio de São Caetano, e o Marquês de Angeja.<sup>329</sup> Isto contribuiu para debilitar a sua saúde, aumentando as fases em que se encontrava em melancolia e depressão. Por estas razões, em 1792, D. Maria é considerada

---

<sup>327</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1779, nº24.

<sup>328</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1793, nº20.

<sup>329</sup> Ramos, *D. Maria I*, 211.



incapaz,<sup>330</sup> D. João assume o cargo, tornando-se oficialmente príncipe regente em 1799.<sup>331</sup>

Durante a regência de D. João VI, a instabilidade entre França e Inglaterra cresceu, e, como Portugal decidiu tornar-se neutro, a instabilidade política e social interna e externa do país também cresceu. A tensão cresceu de tal forma, que entre 1793 e 1795, as tropas portuguesas participaram na campanha do Rossilhão, saindo o exército luso-espanhol derrotado pelo francês.<sup>332</sup> Em consequência, a Espanha junta-se ao lado francês, aumentando o medo e a instabilidade em Portugal. No início do novo século, a França exige um bloqueio naval à Inglaterra, e, como consequência de Portugal não concordar, deu-se a “guerra das laranjas” que foi breve, com algumas perdas para o país, nomeadamente a de Olivença para Espanha.<sup>333</sup> Com isto, Portugal passa a ser neutral e passa a tentar resolver o conflito diplomaticamente. Contudo, isto falha e, em 1807, as tropas francesas entram em Portugal, fazendo com que D. João seguisse o projeto de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, da partida para o Brasil.<sup>334</sup>

A 22 de Janeiro de 1808, pisava solo americano a família real e corte portuguesa.<sup>335</sup> Com esta retirada, muitos cantores, compositores e músicos seguem com a família real. No entanto, e paradoxalmente, os espetáculos públicos tornam-se mais frequentes, como se pode observar pelo crescendo nas notícias publicadas na *Gazeta de Lisboa*.<sup>336</sup> No entanto, para o período de regência e reinado de D. João VI, são 398 as manifestações religiosas noticiadas, 157 as profanas e 386 as notícias relativas a publicidade. Isto pode parecer contraditório, em relação ao que foi dito em cima, mas é importante perceber que a maioria dos espetáculos, nomeadamente os profanos, deixam de ser noticiados para começar a ser publicitados. Observe-se os exemplos abaixo.

Domingo, 29 do corrente mez de Maio, no theatro de S. Carlos, se representará pela primeira vez hum novo Drama Semiserio, que tem por titulo *La Virtu al Cimento. Osia la Griselda*, a sua musica he do celebre Mestre Ferdinando Per, que tem merecido geral acceitação em todos os theatros em que se tem representado. Na divisão dos actos se fará o baile intitulado *A Ilha dos Canibaes*.<sup>337</sup>

---

<sup>330</sup> Ramos, *D. Maria I*, 215.

<sup>331</sup> Monteiro, Nuno Gonçalo. “A Viragem do século (1777-1807)”, Rui Ramos (coord.), *História de Portugal*. (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009), 429.

<sup>332</sup> Monteiro, “A Viragem do século”, 434.

<sup>333</sup> Monteiro, “A Viragem do século”, 434.

<sup>334</sup> Monteiro, “A Viragem do século”, 434 e 435.

<sup>335</sup> Pedreira e Costa, *D. João VI*, 160.

<sup>336</sup> Ver *Gazeta de Lisboa e Suplementos à Gazeta de Lisboa*, 1779-1820.

<sup>337</sup> *Suplemento Extraordinário à Gazeta de Lisboa*, 1808, nº21.

Carlos Cauvine tendo obtido beneplacito de S. A. R. para dar 4 concertos de Musica Vocal e Instrumental na sala nobre do Real Theatro de S. Carlos, tem a honra de participar às senhoras e senhores assignantes que os referidos concertos hão de ter lugar nas noites de 9, 16, 23 e 30 do corrente mez de Janeiro. Toda a música será da melhor escolha e gosto. As senhoras e senhores que desejarem assignar ainda o poderão participar ao mesmo Cauvinte, que mora na Rua do Norte nº76.<sup>338</sup>

Simultaneamente são várias as publicações musicais que se difundem, como o *Jornal de Modinhas* ou mesmo literatura avulsa sobre óperas ou música de tecla.<sup>339</sup> Este é um dado que merece consideração acrescida. Como afirmamos, grande parte destas notícias emergem sob a forma de publicidade, estimulando o consumo e a venda destes “produtos”, o que sugere a existência de um mercado, de um público-alvo, porventura com um perfil menos elitista, mais burguês, mais ligado a um tipo de sociabilidade de salão, do que de corte. Esta hipótese merecia, porém, por si só, um estudo mais desenvolvido, seguindo novas pistas de análise. Mas deixam-se aqui alguns exemplos.

João Baptista Weltin, morador na rua nova dos Martyres nº34, participa às pessoas curiosas de musica que elle acaba de receber pianos-fortes de Eeard Freres, sendo huns em forma quadrada, outros em forma de cravo, e outros em forma de órgão, como igualmente harpas dos melhores authores, musica do melhor gosto, assim vocal como instrumental, e muitas peças novas de musica militar, e algumas obras do bem conhecido professor Bom-Tempo (sic).<sup>340</sup>

Elementos de Musica e Methodo de tocar piano forte, com exercicios em todos os generos, seis lições progressivas, trinta proludios em todos os tons e doze estudos. Obra composta e offerecida à nação portugueza por J. D. Bomtempo, preço 2400 réis. Esta obra se acha em Lisboa na Rua Larga de S. Roque nº55.<sup>341</sup>

Mas não é só com música e dança que a família real, corte e restantes elites de Lisboa se divertem.

No reinado de D. João V, por altura das festas reais, era normal realizarem-se torneios e combates de touros.<sup>342</sup> Outro dos divertimentos deste reinado era a caça, várias vezes praticada pelo rei, como se pode ler pela notícia abaixo transcrita.

El Rey nosso Senhor, que Deos guarde, padecceo em Salvaterra huma leve indisposiçaom, de que graças a Deos esta livre, e continua a se divertir com a Rainha nossa Senhora, e Suas Altezas no exercicio da caça, e montarias, onde se tem morto hum grande numero de javalis, veados e outros

---

<sup>338</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1815, nº5.

<sup>339</sup> Brito e Cymbron, *História da Música*, 120 e 121.

<sup>340</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 1806, nº37.

<sup>341</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1818, nº86.

<sup>342</sup> Silva, *D. João V*, 107 e 108.

animais silvestres, que tem mandado distribuir pelos Ministros Estrangeiros, e varios Fidalgos da Corte, alternando tambem com a Musica, e outros divertimentos os do campo.<sup>343</sup>

Também a nobreza se divertia com saraus culturais, onde se apresentavam poesia ou outras obras literárias,<sup>344</sup> com combates de touros e combates entre porcos e touros.<sup>345</sup>

Com D. José, os divertimentos não eram muito diferentes. A música e a caça estavam constantemente presentes nas agendas do rei, da sua família, da corte e da principal nobreza de Lisboa.<sup>346</sup> Por último, ficamos a saber por Aline Beuvink,<sup>347</sup> que um dos principais divertimentos do rei D. José e da sua família era o de jogar cartas.<sup>348</sup>

No reinado de D. Maria I, começaram a multiplicar-se “os botequins, casas de bilhar, de chá e de chinquilha muito animadas à noite”.<sup>349</sup> Também eram comuns os jogos como o gamão, os saraus de poesia, com o aparecimento de academias como a Nova Arcádia,<sup>350</sup> assim como a caça.<sup>351</sup>

Com D. João VI, o cenário modifica-se um pouco com a retirada da corte, mas a sociedade lisbonense continuou a aparecer nos teatros públicos, formaram-se pequenas academias onde as principais elites se divertiam, como a Assembleia das Nações Estrangeiras, em casa de Pedro António Avondano,<sup>352</sup> ou mesmo em casas de chá, tal como acontecia no reinado de D. Maria.

---

<sup>343</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1722, nº7.

<sup>344</sup> Silva, *D. João V*, 123.

<sup>345</sup> Silva, *D. João V*, 127.

<sup>346</sup> Monteiro, *D. José*, 66.

<sup>347</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*.

<sup>348</sup> Beuvink, *Ressuscitar a Ópera do Tejo*, 82.

<sup>349</sup> Ramos, *D. Maria I*, 128.

<sup>350</sup> Ramos, *D. Maria I*, 128.

<sup>351</sup> Ramos, *D. Maria I*, 129.

<sup>352</sup> Scherpereel, *A Orquestra e os Instrumentistas*, 113.

## **4.2. Eventos e Públicos**

Como já se observou para os promotores e locais de espetáculo, a *Gazeta de Lisboa* disponibiliza também informação para o estudo dos públicos. Após o levantamento das notícias percebeu-se que este era um universo muito complexo, uma vez que somavam os cerca de 1300 nomes ou referências a públicos. De forma a facilitar a compreensão e o tratamento dos dados, foi necessário criar categorias, aparecendo dessa forma dois grandes grupos, as Entidades e os Indivíduos. Uma vez que estas categorias eram muito amplas, formaram-se subcategorias. Dessa forma, entre as “Entidades” encontram-se as academias, o clero, a coroa e família real, as corporações, a corte e a universidade, enquanto que os “Indivíduos” foram categorizados como aristocracia/nobreza, corpo diplomático, militares, oficiais administrativos e, por último, povo e burguesia urbana.

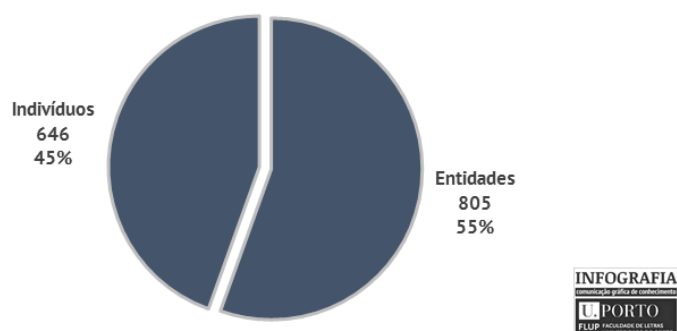
No entanto, uma destas subcategorias ainda continuava demasiado genérica e foi necessário aprofundar um pouco mais. Como tal, na subcategoria “clero”, criaram-se as subsubcategorias clero secular e clero regular, depois as subsubsubcategorias bispo, cabido e clérigos (em geral) entre o primeiro sub-grupo e, por fim, as subsubsubsubcategorias feminino e masculino, entre o clero regular. Para que se perceba melhor esta distribuição e o universo real de entidades e indivíduos, veja-se a tabela nº6.1, sobre a taxonomia dos públicos dos eventos no anexo nº6.

Mas com que frequência apareciam estes públicos? Quem eram estas pessoas? Nobres, religiosos, pessoas do povo? Interessavam-se por que tipo de espetáculos? Estas são algumas das questões a que se espera vir a responder no final deste capítulo.

### **4.2.1. Tipologia de Público**

Em primeiro lugar, é importante perceber que há um grupo que se destaca, a nível de presenças, que são as entidades, com um total de 805 referências, face a 646 referências a indivíduos.

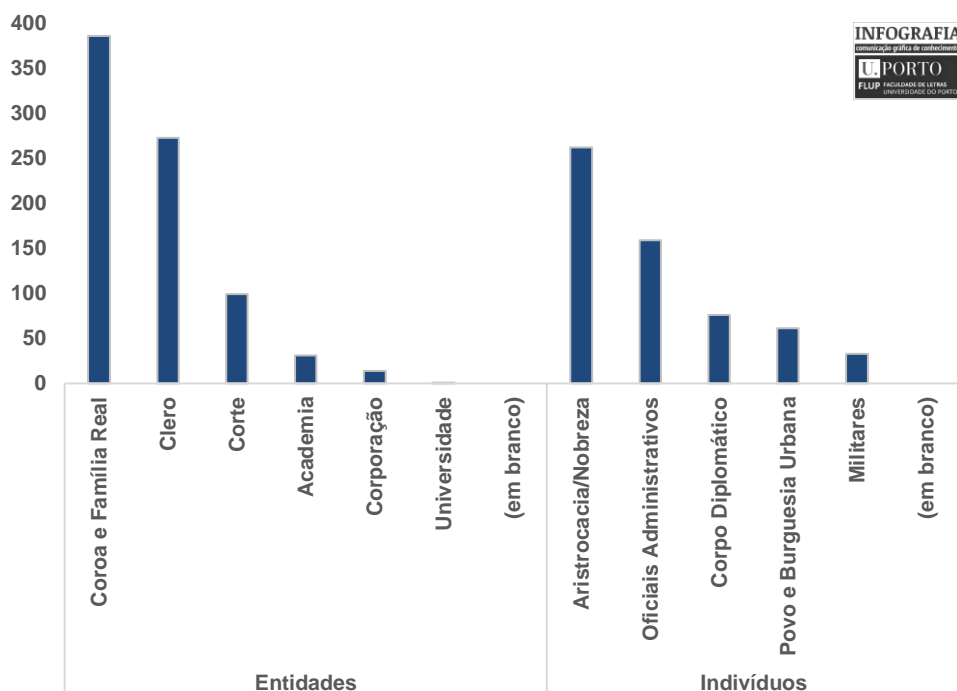
**Figura 4.3 – Número de referências a Indivíduos e Entidades**



Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

Para que mais concretamente se perceba quem são estas pessoas, observe-se o gráfico abaixo.

**Figura 4.4 – Entidades vs. Indivíduos**



Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

Com este segundo gráfico, percebe-se que, no grupo das “entidades” há duas classes que dominam, sendo elas a coroa e família real e o clero, sendo possível dizer que quem coloca a coroa e família real no “pódio” é o rei D. João V e sua esposa D. Maria

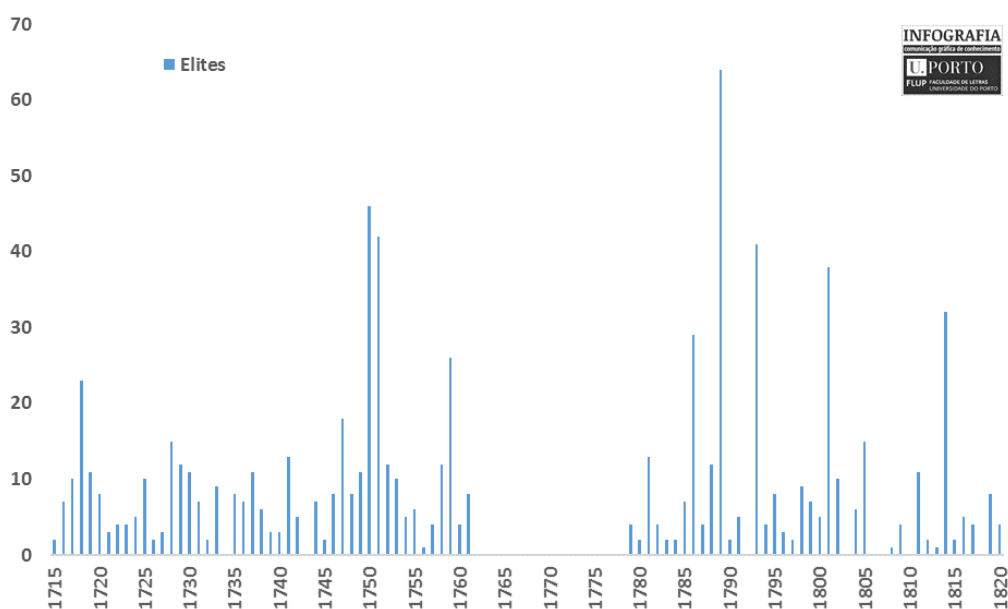
Ana, pelo número de referências que a eles se reportam.

Quanto ao segundo grupo, o dos “indivíduos”, a aristocracia/nobreza e os oficiais administrativos destacam-se, sendo homens como o Marquês de Capichelatro, o Marquês de Los Balbazes e Diogo Inácio de Pina Manique os mais presentes.

Muitos nomes são referidos pelo redator, mas é importante chamar a atenção que, a menos que fossem pessoas importantes na sociedade (como membros da família real, homens da governança ou fidalgos da corte/nobres) o redator não referia, por norma, os nomes, mas apenas o coletivo, como “povo” ou “moradores”.

Outro aspeto que é importante referir é a presença das elites em eventos, durante os anos. Dessa forma, foram feitos dois gráficos, com a disposição da comparência das elites (para o primeiro) e das não elites (para o segundo) durante o século XVIII e início do XIX.

Figura 4.5.– Presença das Elites em eventos musicais, durante os anos



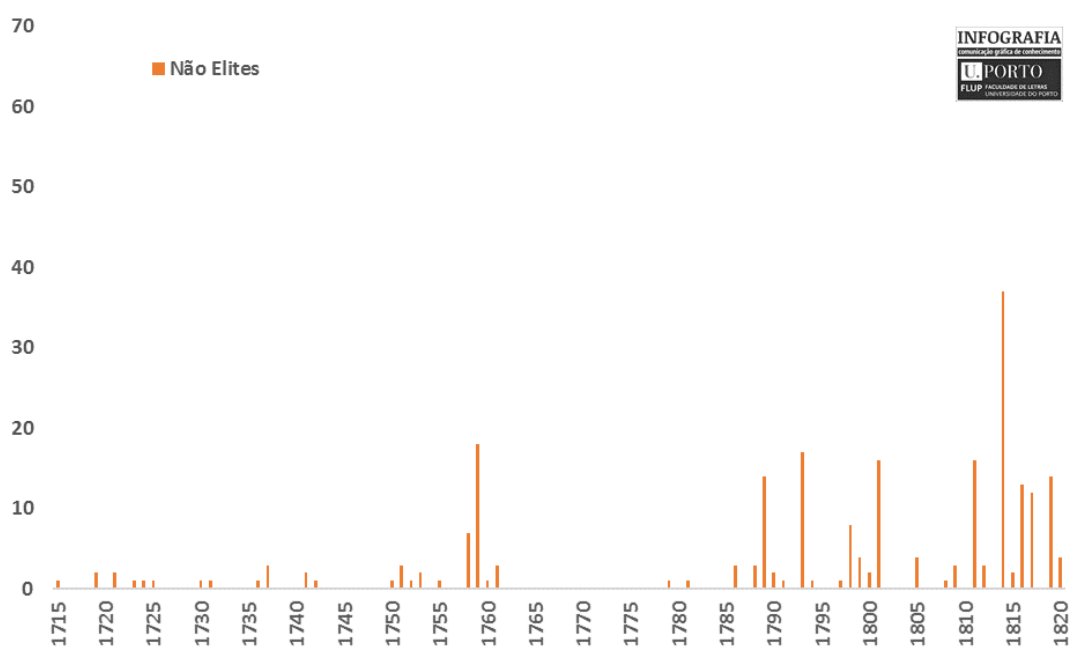
Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

Neste primeiro gráfico, é possível perceber que, em 1750 e 1751, há um aumentar de presenças das elites em eventos, provavelmente devido à morte de D. João V e aclamação de D. José. Contudo, o ano em que mais se registaram presenças das elites foi o de 1789. Neste ano, muitos foram os eventos para demonstrar o pesar pela morte do príncipe herdeiro D. José. Na década de 90, do século XIX, e até 1815, os principais

eventos estiveram relacionados com as tensões militares envolvendo França, Inglaterra, Portugal e Espanha.

Mas e os grupos que não pertenciam às elites? Frequentavam estes eventos? Atente-se no próximo gráfico.

**Figura 4.6.– Presença das não Elites em eventos musicais, durante os anos**



Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

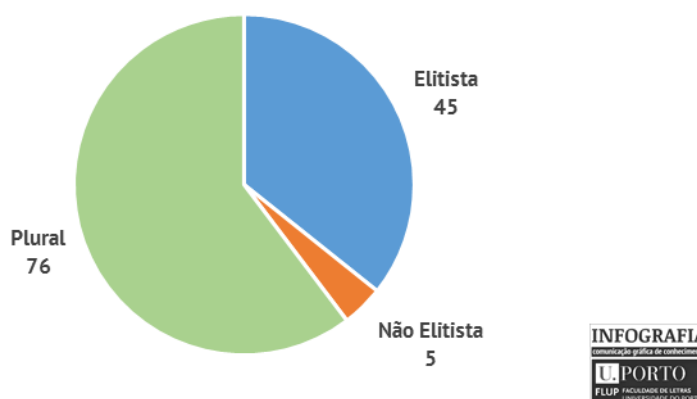
Como se pode observar pelo gráfico, as não elites não eram muito presentes. O ano de 1759, é um dos que apresenta mais presenças, talvez pelo facto de ser o ano do atentado contra a vida de D. José e, por isso, muitos celebraram a sua sobrevivência. 1789 também é um ano que se destaca, muito provavelmente pela mesma razão que as elites também compareciam, a morte do príncipe herdeiro D. José. No entanto, o ano com mais relevância é 1814, com os festejos da rendição francesa e deposição de Napoleão Bonaparte. Deixa-se aqui um exemplo de uma notícia sobre esse tema.

O feliz dia 13 de Maio, em que a mão misericordioso do Supremo Ser quiz dar ao fiel Povo Portuguez o preciosissimo dom do nosso Augusto Principe Regente, sendo em todos os annos celebrado com summa alegria pública e particularmente depois que a distancia de Sua Real Pessoa, do seio da Patria, tem produzido em nós aquella viva saudade, que he verdadeira filha do nosso filial amor aos nossos Augustos Soberanos, celebrou-se hontem com hum entusiasmo superior, se he

possível, ao dos precedentes annos, pela feliz circumstancia de nos prometter a paz da Europa, que brevemente voltara a este Reino o mesmo Augusto Senhor e toda a Real Familia. (...) sendo commandadas todas as tropas pelo Illustrissimo e Excellentissimo Tenente General Francisco de Paula Leite, Governador das Armas da Corte e Provincia da Estremadura, o qual por seu garbo e lhaneza conciliou a pública attenção e saudações, bem como no dia 25 de Abril, anniversario da Princeza N. S. e no seguinte, em que se cantou o Te Deum pelos ultimos venturosos successos, em cujos dias tambem commandara em pessoa. Do mesmo modo celebrarão os nossos alliados inglezes este fausto dia. À npote se illuminou a cidade, discorrendo alegremente innumeravel povo pelas ruas, e no Real Theatro de S. Carlos, pomposamente adereçado e illuminado e aonde havia esplendissimo concurso de pessoas de todas as ierarquias, se representou hum magnifico elogio dramatico intitulado *O Voto*, em que razão de se figurar as quatro partes do Mundo reunidas fizeram neste dia no Templo da Paz perante voto de união e amizade. Elogio que mereceo universal applauso e que na ultima scena ao apparecer o retrato do Nosso Augusto Regente, excitou as mais vivas acclamações em toda a salla daquelle magestoso theatro. Seguio-se depois hum bello drama italiano *A Caçada de Henrique IV* em musica e huma pomposa dança.<sup>353</sup>

Em jeito de conclusão, apresenta-se aqui um gráfico, em que se observa a presença de elites, as não elites e a presença de ambos em eventos. De forma a que se compreenda que havia situações em que estes se encontravam, demonstrando que os eventos nem sempre eram elitistas, uma vez que os eventos em que ambos os grupos apareciam era superior aos eventos em que as elites se encontravam.

Figura 4.7 – Presença das não Elites em eventos musicais, durante os anos



Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

<sup>353</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1814, nº113.



#### 4.2.2. Tipologia de Espaços frequentados pelos Públicos

Como anteriormente já foi dito, são vários os locais mencionados pela fonte em estudo. Mas que tipo de espaços frequentam determinados públicos? Com o mapa abaixo apresentado é possível compreender um pouco mais esta relação.<sup>354</sup>

Vimos atrás que os eventos eram muito frequentes na zona delimitada pela muralha do século XVII, atualmente conhecida como Baixa pombalina, no Beato e na Tapada da Ajuda. Vimos também que a “Baixa pombalina” era mais frequentada antes do Terramoto, sendo os principais locais frequentados o palácio régio, a Capela real e o Terreiro do Paço (isto é, a praça), enquanto que a zona do Beato sempre foi bastante frequentada por se encontrar aí localizado o Mosteiro das Agostinhas Descalças e o Mosteiro de São Bento de Xabregas, terminando o século com a freguesia da Ajuda a ser mais frequentada devido ao estabelecimento da família real e corte no Palácio Nacional da Ajuda. A primeira imagem reflete essa associação, agora vista em função das menções a públicos.

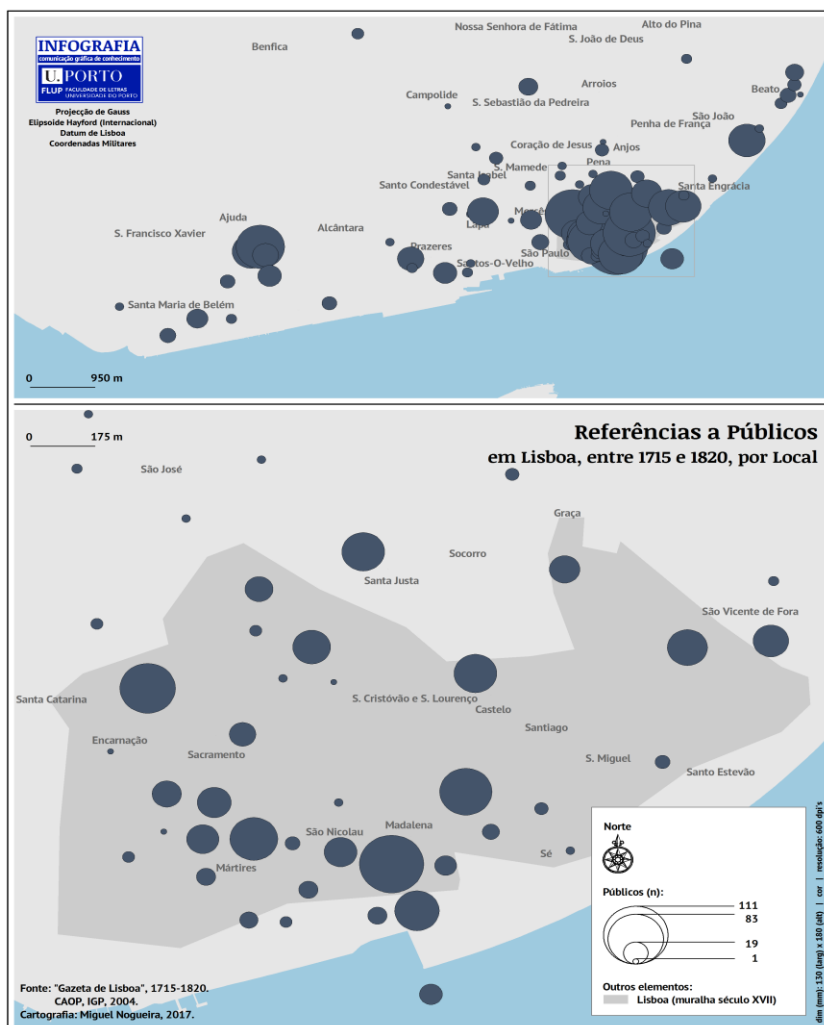
Se atentarmos na segunda imagem, em que se foca a área delimitada pela muralha, é possível verificar que a relação entre públicos e locais mais vezes mencionados está diretamente conectada, uma vez que a zona ribeirinha, a zona da Igreja de São Roque, Nossa Senhora do Loreto, Mártires e Teatro Nacional de São Carlos são os que mais se evidenciam.

Para fora da muralha, o Colégio de Santo Antão (na zona de Santa Justa) é o que mais públicos tem associados, sendo este facto de fácil explicação, uma vez que, no reinado de D. João V, foi implementado o festejo de Natal e Ano Novo, com o hino *Te Deum laudamus*, como obrigatório, o que também explica o porquê de este ser o género mais noticiado.

---

<sup>354</sup> É importante chamar a atenção que, para a feitura destes mapas, considerou-se a área da atual Lisboa, assim como a designação das suas freguesias, antes da recente união de freguesias.

Figura 4.8 – Referências a Públicos, em Lisboa, entre 1715 e 1820, por local



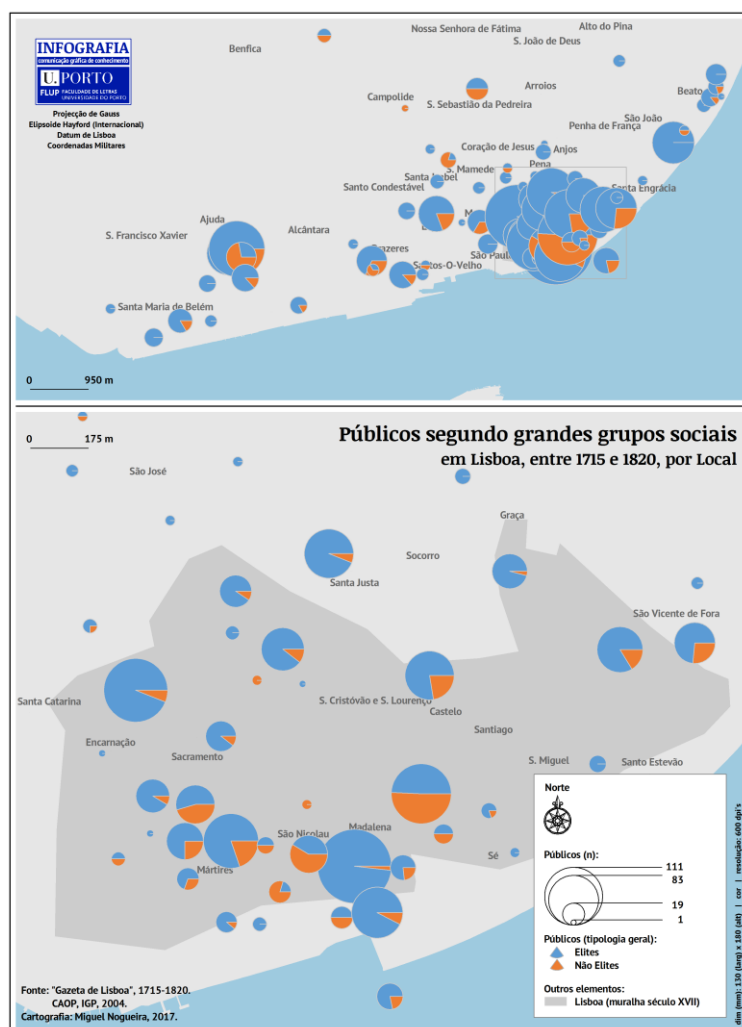
Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

O passo seguinte neste estudo foi o de tentar perceber se havia, ou não, uma predominância das elites. Para isto, criou-se dois grandes grupos, as “elites” e as “não elites”. No primeiro grupo inseriu-se os grupos acima mencionados: família real e coroa, clero, aristocracia/nobreza, universidade, academia, corpo diplomático e corte. Enquanto que no grupo das “não elites” encontram-se corporações, militares, oficiais administrativos, ofício e, por último, povo e burguesia urbana. Não escamoteamos que esta distribuição possa ser não consensual, e temos a noção de que alguns oficiais e alguns militares, ou mesmo representantes de academias poderiam fazer parte das elites, neste último caso culturais, mas as elites a que primeiro nos referimos são as elites sociais dominantes em sociedades de Antigo Regime, tão bem caracterizadas por Norbert Elias

na sua “Sociedade de Corte”.<sup>355</sup> Isso não inibe a existência e a formação e emergência, em paralelo, de outras “elites”.

O mesmo se aplica ao subgrupo da “Burguesia Urbana”. Esta era, de facto, constituída por indivíduos oriundos de diversas “elites”, nomeadamente económica e cultural. A inclusão, nesta categoria de indivíduos, das diversas “Nações” estrangeiras presentes em Lisboa, ou de empresários (cf. Apêndice 6), consubstanciam o que dizemos. Uma taxonomia exige sempre decisões e estas foram as assumidas, tentando ver as “elites” aos olhos do tempo e de critérios de sociedades de Antigo Regime.

**Figura 4.9 – Públicos segundo grandes grupos sociais, em Lisboa, entre 1715-1820, por local**



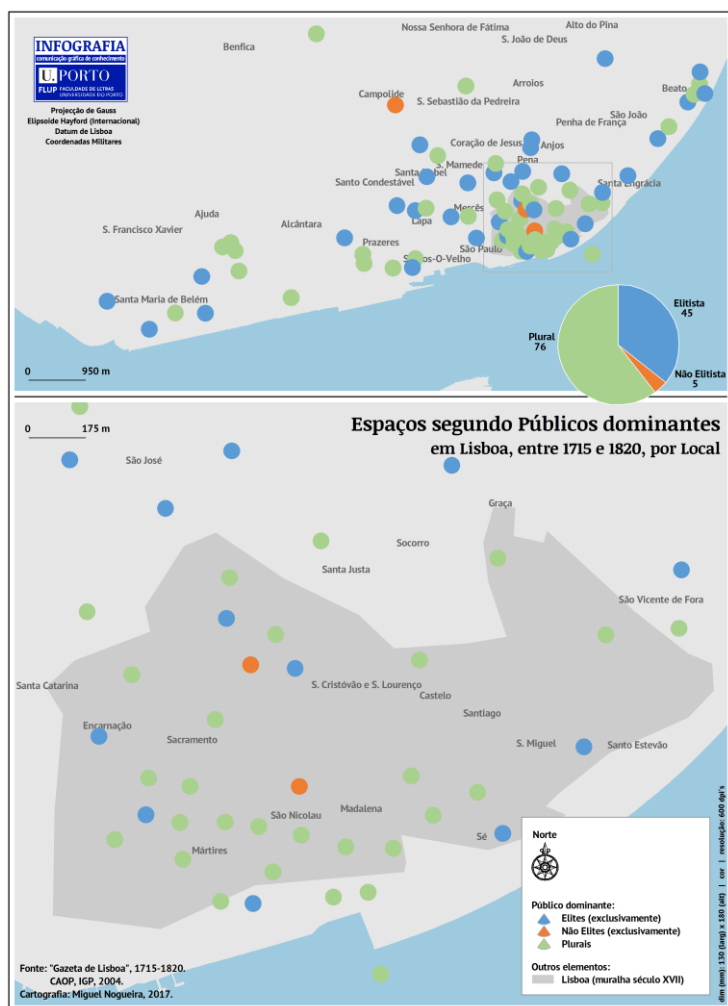
Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

<sup>355</sup> Norbert Elias, *A Sociedade de Corte*. (Lisboa: Editorial Estampa, 1987).

Dessa forma, é possível observar na primeira imagem que as “elites” (com cor azul) são predominantes em eventos por toda a Lisboa e que a área delimitada pela muralha está tão frequentada que a leitura se torna difícil. Por essa razão foi necessário ampliar essa área. Olhando agora para a área delimitada pela muralha, é possível perceber que o único local em que a dominância de públicos é a mesma, tanto para as “elites” como para as “não elites” é a Igreja de Santo António de Lisboa. Para os restantes locais, as “elites” são sempre predominantes, havendo mesmo locais que as “não elites” quase não aparecem, como é caso do Terreiro do Paço.

Por último, tentou-se perceber em que locais é que só comparecem “elites” ou “não elites”, e em quais aparecem ambos.

**Figura 4.10 – Espaços segundo públicos dominantes, em Lisboa, entre 1715-1820, por local**



Fonte: *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820

À imagem do que acontece com os mapas anteriores, este também está dividido entre a área de Lisboa e apenas a área delimitada pela muralha. Para o primeiro caso, observa-se que há um local que apenas é frequentado pelas “não elites”, o Bairro do Campolide, assim como vários que apenas são frequentados pelas “elites”, como o Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso, a Igreja de Nossa Senhora do Livramento, o Palácio de Belém, entre outros. Contudo, o que mais se destaca é o número e distribuição dos locais que são frequentados por ambos os grupos.

Na imagem correspondente à área delimitada pela muralha, encontram-se 12 locais frequentados apenas pelas “elites”, como o Palácio de Palhavã, a “Igreja de São José”, uma “casa na Rua Barroca”, entre outros, e dois locais apenas frequentados pelas “não elites”, sendo eles o “Rossio” e a “Rua Augusta”. No entanto, o verde, que assinala a presença de ambos os grupos, continua a ser predominante. A sua coexistência em eventos e espaços religiosos, como Igrejas e Mosteiros, explica em grande medida esta coexistência.

Portanto, é possível retirar várias ilações deste estudo. Em primeiro lugar, a “coroa e família real”, a “corte” e a “aristocracia/nobreza” são os públicos mais mencionados pela *Gazeta de Lisboa e seus Suplementos*, enquanto que as “corporações” e a “universidade” são os menos mencionados. Não podemos esquecer que a Universidade se encontrava sediada em Coimbra (e até 1776 em Évora), o que justifica esta ausência.

Além disto, é possível afirmar que a área delimitada pela muralha – correspondendo a atual Baixa pombalina e área ribeirinha – contém os locais mais frequentados. Alguns exemplos disso são o Terreiro do Paço, com o palácio régio e a Capela real (até 1755), a Igreja de São Roque e a Igreja dos Mártires, enquanto que para a restante área, o Colégio de Santo Antão da Companhia de Jesus e o Palácio Nacional da Ajuda são os locais mais frequentados.

Ainda que os teatros, principalmente o Nacional de São Carlos e o da Rua dos Condes, sejam também locais bastante frequentados, a *Gazeta de Lisboa e seus Suplementos*, não fazem, por norma, referências precisas aos públicos que aí concorriam, pelo que, para esses, não é possível fazer a associação que temos vindo a tentar desenvolver entre espaços e públicos.

## Considerações finais

A *Gazeta de Lisboa*, que integra os seus *Suplementos* é um periódico que está constantemente a ser citado pela historiografia, em concreto pela história da música. No entanto, nunca foi feito um levantamento sistemático de todas as notícias em que eventos musicais eram mencionados. Este levantamento e sistematização das notícias foi o primeiro objetivo deste trabalho.

No total dos 11 800 números deste periódico vindos ao prelo, o que equivale aos 88 anos de vida da *Gazeta de Lisboa*, de 1715 a 1762 e 1779 a 1820, foram quase 3000 as notícias recolhidas. Com esta amostra surgiram várias questões sobre temas relacionados com história da música. Como o território integral de Portugal era um universo demasiado extenso para um estudo deste género, Lisboa, espaço claramente dominante e capital política e cultural do reino, foi o palco escolhido como foco desta análise.

Sempre tendo em conta o estado da arte e os estudos que ofereciam quadros contextuais, era importante perceber que tipo de géneros musicais eram noticiados; se dominavam as notícias sobre eventos religiosos ou profanos. Sobre este tema sabia-se de antemão que no reinado de D. João V foram feitas várias mudanças no cerimonial litúrgico e na organização da Igreja da Capital, no entanto, foi também neste período que a ópera e os teatros começaram a ganhar relevância em Lisboa, o que aumenta a pertinência da questão a elucidar. As conclusões a que se chegou sobre este tema foram as de que há uma prevalência das manifestações religiosas, estando o Te Deum como o evento musical mais noticiado, mas de que também havia um grande gosto da rainha pela serenata, sendo um género que ela promoveu bastante.

Para o reinado de D. José torna-se difícil retirar ilações porque, para os primeiros anos, as notícias recolhidas dizem respeito ao luto do rei defunto e os restantes ao Terramoto, não havendo muito espaço para específicas notícias sobre eventos musicais, dada a suma importância dos referidos acontecimentos.

Contudo, para o reinado de D. Maria e regência do príncipe D. João, as notícias levantadas chegam a números significativos, chegando às 200 notícias anuais, valores nunca atingidos em outros reinados. E percebe-se que os géneros musicais profanos são

noticiados cada vez em maior número, em concreto os apresentados nos teatros da cidade. No entanto, o Te Deum, com a morte de D. Pedro III e os anos das invasões francesas, continua a ser o género mais noticiado.

No que se refere ao perfil dos homens e mulheres que promovem estes eventos algumas tendências foram apuradas, a despeito dos problemas de taxonomia encontrados. O primeiro problema adveio da definição do que é uma elite. Sobre essa matéria pronunciamo-nos acima. Ainda assim, dúvidas subsistem, por exemplo, no que se refere ao clero: se as figuras destacadas, como bispos, cardeais e membros do cabido fazem parte, sem dúvida, das elites, a menção geral a clero pode integrar grupos ligados ao baixo clero e, por isso, conectados com as “não elites”.

A conclusão que as elites dominavam a promoção de eventos não é surpreendente. O clero, a coroa e família real e a aristocracia/nobreza são os grupos que mais promovem esses eventos, sendo o povo e a burguesia urbana, as corporações e os ofícios os grupos que menos surgem identificados como promotores de eventos. O simples facto de serem mencionados como tal é signifiicante e significativo.

Também do ponto de vista da distribuição espacial dos eventos, as conclusões não surpreendem, tendo em conta o conhecido das hierarquias dos espaços na Lisboa setecentista. As iniciativas despoletadas pelo clero predominam na Igreja de São Roque, o Mosteiro do Santíssimo Coração de Jesus, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e o Colégio de Santo Antão da Companhia de Jesus.

A coroa e a família real, até 1755, promoviam eventos essencialmente no Terreiro do Paço, no seu palácio, teatro e Capela real. Com D. Maria, o Palácio da Ajuda passa a ser o espaço escolhido, por imperativo das circunstâncias da mudança da residência real, após o Terramoto, com a sua Capela real e sala de música, bem como o Seminário de Música da Patriarcal e o Convento de Nossa Senhora da Boa Hora a predominarem como específicos espaços de realização.

A aristocracia/nobreza escolhia locais próximos da família real ou dos seus aposentos. O Castelo de São Jorge, onde se encontrava instalado o Intendente da Polícia, Diogo Inácio de Pina Manique passa a destacar-se também durante o consulado do Intendente.

Quanto aos músicos, cantores e compositores identificados, são muitos os nomes, alguns bem conhecidos dos estudos da área, como Domenico Scarlatti, António Teixeira ou Marcos António Portugal, mas foram muitos mais os nomes daqueles que não são tão conhecidos, como José Maria Prola, Pietro Chiari, José Maurício ou Francisco Frederici. Este é um tema que abre outro campo de estudos, mais biográfico, que não se encontra deliberadamente contemplado neste trabalho.

Quanto aos espaços de realização de eventos, antes e após o Terramoto de 1755, percebeu-se que havia uma lógica evolutiva na disposição dos locais pela cidade, sendo a baixa escolhida para a primeira metade do século XVIII, bem como alguns locais privilegiados dos arredores, nomeadamente Belém, Ajuda e Beato para o reinado de D. Maria.

Além disso, compreendeu-se que muitas igrejas, capelas e ermidas não foram reconstruídas após o Terramoto, não tendo também sido reconstruídos muitos dos teatros, o que levou a uma interrupção e/ou uma diminuição significativa no número de espetáculos públicos da cidade. A questão financeira, exigida pela reconstrução urbana, e dos próprios edifícios, religiosos e civis, a par de habitações particulares são elementos a ter também em consideração e que plenamente justificam a diminuição dos eventos noticiados, bem como a interrupção de oito anos, nas atividades teatrais.

Quanto aos públicos e, à imagem do que acontece com os promotores, a família real, a corte, a aristocracia/nobreza e o clero, são os grupos que mais comparecem nos eventos. Estes frequentam principalmente os palácios reais do Terreiro do Paço e da Ajuda, com a Capela real, os Mosteiros de São Bento de Xabregas e o Mosteiro das Agostinhas Descalças, as Igrejas de São Roque, Nossa Senhora do Loreto e dos Mártires, o Colégio de Santo Antão da Companhia de Jesus (até à expulsão da Ordem) os Teatros da Rua dos Condes e o Nacional de São Carlos.

São vários os estudos que se podem desenvolver no futuro e que não tiveram espaço nesta dissertação, sendo ainda necessário aprofundar alguns pontos deste estudo.

Espera-se, ainda que com as limitações apontadas, ter-se atingido os principais objetivos desta dissertação, em concreto o levantamento e sistematização das notícias musicais da *Gazeta de Lisboa* e seus *Suplementos*, bem como o de apresentar algumas



tendências ao longo período estudado, o século XVIII e início do século XIX.

## Fontes

*Gazeta de Lisboa*. 1715-1762. Hemeroteca Digital. Acedido em 2016 e 2017.  
<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/GazetadeLisboa/GazetadeLisboa.htm>

*Gazeta de Lisboa*. 1727, 1753, 1755 e 1760. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa.

*Gazeta de Lisboa*. 1779-1820. Porto: Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Cota 05R.

*Suplemento à Gazeta de Lisboa*. 1789, 1793, 1799 e 1808. Porto: Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Cota 05R.

*Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*. 1779, 1785, 1786, 1789, 1791, 1793, 1794, 1801 e 1806. Porto: Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Cota 05R.

*Suplemento Extraordinário à Gazeta de Lisboa*. 1808. Porto: Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Cota 05R.

## Referências Bibliográficas

Araújo, Ana Cristina Bartolomeu. “As Invasões Francesas e a afirmação das ideias liberais”, José Mattoso (dir.), *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, Vol. V.

Barreiros, Maria Helena. “Casas em cima de casas. Apontamentos sobre o espaço doméstico da Baixa Pombalina”. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 88-97.

Belo, André. *As Gazetas e os Livros: A Gazeta de Lisboa e a vulgarização do Impresso (1715-1760)*. [Dissertação de Mestrado]. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2001.

Beuvink, Aline Gallasch-Hall de Beuvink. *Ressuscitar a Ópera do Tejo: O Desvendar do Mito*. Lisboa: Caleidoscópio, 2016.

Branco, João de Freitas. *História da Música Portuguesa*. Lisboa: Publicações Europa-América, 4ªed., 2005.

Brilhante, Maria João. “Correia Garção”. Camões: Instituto da Cooperação e da Língua. Acedido em 17 abril 2017. <http://cvc.instituto-camoes.pt/pessoas/correia-garcao.html>.

Brito, Manuel Carlos de. *Estudos de História da Música em Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

Brito, Manuel Carlos de. *Opera in Portugal in the Eighteenth Century*. [Tese de Doutoramento]. Cambridge University Press, 1989.

Brito, Manuel Carlos de; Cymbron, Luísa. *História da Música Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1992.

Brito, Manuel Carlos de. “A Música Portuguesa no Século XVIII”, Jorge Alexandre Costa (coord.), *Olhares sobre a História da Música em Portugal*. Vila do Conde: Verso da História, 2015, 125-160.

Câmara, Maria Alexandre Trindade Gago da; Anastácio, Vanda. *O Teatro em Lisboa no tempo do Marquês de Pombal*. Lisboa: IPM, Museu Nacional do Teatro, 2005.

Cardoso, Arnaldo Pinto. *O Terrível Terramoto da cidade que foi Lisboa*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2005.

Chartier, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: DIFEL: Difusão Editorial, Lda., 1988.

Carvalho, Mário Vieira de. *Pensar é morrer ou o Teatro de São Carlos*. Lisboa: INCM – Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

Carvalho, Mário Vieira de. *Razão e Sentimento na Comunicação Musical*. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

Costa, Avelino de Jesus da. *Álbum de paleografia e diplomática portuguesas*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de Paleografia e Diplomática, 1997.

Costa, Leonor Freire; Cunha, Mafalda Soares da. *D. João IV*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.

Costa, Jorge Alexandre (coord.). *Olhares sobre a História da Música em Portugal*. Vila do Conde: Verso da História, 2015.

Curto, Diogo Ramada. “A Capela Real: Um espaço de conflitos (Séculos XVI a XVIII)”. *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas, Anexo V – Espiritualidade e Corte em Portugal, séculos XVI a XVIII*, (1993): 143-154.

Cruz, Gabriela Gomes da. “A Modinha, o Quotidiano e a Tradição Musical Portuguesa em finais do Século XVIII”. *Revista Portuguesa de Musicologia*, nº1, 1991.

D’Alvarenga, João Pedro. “Domenico Scarlatti, 1719-1729: O período português”. *Revista Portuguesa de Musicologia*, 7-8, (1997/98), 95 – 132.

Duarte, Eduardo. “De França à Baixa, com passagem por Mafra”. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 78-87.

Elias, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

Fernandes, Cristina. *O Sistema Produtivo da Música Sacra em Portugal no final do Antigo Regime*. [Tese de Doutoramento]. Universidade de Évora, 2010.

Fernandes, Cristina. *Boa Voz de tiple, sciencia de música e prendas de*

*acompanhamento*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal: INET-MD – Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos de Música e Dança da Universidade Nova de Lisboa, 2013.

Fernandes, Cristina. “Houve uma escola de música onde hoje está o museu de história natural”. *Jornal Público*. Acedido em agosto de 2017. <https://www.publico.pt/culturaipsilon/jornal/houve-uma-escola-de-musica-onde-hoje-esta-o-museu-de-historia-natural-24177964>.

Ferrão, Leonor. “Um oficial do Génio e a Nova Lisboa”. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21, (2004): 66-75.

Ferreira, Manuel Aguiar. “Intervenções na Praça do Comércio”. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21, (2004): 182-183.

França, José Augusto. *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. Lisboa: Livraria Bertrand, S. A. R. L., 1987.

França, José Augusto. *A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Divisão de Publicações, 1989.

França, José Augusto. *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Divisão de Publicações, 1989.

França, José Augusto. “Uma experiência Pombalina”. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21, (2004): 18-21.

França, José Augusto. *Estudo das zonas ou unidades urbanas de carácter histórico-artístico em Lisboa*. Lisboa: INCM – Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012.

Gomes, Paulo Varela. *A Cultura Arquitectónica e Artística em Portugal no Séc. XVIII*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.

Gomes, Paulo Varela. “Jornada pelo Tejo: Costa e Silva, Carvalho Negreiros e a cidade pós-pombalina”. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21, (2004): 132-141.

Kennedy, Michael. *Dicionário Oxford de Música*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

Leal, Joana Cunha. “Legitimação artística e patrimonial da Baixa Pombalina”. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 6-17.

Maravall, José Antonio. *La Cultural del Barroco*. Barcelona: Editorial Ariel, 2012.

Marques, António Jorge. *A Obra religiosa de Marcos António Portugal*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, 2012.

Marques, António Jorge. *Marcos Portugal*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical e Fundação da Casa de Bragança, 2012.

Monteiro, Nuno Gonçalo. “A Restauração (1640-1668)”, Rui Ramos (coord.), *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009.

Monteiro, Nuno Gonçalo. “A Viragem do século (1777-1807)”, Rui Ramos (coord.), *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009.

Monteiro, Nuno Gonçalo. “A Monarquia Barroca (1668-1750)”, Rui Ramos (coord.), *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009.

Monteiro, Nuno Gonçalo. *D. José*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.

Murteira, Helena. “Lisboa antes de Pombal: crescimento e ordenamento urbanos no contexto da Europa moderna (1760-1755)”. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 50-57.

Nery, Rui Vieira; Castro, Paulo Ferreira de. *History of Music*. Lisboa: Comissariado para a Europália 91 – Portugal; INCM – Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.

Nery, Rui Vieira. “A Música Portuguesa na Era da Contra-Reforma: O Longo Século XVII”, Jorge Alexandre Costa (coord.), *Olhares sobre a História da Música em Portugal*. Vila do Conde: Verso da História, 2015, 85-122.

Pedreira, Jorge; Costa, Fernando Dores. *D. João VI*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.

Ramos, Luís de Oliveira. *D. Maria I*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2007.

Ramos, Rui, “Invasões Francesas, Tutela Inglesa e Monarquia Brasileira (1807-

1820)”, Rui Ramos (coord.), *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos livros, 2009.

Reis, Ana Rita; Simões, Maria José; Rodrigues, Susana. “A Décima da Cidade: contributo para a datação do edificado da Baixa”. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 58-65.

Rossa, Walter. “Do plano de 1755-1758 para a Baixa-Chiado”. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 22-43.

Silva, Maria Beatriz Nizza da. *D. João V*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.

Silva, Raquel Henriques da. “Arquitectura religiosa pombalina”. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 108-115.

Scherpereel, Joseph. *A Orquestra e os instrumentistas da Real Câmara de Lisboa de 1764 a 1834*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Música, 1985.

Tengarrinha, José. *Nova História da Imprensa Portuguesa das Origens a 1865*. Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2013.

Tobriner, Stephen. “A gaiola pombalina: o sistema de construção anti-sísmico mais avançado do século XVIII”. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº21 (2004): 160-167.

## **Anexos**



## Anexo 1 – Base de Dados de FileMaker

Tabela nº1.1 – Folha de Base de Dados em FileMaker

FileMaker Pro Advanced - [Tese]

File Edit View Insert Format Records Scripts Tools Window Help

Records 1 808 / 2964 Found (Unsorted) Show All New Record Delete Record Find Sort Share

Layout: Musica View As: Preview Aa Edit Layout

**Gazeta de Lisboa - Música**

Tipo de Representação Musical  Data número  Data notícia  Data evento

Local  Promotor

Público  Compositor  Músico

Referência Bibliográfica  Tipo

Palavra-Chave  Ano

Transcrição

Obs.

Pais

**Menu Operacional**

Operações Registos Pesquisa

Novo Registo Gravar Sair

100 Browse

## Anexo 2 – Taxonomia dos Promotores dos Eventos Musicais

Tabela nº2.1 – Taxonomia dos Promotores dos Eventos Musicais

Tabela nº2.1 – Promotores dos Eventos				
Promotores (1)	Promotores (2)	Promotores (3)	Títulos, Cargos	Nominal
Entidades	família real	-	rei	D. João V
Entidades	família real	-	rainha	D. Maria Ana
Entidades	família real	-	rei	D. José I
Entidades	família real	-	rainha	D. Mariana Vitória
Entidades	família real	-	rainha	D. Maria I
Entidades	família real	-	rei	D. Pedro
Entidades	família real	-	rei	D. João VI
Entidades	família real	-	rainha	D. Carlota Joaquina
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa (D. Tomás de Almeida)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa (D. José Manuel da Câmara)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa (D. Francisco Saldanha)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa (D. Fernando de Sousa e Silva)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa (D. José Francisco Miguel António de Mendonça)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa

				(D. José Francisco Miguel António de Mendonça)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa (D. Carlos da Cunha e Menezes)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa (D. Frei Patrício da Silva)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Cardeal da Mota
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Arcebispo de Lacedemónia
Entidades	clero	clero secular	Cabido	-
Entidades	clero	clero secular	Clérigos	Padre Domingo Pereira
Entidades	clero	clero secular	Clérigos	Padre
Entidades	clero	clero secular	Clérigos	Principal Deão da Basílica Patriarcal
Entidades	clero	clero secular	Clérigos	Deão da Basílica Patriarcal
Entidades	clero	-	-	Capela Real
Entidades	clero	clero secular	-	Irmandade do Santíssimo Sacramento
Entidades	clero	clero secular	-	Beneficiados
Entidades	clero	clero secular	-	Capelães
Entidades	clero	clero secular	-	Irmandade de Nossa Senhora do Resgate
Entidades	clero	clero secular	-	Miguel Gomes de

				Pinharanda <sup>356</sup>
Entidades	clero	clero secular	-	Cabido da Igreja da Colegiada de Santa Maria de Alcáçova de Santarém
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Prior do Convento
Entidades	clero	clero regular	-	Congregação Beneditina
Entidades	clero	clero regular	-	Irmandade dos Clérigos
Entidades	clero	clero regular	-	Comunidade do Convento
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Companhia de Jesus
Entidades	clero	clero regular	-	Convento Nossa Senhora da Graça
Entidades	clero	clero regular	-	Religiosos da Santíssima Trindade
Entidades	clero	clero regular	Feminino	Religiosas Agostinhas Descalças
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Freires da Ordem de Cristo
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Clérigos Regulares da Divina Providência
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Religiosos do Mosteiro de São Francisco
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Religiosos Eremitas de Santo Agostinho
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Cónegos Regrantes de Santo Agostinho
Entidades	clero	clero regular	Feminino	Religiosas Capuchas

<sup>356</sup> Miguel Gomes de Pinharanda apresenta-se como Vigário de Beja que regularmente se desloca a Lisboa. Informação retirada da *Gazeta de Lisboa*, 1721, nº25.

				de Madre Deus de Xabregas
Entidades	clero	clero regular	Feminino	Religiosas de Santo Alberto
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Cónegos Seculares de São João Evangelista
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Congregação dos Monges Descalços de São Paulo
Entidades	clero	clero regular	Feminino	Religiosas Irlandesas de São Domingos
Entidades	clero	clero regular	Feminino	Religiosas do Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso
Entidades	clero	clero regular	Feminino	Religiosas do Bom Sucesso
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Religiosos Alemães da Igreja de São João Nepomuceno
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Religiosos Trinitários
Entidades	clero	clero regular	Feminino	Religiosas de Santa Clara
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Religiosos Barbadinhos Italianos
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Comunidade dos Carmelitas Calçados
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Religiosos de Nossa Senhora do Livramento
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Religiosos de São Bento
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Colegiada de Santa Maria da Alcaçova
Entidades	clero	clero regular	Feminino	Religiosas Carmelitas Descalças da Estrela
Entidades	clero	clero regular	Feminino	Madre Violante da Gloria
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Fr. João Duarte de Faria
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Fr. João de Santa Teresa do Convento

				de Santo António de Sines <sup>357</sup>
Entidades	clero	-	-	Seminário
Entidades	clero	-	-	Mesa do Santo Ofício
Entidades	clero	-	-	Tribunal do Santo Ofício
Entidades	Academia	-	-	Academia Portuguesa
Entidades	Academia	-	-	Academia Real da História
Entidades	Academia	-	-	Academia da Arcádia Lusitana
Entidades	Academia	-	-	Academia Scalabitana
Entidades	Academia	-	-	Académicos
Entidades	Corporação	-	-	Casa dos Vinte e Quatro
Entidades	Corporação	-	-	Irmandade de Santa Cecília
Entidades	Corporação	-	-	Corporação dos Ourives do Ouro
Entidades	Corporação	-	-	Corporação dos Ourives da Prata
Entidades	Corporação	-	-	Corporação das Sedas
Entidades	Corporação	-	-	Oficiais do ouro e galões da Real Fábrica
Entidades	Misericórdia	-	-	Misericórdia de Lisboa
Entidades	Misericórdia	-	-	Provedor da Misericórdia
Entidades	Senado da Câmara	-	-	Senado da Câmara de

<sup>357</sup> Este Frei encontrava-se em Lisboa, onde promove três eventos. Informação retirada da *Gazeta de Lisboa*, 1814, nº211.

				Lisboa
Entidades	Senado da Câmara	-	-	Câmara de Lisboa
Entidades	Universidade	-	-	Universidade de Coimbra
Entidades	Universidade	-	-	Universidade de Évora
Entidades	Política	-	-	Assembleia Portuguesa
Entidades	Política	-	-	Governo
Entidades	Sociedades Culturais	-	-	Companhia do Teatro de São Carlos
Entidades	Sociedades Culturais	-	-	Sociedade do Teatro de São Carlos
Entidades	Sociedades Culturais	-	-	Sociedade Cómica
Entidades	Sociedades Culturais	-	-	Teatro da Rua dos Condes
Entidades	Sociedades Culturais	-	-	Sociedade do Teatro da Rua dos Condes
Entidades	Sociedades Culturais	-	-	Sociedade dos Cómicos do Teatro do Salitre
Entidades	Sociedades Culturais	-	-	Sociedade Diretora dos Teatros de São Carlos e da Rua dos Condes
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Conde	Conde de Avintes
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Conde	Conde de São Vicente
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Conde	Conde de São Miguel
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Conde	Conde de Harrach
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Conde	Conde de Coculim
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Conde	Conde de Trancoso
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Conde	Fernão Nunes

Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Duque	Duque de Lafões
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Barão	Barão da Ilha Grande
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	Diogo Inácio de Pina Manique
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	D. Miguel
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	D. José Camaño
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	Luís Gonçalves da Câmara
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	D. Tomás de Noronha
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	Joaquim Novais Moreira
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	Jorge de Cabedo
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	Gonçalo Pacheco Pereira
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	Francisco José da Costa
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	Gregório José de Noronha
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	Carlos Pery de Linde
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	Jacinto Fernandes Bandeira
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	D. Lázaro Leitão Aranha
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	João José de Vasconcelos e Bettencourt
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	Veríssimo da Cota da Mata
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	Gonçalo de Sousa da Silva Alcoforado e Lencastre
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Fidalgo da Casa Real	Lourenço Homem da



				Cunha de Eça
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquês	Marquês de Marialva
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquês	Marquês de Valença
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquês	Marquês de Fronteira
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquês	Marquês de Capichelatro
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquês	Marquês de Los Balbazes
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	príncipe Regente da Grã-Bretanha	príncipe D. Jorge, posterior D. Jorge IV
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Visconde	Visconde de Fonte Arcada
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	-	Família do Duque de Cadaval
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	-	Mons. De Montagnac
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Lorde	Lorde Tyrawle
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	-	Francisco Duvernay
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	-	Robertson
Indivíduos	Corpo Diplomático	-	Embaixador	Embaixador de Espanha
Indivíduos	Corpo Diplomático	-	Embaixador	Embaixador de França
Indivíduos	Corpo Diplomático	-	Embaixador	Núncio Apostólico
Indivíduos	Corpo Diplomático	-	-	Principal do rei da Grã Bretanha
Indivíduos	Corpo Diplomático	-	-	Principal Hohenloe
Indivíduos	Militares	-	General	General Lannes
Indivíduos	Militares	-	General	-
Indivíduos	Militares	-	Capitão	Capitão António José de Miranda
Indivíduos	Militares	-	-	Corpo da Guarda Real

Indivíduos	Militares	-	-	Militares de Faro
Indivíduos	Militares	-	-	Regimento de Artilharia nº2
Indivíduos	Militares	-	-	Regimento de Infantaria de Valença
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Juiz do Povo	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Juiz do Povo	Vicente Pereira da Silva
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Juiz do Povo	Filipe Neri de Sousa
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Juiz do Fora	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Vedor Geral da Corte	.João Luís de Azevedo
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Advogados	Advogados da Casa da Suplicação de Lisboa
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Desembargador	José da Cunha Fialho
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Oficiais do Tribunal de Contas, Casa Real e Estados Ultramarinos	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Governador de Armas	Francisco de Paula Leite
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Secretário de Estado	-
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	-
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	Criados	-
Indivíduos	Povo e Burguesia	-	-	Moradores da Rua

	Urbana			Augusta
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Nação Alemã
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Nação Inglesa
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Nação Francesa
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Nação Italiana
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Nação Espanhola
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	Empresários	Empresários do Teatro do Salitre
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	Empresários	Empresários do Teatro da Rua dos Condes
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	Empresários	Empresários do Teatro de São Carlos
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	Cidadão	Cidadão do Porto <sup>358</sup>
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Anselmo José da Cruz
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	Mercadores/Comerciantes	-

Fonte – *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820.

<sup>358</sup> Presente em Lisboa no ano de 1814, ver *Gazeta de Lisboa*, 1814, nº161.

### Anexo 3 – Agentes Musicais: Músicos, Cantores e Compositores

Tabela nº2.4 – Agentes Musicais: Músicos, Cantores e Compositores

Agentes Musicais		
Compositores	Músicos	Cantores
Fr. António Moacho Francisco Fevre	Pedro António Marchal	Caporalini
António de Sousa Macedo	Esposa de P. A. Marchal	Crescentini
P. Cristóvão da Fonseca	António José de Paula	Capranica
P. José Leite	João Baptista Weltin	Crocciatti
Domenico Scarlatti	João Baptista Walttmann	Miguel Schira
P. José de Oliveira	Angelelli	Caetano Neri
Barão de Astorga	Gabriel Le Gras	Pascoal Rosetti
D. Jaime Facco	Bertochi	Luiza Gerbini
D. André Henriques	Lozensitti	António Bertocci
António Teixeira	Lungarini	Mariana Vinci
João Rodrigues Esteves	António Lolli	Eufemia Eckarty Neri
Boaventura	Pedro Rumi	José dos Santos
Manoel Pacheco de Sampaio	Rossi	Florinda Bemventura
David Perez	Pedro Gervais	Josefa Velutti
Marcos Portugal	Bartozzi	José Bertini
Inácio José Maria de Freitas	Martini	Carolina Rossi
João José Baldi	Muzio Clementi	Gertrudes Angélica
António da Silva Leite	Salvador Caruso	Carlos Gauvini
António Leal Moreira	Arcangelo Corelli	Maria Inácio da Luz
Fr. Miguel Gaspar	Saboeiro	Josefa Collini
Giumelli	João Wisse	Angiolina Gauvini
Mozart	Francisco Marchesi	Mariana Bote
Metastasio (Reformador e Libretista)	Vidigal	Jacome André Magune
Lodovico Giustini	Grua	Domingos Vaccani
João Crisóstomo da Cruz	Legras	Carolina Neri
José Palomino	António Rodil	Paolo Rosich

António José da Silva	Will	Barbara Argolini
António José do Rego	João Domingos Bomtempo	José Fenzi
António Puzzi	Richter	Esposa de Fenzi
José de Mesquita	José Petrides	Generalli
Manoel Teles	Pedro Petrides	-
Venancio Aloisio	José Gazul	-
Pietro Alessandro Guglielmi	Brunni	-
Giuseppe detto Giordaniello Giordani	Escoti Petit	-
Caetano Isola	Catalani	-
Ignaz Pleyel	Rodolphe Kreutzer	-
Domenico Cimarosa	Gonçalo Pacheco Pereira	-
Niccolò Antonio Zingarelli	Lucas Argolini	-
Giacomo Tritto	S. B. Luis de Weltin	-
Giuseppe Sarti	-	-
Giovanni Paisiello	-	-
Gaetano Marinelli	-	-
Gaetano Andreozzi	-	-
Giovanni Bianchi / Francesco Bianchi	-	-
Giuseppe Nicolini	-	-
Silvestro Palma	-	-
Giovanni Battista Martini	-	-
Valentino Fioravanti	-	-
Ferdinando Paër	-	-
Giuseppe Gazzaniga	-	-
Fr. Domingos de São José Varella	-	-
Francisco Inácio Solano	-	-
Francisco de Sá Miranda	-	-
Pierre Corneille	-	-
Molière	-	-
Pietro Chiari	-	-

Jean François Regnard	-	-
Pierre Augustin Caron de Beaumarchais	-	-
João Xavier Taborda Pinhatelli	-	-
Manoel da Paixão Ribeiro	-	-
José Maria Prola	-	-
Leopold Koželuch	-	-
Joseph Haydn	-	-
Hulmandel	-	-
Herman	-	-
Soroeter	-	-
Ludwig Van Beethoven	-	-
Brizzi	-	-
José Joaquim dos Santos	-	-
António José de Rego	-	-
António Puzzi	-	-
Francisco Soares Franco	-	-
João de Sousa Carvalho	-	-
José de Mesquita	-	-
Luis Raphael Soyé	-	-
José Caetano Cabral de Mendonça	-	-
Francisco Xavier Baptista	-	-
Antonio Gallassi	-	-
José Forlivesi	-	-
Arnaud	-	-
António Barbosa	-	-
José Maurício	-	-
António José de Sousa	-	-
Mr. De la Motte	-	-
José Rodrigues de Jesus	-	-
Luís António Barbosa	-	-

Felis Alexandre Romano	-	-
José do Espírito Santo e Oliveira	-	-
José Rodrigues de Jesus	-	-
Paul Wranitzky	-	-
Adalbert Gyrowetz	-	-
Malbrouk	-	-
Jozino	-	-
François Joseph Gossec	-	-
João Paisiello	-	-
Francisco Frederici	-	-
António Lopes	-	-
Erard	-	-
Miguel António de Barros	-	-
Inácio José Maria de Freitas	-	-
Gioachino Rossini	-	-
Francisco Gottlieb Reypaquer	-	-
Felix Folia	-	-
Manoel de Moraes Pedroso	-	-
Pucitta	-	-
José Acunha	-	-
José Ferlendis	-	-
Mengozzi	-	-
Lefevre	-	-
José Avelino Canongia	-	-
Vitorio Trento	-	-
Virgilio Rabaglio	-	-
Justino José Garcia	-	-
José Faustino de Lemos	-	-
Felice Blangini	-	-
Jan Ladislav Dussek	-	-

José Joaquim Nepomuceno Arsejas	-	-
Girolamo Crescentini	-	-
Fochi	-	-
Clementi	-	-
Adam Cramer	-	-
Baillot Rode	-	-
Ferdinando Carulli	-	-
Demar	-	-
Rugot	-	-
Wunderlich	-	-
Mayer	-	-
Philis	-	-
Azioli	-	-
Catel	-	-
Rey	-	-
Durante	-	-
Fioravanti	-	-
Lucas Argolini	-	-



## Anexo 4 – Tipologia dos Espaços onde se realizavam eventos musicais

Tabela nº3.1 – Tipologia dos Espaços onde se realizavam eventos musicais

Tipologia dos Espaços		
Igrejas, Conventos e Mosteiros	Casas, Castelos e Palácios	Outros
Igreja do Espírito Santo	Palácio do Marquês de Valença	Rua Nova
Igreja do Santíssimo Rosário	Palácio dos Duques de Lafões	Colegiada de Santiago
Igreja de São Paulo	Palácio da corte	Rossio
Igreja do Convento da Trindade	Palácio Real da Ribeira	Praça da Figueira
Igreja do Convento de São João de Deus	Palácio do Duque do Cadaval	Rio Tejo
Igreja / Hospital da Ordem Terceira da Penitência	Palácio do Rossio	Colégio de Santo Antão da Companhia de Jesus
Igreja de Nossa Senhora do Loreto	Palácio de Diogo de Mendonça Corte-Real / D. Lopo	Regimento de Cavalaria de Alcântara
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	Palácio Real da Ribeira / Teatro	Queluz
Igreja de Santa Engrácia / Santa Clara	Palácio de Francisco DuVernay	Teatro da Rua dos Condes
Sé de Lisboa / Igreja de Santa Maria	Palácio do Conde de Harrach	Ermida de Luís Gonçalves da Câmara
Igreja das Chagas	Palácio do Conde de Coculim	Ermida da Congregação do Senhor Jesus da Boa Hora Nova e Senhor das Dores
Igreja de Santa Isabel	Palácio do Conde de Avintes	Freguesia de São Julião
Igreja de São José	Palácio do Conde de São Vicente	Terreiro do Paço / Palácio do Terreiro do Paço / Palácio do Governo / Praça do Comércio

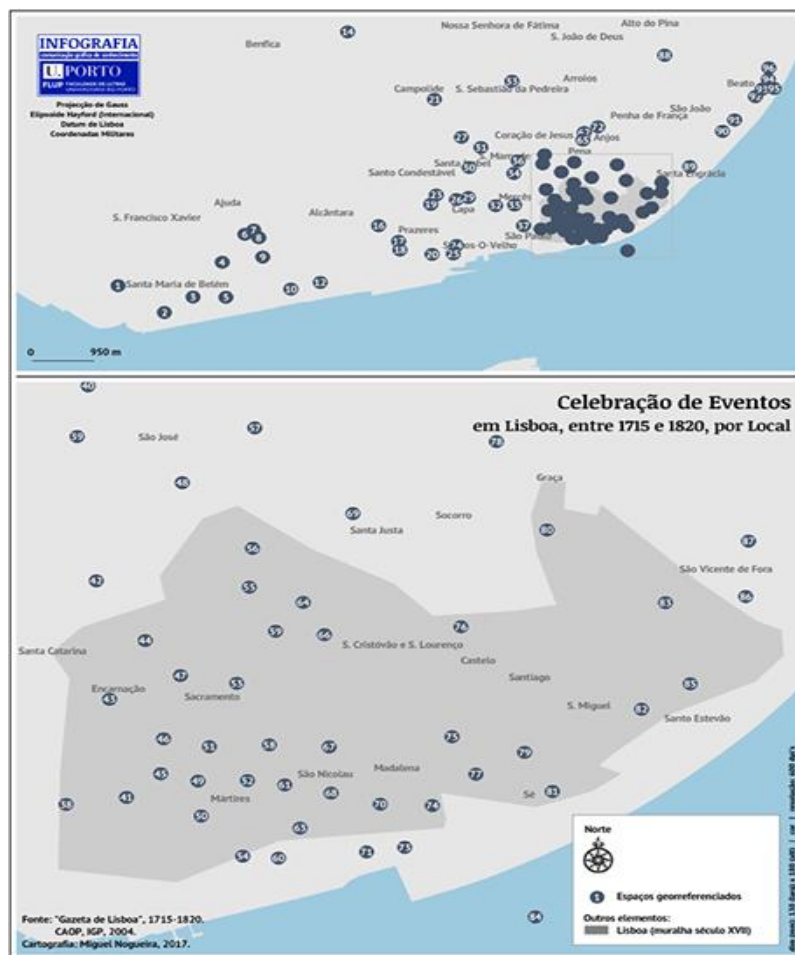
Igreja de São Julião / Ermida da Corporação dos Ourives da Prata	Palácio do Marquês de Los Balbases	Teatro Nacional de São Carlos
Igreja de São Roque	Palácio do Conde Fernão Nunes	Teatro do Salitre
Igreja de Nossa Senhora da Conceição / Misericórdia de Lisboa	Palácio da Junqueira / Palácio do Cardeal Patriarca de Lisboa	Rua Augusta
Basílica de Nossa Senhora dos Mártires / Irmandade do Santíssimo Sacramento	Palácio do Marquês de Capichelatro	Ermida de Nossa Senhora do Resgate das Almas
Igreja de Nossa Senhora do Livramento Igreja de Nossa Senhora das Necessidades / Hospício de Nossa Senhora das Necessidades	Castelo de São Jorge / Casa Pia no Castelo de São Jorge	Hospício de Nossa Senhora da Conceição da Bemposta
Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso / Igreja das Religiosas Irlandesas de São Domingos	Palácio Nacional da Ajuda / Igreja / Salão de Música / Teatro	Hospício de São João Nepomuceno / Igreja de Santa Ana
Convento de São Pedro de Alcântara	Palácio de Belém	Ópera do Tejo
Convento de Santana	Palácio de Palhavã	-
Convento da Cartuxa	Palácio de Queluz	-
Convento de São Francisco da Cidade / Hospício de Lisboa	Palácio da Marquesa de São Miguel	-
Convento de São Francisco de Paula	Palácio do Cardeal da Mota	-
Convento da Graça	Palácio de Montagnac	-
Convento de Nossa Senhora da Luz	Casa Inglesa	-
Convento de Jesus / Igreja Paroquial das Mercês	Casa do General Lannes	-
Convento de São Francisco de Xabregas	Casa de Jacinto Fernandes Bandeira	-
Convento de São Domingos / Igreja de Santa	Casa na Rua Barroca	-

Justa		
Convento de Nossa Senhora dos Remédios	Casa do Secretário de Estado	-
Convento de Nossa Senhora das Portas do Céu	Casa do Extraordinário do rei da Grã Bretanha	-
Convento da Boa Hora de Belém	Quinta em Belém	-
Convento de Nossa Senhora da Piedade da Esperança	Quinta do Cardeal Patriarca de Lisboa	-
Real Capela da Bemposta	Quinta nas Amoreiras (Rua dos Aciprestes)	-
Capela Real e Patriarcal	Quinta do Visconde da Baía	-
Capela de Nossa Senhora de Monserrate	Casa de Gonçalo de Sousa da Silva Alcoforado e Lencastre	-
Igreja do Real Seminário de Música da Patriarcal	Casa de Lourenço Homem da Cunha de Eça	-
Igreja Paroquial de São Sebastião da Pedreira	Casa de Jorge de Cabedo	-
Igreja de Santa Engrácia / Igreja de Nossa Senhora da Porciúncula	Casa de Campo do Marquês de Fronteira	-
Capela da Senhora do Monte do Carmo	Palácio Episcopal / Paço Episcopal / Terreiro da Sé	-
Mosteiro de São Vicente de Fora	Casa de Pedro António Avondano / Sessão das Nações Estrangeiras	-
Mosteiro de Nossa Senhora da Estrela	-	-
Mosteiro de Belém / Mosteiro dos Jerónimos	-	-
Mosteiro de Santo Agostinho ao Grilo de Lisboa (Agostinhas Descalças)	-	-
Mosteiro de Carnide	-	-

Mosteiro de São Bento da Saúde	-	-
Capela de São João dos Bemcasados	-	-
Mosteiro do Santíssimo Coração de Jesus	-	-
Capela de São Bartolomeu do Beato	-	-
Mosteiro de São Jerónimo	-	-
Capela de São Luís (nação francesa)	-	-
Mosteiro do Senhor Jesus da Boa Morte	-	-
Mosteiro de São Bento de Xabregas / Ermida de Santo Elói	-	-
Mosteiro de Madre de Deus de Xabregas	-	-
Mosteiro de Santo Alberto	-	-

## Anexo 5 – Mapa dos Locais de celebração de eventos musicais, em Lisboa, entre 1715 e 1820

Figura 3.3 – Mapa dos Locais de celebração de eventos musicais, em Lisboa, entre 1715 e 1820, com legenda



## Anexo 6 – Taxonomia dos Públicos dos Eventos Musicais

Tabela nº4.2– Taxonomia dos Públicos dos Eventos Musicais

Promotores (1)	Promotores (2)	Promotores (3)	Títulos, Cargos	Nominal
Entidades	coroa e família real	-	rainha	D. Maria Ana
Entidades	coroa e família real	-	rei	D. João V
Entidades	coroa e família real	-	rainha	D. Mariana Victória
Entidades	coroa e família real	-	rei	D. José I
Entidades	coroa e família real	-	rainha	D. Maria I
Entidades	coroa e família real	-	rei	D. Pedro
Entidades	coroa e família real	-	rei	D. João VI
Entidades	coroa e família real	-	Casa Real	-
Entidades	coroa e família real	-	família real	-
Entidades	coroa e família real	-	príncipe <sup>359</sup>	-
Entidades	coroa e família real	-	princesa <sup>360</sup>	-
Entidades	coroa e família real	-	princesa da Beira	D. Maria Bárbara
Entidades	coroa e família real	-	princesa da Beira	D. Maria Teresa
Entidades	coroa e família real	-	príncipe da Beira	D. Francisco António
Entidades	coroa e família real	-	príncipe da Beira	D. Pedro de Alcântara
Entidades	coroa e família real	-	príncipe do Brasil	D. José I
Entidades	coroa e família real	-	príncipe do Brasil	D. José
Entidades	coroa e família real	-	príncipe do Brasil	D. João
Entidades	coroa e família real	-	princesa do Brasil	D. Maria Francisca
Entidades	coroa e família real	-	princesa do Brasil	D. Carlota Joaquina
Entidades	coroa e família real	-	infanta	D. Maria
Entidades	coroa e família real	-	infanta	D. Francisca
Entidades	coroa e família real	-	infante	D. António
Entidades	coroa e família real	-	infante	D. Carlos

<sup>359</sup> Não fazemos a descrição nominal dos príncipes porque coincide com o que já foi feito para os Reis.

<sup>360</sup> Não fazemos a descrição nominal das princesas porque coincide com o que já foi feito para as Rainhas.

Entidades	coroa e Família Real	-	infante	D. Francisco
Entidades	coroa e Família Real	-	infante	D. João
Entidades	coroa e Família Real	-	infante	D. Pedro
Entidades	coroa e Família Real	-	infante	D. Pedro de Alcântara
Entidades	Academia	-	-	Academia Portuguesa
Entidades	Academia	-	-	Membros da Academia Portuguesa
Entidades	Academia	-	-	Académicos
Entidades	Academia	-	-	Intelectuais
Entidades	Academia	-	-	Academia Real da História
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa (D. Tomás de Almeida)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa (D. José Manuel da Câmara)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa (D. Francisco Saldanha)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa (D. Fernando de Sousa e Silva)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa (D. José Francisco Miguel António de Mendonça)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa (D. José Francisco Miguel António de Mendonça)

Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa (D. Carlos da Cunha e Menezes)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Patriarca de Lisboa (D. Frei Patrício da Silva)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Arcebispo de Braga (D. Gaspar)
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Cardeal
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Bispo da Guarda
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Bispo de Lamego
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Bispo de Macau
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Bispo de Macau, Cabo Verde e São Tomé
Entidades	clero	clero secular	Bispo	Bispo de Viseu
Entidades	clero	clero secular	Clérigos	Clérigos
Entidades	clero	clero secular	Clérigos	Prelados
Entidades	clero	clero secular	Clérigos	Párocos
Entidades	clero	clero secular	Clérigos	Padres
Entidades	clero	clero secular	-	Capitular do Bispado
Entidades	clero	clero secular	Clérigos	Cónegos da Patriarcal
Entidades	clero	clero secular	-	Corpo da Igreja Patriarcal
Entidades	clero	clero secular	-	Corpo Eclesiástico da corte
Entidades	clero	clero secular	-	Capelães da Igreja de Santo António
Entidades	clero	clero secular	-	Vigário
Entidades	clero	clero secular	-	Vigário Capitular do Bispado



Entidades	clero	clero secular	Cabido	Cabido
Entidades	clero	clero regular	-	Irmandade dos Clérigos
Entidades	clero	clero regular	-	Comunidades Religiosas
Entidades	clero	clero regular	-	Comunidades Mendicantes
Entidades	clero	clero regular	-	Prelados das Comunidades Religiosas
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Companhia de Jesus
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Padres da Companhia de Jesus
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Religiosos da Ordem de São Domingos
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Congregação do Oratório
Entidades	clero	clero regular	-	Comunidade do Convento de Nossa Senhora dos Remédios
Entidades	clero	clero regular	Feminino	Religiosas
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Fr. Isidoro Pestana
Entidades	clero	clero regular	Masculino	Fr. Inácio Pires de Carvalho Albuquerque
Entidades	clero	-	-	Provisor do Bispado
Entidades	clero	-	-	Santo Ofício
Entidades	Corporação	-	-	Casa dos Vinte e Quatro
Entidades	Corporação	-	-	Mestres da Casa dos

				Vinte e Quatro
Entidades	Corporação	-	-	Corporação dos Ourives da Prata
Entidades	Corporação	-	-	Chefes da Real Fábrica
Entidades	corte	-	-	corte
Entidades	corte	-	-	Principais da corte
Entidades	corte	-	-	Grandes da corte
Entidades	corte	-	-	Senhores da corte
Entidades	corte	-	-	Cavalheiros da corte
Entidades	corte	-	-	Damas
Entidades	Universidade	-	-	Professores da Universidade
Entidades	-	-	-	Diretores da Real Fábrica das Sedas
Entidades	-	-	-	Diretores Fiscais da Real Fábrica
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	-	Cavalheiros
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	-	Cidadãos
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	-	Dignidades
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	-	Fidalgos
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	-	Grandes do Reino
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	-	Pessoas Distintas
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Conde	Conde de Alva
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Conde	Conde da Caparica
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Conde	Fernão Nunes
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Conde de Strabemberg	D. Hermano José Bramquan
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Condessa	Condessa de Fernão Nunes

Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Duque	Duque do Cadaval
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Duque	Duque de Abrantes
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Duque	Duque de Souto Mayor
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Duque	Duque de Lafões
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	Diogo Inácio de Pina Manique
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	D. António
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	D. Tomás de Noronha
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	Luís Rodrigues Vilares
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Nobre	Tomé Joaquim da Costa Corte Real
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquês	Marquês de Bombelles
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquês	Marquês de Dangeau
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquês	Marquês de Sommeldiick
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquês	Marquês de Capichelatro
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquês	Marquês de Los Balbazes
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquês	Marquês de Castelo Melhor
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquês	Marquês de Penalva
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquês	Marquês de Pombal
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquês	Marquês de Alvito
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquês	Marquês de Torres Vedras
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	Marquesa	Marquesa de Bombelles

Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	-	Família do Conde de São Miguel
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	-	Parentes de Diogo Mendonça de Corte Real
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	-	Francisco Duvernay
Indivíduos	Aristocracia / Nobreza	-	-	Mons. De Montagnac
Indivíduos	Corpo Diplomático	-	Embaixador	Embaixador de Espanha
Indivíduos	Corpo Diplomático	-	Embaixador	Embaixador de França
Indivíduos	Corpo Diplomático	-	Embaixador	Embaixador de Malta
Indivíduos	Corpo Diplomático	-	Embaixador	Embaixadores dos Países Estrangeiros
Indivíduos	Corpo Diplomático	-	Embaixador	Núncio Apostólico
Indivíduos	Corpo Diplomático	-	-	Ministros Estrangeiros
Indivíduos	Corpo Diplomático	-	-	Diplomatas
Indivíduos	Corpo Diplomático	-	-	Cônsules
Indivíduos	Corpo Diplomático	-	-	Chanceler
Indivíduos	Militares	-	-	Oficiais do Regimento de Alcântara
Indivíduos	Militares	-	-	Cadetes do Regimento de Alcântara
Indivíduos	Militares	-	-	Militares Franceses
Indivíduos	Militares	-	-	Militares
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Juiz do Povo	-
Indivíduos	Oficiais	-	Juízes	-

	Administrativos			
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Juiz Conservador	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Juiz do Crime	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Juízes	Juízes da Casa dos Vinte e Quatro
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Juízes	Juízes das Bandeiras e Ofícios da cidade
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Juristas	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Contadores	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Meirinho	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Qualificador	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Vedores	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Provedores	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Porteiro da Cidade	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Corpo da Relação	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Corpo do Tribunal	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Comendadores	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Autoridades Cíveis	-

Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Oficiais do Tribunal de Contas, Casa Real e Estados Ultramarinos	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Magistrados	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Magistrados	Magistrados da Casa da Suplicação de Lisboa
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Advogados	Advogados da Casa da Suplicação de Lisboa
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Escrivão	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Escrivães	Escrivães da Casa dos Vinte e Quatro
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Escrivães	Escrivães das Bandeiras e Ofícios da cidade
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Vedor Geral da corte	João Luís de Azevedo
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Desembargador	José da Cunha Fialho
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Desembargador	António Joaquim de Pina Manique
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Desembargador	Gaspar Ferreira Aranha
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Ministros de Estado	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Inquisidor Geral	D. José
Indivíduos	Oficiais	-	Governador de Armas	Francisco de Paula

	Administrativos			Leite
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Governador de Faro	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Governador das Justiças	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Governadores	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Governo	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Ministros de Estado	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Secretário de Estado	-
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Secretário de Estado	João António Salter de Mendonça
Indivíduos	Oficiais Administrativos	-	Vereador	D. Caetano de Noronha
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	Criados	-
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	Criados	Criados da Casa Real
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Moradores
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Moradores do Bairro de Campolide
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Órfãos
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Pessoas de Lisboa Occidental e Oriental
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Pessoas de Arrifana de Sousa

Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Nação Alemã
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Nação Inglesa
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Nação Espanhola
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Nação Francesa
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Nação Italiana
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Estrangeiros
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Comerciantes Nacionais
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Comerciantes Estrangeiros
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Mercadores
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Negociantes
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Negociantes Batavos
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Negociantes Franceses
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Negociantes Italianos
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Negociantes Suíços
Indivíduos	Povo e Burguesia Urbana	-	-	Viajantes

Fonte – *Gazeta de Lisboa*, 1715-1820.